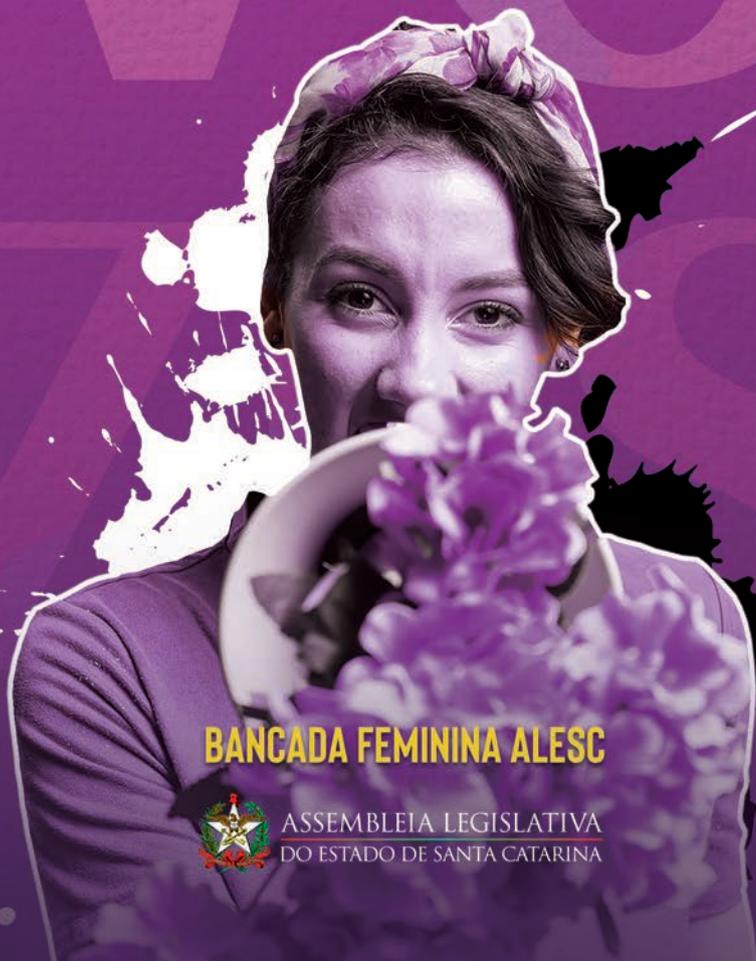


# VOZES DAS MULHERES CATARINENSES

NARRATIVAS DE HISTÓRIAS REAIS



**BANCADA FEMININA ALESC**



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
DO ESTADO DE SANTA CATARINA





## **VOZES DAS MULHERES CATARINENSES**

Narrativas de histórias reais

Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – ALESC

**Organização:** Secretaria da Mulher Assembleia Legislativa de Santa Catarina

**Pesquisa:** Monica Duarte, Ana Paula Tavares Fagundes, Soledad Urrutia, Marianne Cristina Tillmann

**Design gráfico, revisão, diagramação e editoração:**

Marcca Comunicação Ltda

VENDA PROIBIDA

# VOZES DAS MULHERES CATARINENSES

NARRATIVAS DE HISTÓRIAS REAIS

BANCADA FEMININA ALESC



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
DO ESTADO DE SANTA CATARINA

# Sumário

APRESENTAÇÃO .....	09
PREFÁCIO - MAGA STOPASSOLI .....	14
INTRODUÇÃO - SENADORA LEILA BARROS (LEILA DO VÔLEI).....	20
INTRODUÇÃO - SAMANTHA BUGLIONE.....	24
DEPUTADA PAULINHA .....	42
DEPUTADA ADA DE LUCCA.....	50
DEPUTADA LUCIANE CARMINATTI.....	58
DEPUTADA MARLENE FENGLER.....	62
DEPUTADA DIRCE HEIDERSCHIEDT.....	66
ELAINE OTTO.....	70
ELOAH WESTPHALEN NASCHENWENG .....	74
NEUSA DIAS .....	78
DIVINA MARA SANTOS DA ROCHA.....	82
TAMY FORTUNATO .....	86
YNDIARA ASP .....	90
MELISSA RIBEIRO .....	94
SELMA ADÃO.....	100
GISELLE MARQUES.....	104
GENILDA LIMA TABALIPA.....	108
VERA GASPARETTO .....	112
URDA ALICE KLUEGER .....	116
TANIA RAMOS.....	120
ANDREIA MONTEIRO .....	124
GIOVANA MONDARDO.....	128
PILAR SABINO.....	132
HAIDEE DENISE .....	136
MARGARETH HERNANDES.....	144
LUCIANA DE CARVALHO.....	148

<b>ANA CANDELMO</b> .....	152
INGRID HOFSTATTER.....	158
<b>JUSTINA INES CIMA</b> .....	162
NINA SANTIN CAMELLO .....	168
<b>DANIELA ROSENDO</b> .....	172
CLAUDIA PRUDÊNCIO.....	178
<b>ANA CRISTINA SILVA</b> .....	182
ANA CRISTINA BLASI.....	186
<b>JOANA MARIA PEDRO</b> .....	190
TANIA EBERHARDT.....	194
<b>SUELI PETRY</b> .....	198
CATERINE NOGUEIRA MENDES.....	202
<b>CELINHA FERNANDES</b> .....	206
CIBELLY FARIAS.....	210
<b>JANICE MERIGO</b> .....	114
CLEIDE MELLO.....	218
<b>MARIA DE FÁTIMA MEDEIROS E SILVA</b> .....	222
MARIA ODETE OLSEN .....	226
<b>ANITA PIRES</b> .....	230
MICHELLE DE SOUZA GOMES HUGIL.....	236
<b>ANA PAULA NIENKOTTER TAVARES</b> .....	244
BETH TISCOSKI.....	252
<b>JULIANA PAVAN</b> .....	256
ANA LÚCIA .....	260
<b>VALDEONIRA SILVA DOS ANJOS</b> .....	264
ANNALISA DALZOTO.....	268
<b>LUCIA DELLAGNELO</b> .....	272
ELIANE BUTIN.....	276
<b>MARCILEI VIGNATTI</b> .....	280
SUELENE CRUZ (SOL).....	286
<b>ROSANE ANTUNES PIRES INFELD</b> .....	288
MONICA DUARTE .....	292



# Apresentação

## **Afinal de contas, somos femininas ou feministas?**

As novas ondas conservadoras da política brasileira trouxeram a discussão do papel da mulher sob um enfoque denominado anti-feminista, que capitulou-se em Santa Catarina como o único lugar para as mulheres honestas, de bem, que aceitam que o homem é e sempre será o chefe da família, porque é mais forte fisicamente e porque Deus assim decidiu. Os apelos religiosos e acadêmicos do antifeminismo são diversos e profundos, e tentam trazer para a atualidade releituras históricas com o firme propósito de desmontar a luta secular promovida por gerações de mulheres que merecem, sim, todas as nossas homenagens. Afinal, estamos aqui porque, em seus tempos, elas se posicionaram para que pudéssemos ter salários mais justos, votar e ser votadas e tantas outras conquistas que colhemos ao longo do tempo.

Sim, é justo dizer que algumas correntes feministas modernas, ao sustentarem pautas que não reúnem a todas nós, também têm responsabilidade importante pela negação de muitas mulheres ao feminismo. Agarradas à ideologização política do seu conceito, passaram a promover uma competição desnecessária com a figura masculina, chegando até mesmo a se posicionar de forma cruel para com as próprias mulheres que ousassem discordar das suas bandeiras. Ao defender que a mulher independente e livre só é feliz na carreira profissional, que ela não pode escolher a maternidade,

o casamento heterossexual, os cuidados de beleza, a vida religiosa e, por conseguinte, a não aceitação do aborto, segregam o direito do feminismo para dogmas que não correspondem com o seu verdadeiro papel, que é, nada além da busca pelo respeito de igual forma, para qualquer pessoa, seja qual for a sua condição ou as suas decisões.

Nos últimos anos, incontáveis absurdos têm sido proferidos por líderes emergentes do antifeminismo, como se todas nós, feministas, fossemos esquerdistas radicais, tolerantes a violência contra homens e meninos, apoiadoras sanguinárias de todas as formas de aborto, inimigas da maternidade, da família, dos homens e de Deus. Atribuem a nós a autoria da perversão e da falência moral do estado, defenestrando e ridicularizando a história, suprimindo capítulos da vida real que todas nós ainda experimentamos, transferindo-nos para um mundo de contos de fadas que simplesmente não existe.

De outro lado, nós, líderes femininas e feministas, silenciamos. Com a maturidade entendemos que o confronto direto com outras mulheres que ascendem a espaços importantes não é o caminho mais agregador para o empoderamento feminino, porque nos flagela, nos segrega, nos divide. E não é nisso que apostamos. Enquanto isso, entretanto, todos os dias, a violência contra a mulher continua cada vez mais arraigada na sociedade brasileira, e aqui em Santa Catarina também. Mesmo com as novas leis, inúmeros programas de proteção e campanhas de sensibilização, os números não arrefecem. E mais e mais mulheres, de esquerda, de direita, de ideologia nenhuma, mulheres ricas e pobres, de todas as cores e idades, vivem a saga do menosprezo, do preconceito, da alienação, da violação e da morte.

Conheci uma jovem que defendia o antifeminismo, e quis entender o porquê. Uma profissional exemplar, boa mãe. Ela vivia numa

condição tão extrema de subjugação do marido que tolerava até mesmo a violência que seus filhos sofriam. O antifeminismo, para ela, era a sua redenção inconsciente, a explicação para o que ela deveria, no seu papel de “mulher obediente e honrada”, saber suportar.

Casos como este nos levaram, em dezembro de 2022, após a drástica redução de mulheres na bancada estadual catarinense, a revisitar o tema feminino e feminista. Em nosso encontro de encerramento das atividades parlamentares, reunidas em um jantar na casa da Deputada Ada de Luca, na companhia de Marlene Fengler, Luciane Carminati e eu, nasceu o esboço desse primeiro livro.

Em 25 anos de debates sobre as mulheres, avançamos muito menos do que merecemos. Isso porque deixamos o feminismo se tornar uma bandeira político-ideológica, e porque não estamos dispostos, enquanto pessoas, a reformar esse preconceito silencioso que está programado em nós desde que nascemos, impregnado em nossos lares há séculos.

Este livro, entretanto, não tem como meta aprofundar essa discussão. Não agora. Tampouco estamos aqui para “comprar a briga” com antifeministas. Nossa proposta é apenas tratar do conceito universal que nos assegura a Carta Magna, em seu artigo 5º, no capítulo que versa sobre garantias fundamentais, e que nos põe, homens e mulheres, com a mesma condição de deveres e direitos. Queremos zerar o jogo, e mostrar a você, leitor, como vivem as mulheres catarinenses, quais são as suas lutas, as suas percepções e como elas enfrentaram os desafios do preconceito para alcançarem o seu espaço na sociedade. Você vai encontrar histórias de mulheres incríveis, de todas as idades, de diversos dogmas religiosos, políticos, sociais e que,

independente de rótulos — feministas ou não — entenderam que precisamos estar do lado uma das outras para mostrar às meninas que vem aí que elas tem o direito de fazer suas escolhas, sem se sentirem expostas, violadas ou merecerem um julgamento por isso. E aos meninos também.

Somos um grupo de mulheres que acredita no resgate do verdadeiro feminismo, na acepção mais pura da palavra, como descreve o dicionário da Língua Portuguesa: igualdade e respeito. Sem exceções.

Muitas outras mulheres incríveis poderiam compor essa agenda nesse momento. E é por isso que este livro será seguido por uma plataforma virtual que contará suas histórias.

Meninas, a todas vocês que aceitaram o desafio de compartilhar conosco suas emoções nessa jornada, nosso amor eterno e nossa gratidão.

Aos homens que inspiram e apoiam as mulheres nas diversas escolhas, cientes que o feminismo é para todos, nosso muito obrigada. Juntos, com respeito mútuo, vamos abrir novos caminhos. De forma muito especial, meu reconhecimento e gratidão ao presidente do Parlamento catarinense, deputado Mauro de Nadal, que desde o nascimento deste sonho, apoiou a iniciativa.

Se há algo que floresce de forma inusitada e espontânea na alma de uma mulher é o amor. E é justamente mais amor nesse mundo de intolerância e preconceito que precisamos.

Boa leitura!

**Deputada Paulinha**

**Coordenadora da Secretaria da Mulher**

**Assembleia Legislativa de SC**

---





## PREFÁCIO

# Maga Stopassoli

### **O importante é abrir caminhos**

A obra que você passa a folhear a partir de agora é parte viva da história de mulheres iguais a qualquer uma de nós. As autoras compartilham suas vivências, extraídas do seu dia a dia ou de lembranças ainda vivas do que enfrentaram, tornando inestimável o valor desta obra. Na sua concepção mais ampla, feminismo também é sobre mulheres que incluem outras mulheres na conversa. Neste livro, pré-concebido por mulheres que deixaram sua marca na história de Santa Catarina, e que mesmo com suas diferenças souberam unir esforços para representar e dar voz às mais diversas pautas em comum, as deputadas estaduais Paulinha e Luciane e as ex-deputadas Marlene, Ada e Dirce, você poderá mergulhar na história de mulheres comuns.

A bancada feminina da Assembleia Legislativa traz histórias e percepções que poderiam ser a nossa. Dar voz, visibilidade e importância ao olhar feminino sobre a vida, é parte fundamental do fortalecimento protagonizado por mulheres.

Vivemos numa época em que o combate ao feminismo no Brasil tornou-se um negócio estruturado, lucrativo. Mas a quem interessa convencer outras mulheres que elas não podem questionar o padrão imposto?

Se o lugar em que nos encontramos hoje é diferente de poucos anos atrás não foi por acaso ou sem esforço. Foi pela luta incansável de mulheres que, ocupando os mais diversos lugares na sociedade, não se conformaram. Bem como todos os homens que entenderam que o abismo estrutural merece, sim, uma reparação. Se hoje damos passos mais largos, ainda que a distância seja brutal entre o que já conquistamos e o que almejamos, devemos olhar pelo retrovisor enquanto reverenciamos a cada uma das mulheres que veio primeiro. E eu, que nesta ocasião ocupo o privilegiado espaço de prefaciar esta obra, me curvo diante da grandeza de todas as autoras deste livro e também às mulheres que vieram antes de mim. Ao enfrentarem o sistema imposto, e não se curvarem diante dele, abrem caminhos para as que virão depois.

No caminho que hoje trilhamos com menos agruras, ecoa também a voz das nossas avós. A força dessas mulheres está presente em tudo que fazemos. Elas vieram antes, fizeram primeiro o ato de resistir. Tudo isso num período ainda distante da revolução digital que também serviu como uma ferramenta de auxílio e socorro, muitas das vezes. Mulheres que sobreviveram a incontáveis formas de violência,

por que não tinham escolha. Ao que veio através delas, pela força da natureza que são, e por terem sobrevivido a uma sociedade culturalmente ainda mais adoecida, nossa reverência.

Que este livro sirva de inspiração para que outras mulheres se sintam representadas nas histórias que encontrarão aqui. Quando uma mulher escreve um livro, sua voz é ouvida. Quando várias mulheres escrevem um livro juntas, a história de todas as mulheres é contada, ao menos um pouquinho, porque as mulheres sabem. Elas sempre sabem.

Numa sociedade que refuta a luta feminista, também é nosso papel ressaltar que as maiores e mais latentes dores no ambiente feminino são as violências doméstica e de gênero, que não têm cor, classe social e nem ideologia. Por isso, a importância de tratar do assunto tantas vezes quantas forem necessárias.

Quais foram as amarras secularmente impostas a nós a ponto de reverberar até hoje nessa disputa invisível e perigosa que tanto nos afasta? O que nos impede de apoiar outras mulheres?

Um especial agradecimento às autoras deste livro que, ao enfrentarem o sistema imposto, e não se curvarem diante dele, abrem caminhos para as que virão depois. Obrigada por dividirem generosamente com os leitores suas histórias e sonhos. No plural, porque nenhuma mulher é apenas o que se pode ver: Paulinhas, Adas, Lucianes, Marlenes, Dirces, Samanthas, Elaine, Eloahs, Neusas, Divinas, Tammys, Yndiaras, Melissas, Selmas, Giselles, Genildas, Veras, Urdas, Tánias, Andreias, Giovanas, Pílares, Haidees, Margareths, Lucianas, Anas, Ingridas, Justinas, Ninas, Danielas, Claudias, Anas Cristinas, Anas, Joanias, Suelis, Catherines, Celinhas, Cibellys, Janices, Cleides, Marias de

Fátima, Marias Odetes, Anitas, Michelles, Anas Paulas, Beths, Julianas, Ana Lucias, Valdeoniras, Annalisas, Lucias, Elianes, Marcileis, Suelenes, Rosanes, Mônicas e todas vocês.

Invoco a brilhante e premiada escritora mineira, Conceição Evaristo, que, muito sabiamente, disse: “O importante não é ser o primeiro ou primeira, o importante é abrir caminhos.”

Com todo amor que houver nessa vida,  
um beijo,

**Maga Stopassoli**

**Jornalista**







## INTRODUÇÃO

Senadora

# Leila Barros

Falar de feminismo é, antes de mais nada, falar de igualdade e justiça. Esta não é uma pauta exclusiva de um grupo, mas uma luta que deve ser abraçada por todos os setores da sociedade. O livro **Vozes das Mulheres Catarinenses - Narrativas de histórias reais** reúne uma variedade impressionante de vozes e vivências, demonstrando que o feminismo não é único, mas sim multifacetado.

A busca pela igualdade de direitos e oportunidades não deve ser vista como uma ameaça, mas como uma valorização do potencial humano em toda a sua diversidade. É uma luta que transcende rótulos e dogmas, acolhendo a todos que compartilham da visão de um mundo mais justo.

Talvez um dos aspectos mais poderosos desse movimento seja o seu apelo universal à dignidade. Quem, independentemente de ideologia política ou crença religiosa, poderia argumentar contra o direito de todas as mulheres de viverem livres de violência e

discriminação? Quem poderia negar a justiça de assegurar que todas as mulheres tenham acesso às mesmas oportunidades de educação, trabalho e representação política que os homens?

O respeito pela mulher, o combate à violência de gênero e a promoção da igualdade salarial são temas que nos afetam direta ou indiretamente, independentemente de nossa identidade de gênero. São questões que dizem respeito à saúde da nossa sociedade como um todo. E é exatamente essa a essência da proposta deste livro: mostrar que o feminismo, em sua raiz, é sobre humanidade.

Portanto, eu os convido a abrir as páginas desta obra com a mente aberta e o coração disposto a acolher as histórias e perspectivas que compõem este rico conjunto da experiência feminina catarinense. São relatos que não apenas refletem as lutas e conquistas das mulheres, mas que iluminam o caminho para um futuro mais igualitário e justo para todos.

O feminismo, quando entendido em sua mais pura essência, é uma celebração da igualdade, do respeito e da liberdade. E é através do diálogo e da inclusão que conseguiremos construir uma sociedade que reflita esses valores.

Iniciativas como esta, lideradas pela Bancada Feminina da Assembleia Legislativa de Santa Catarina e coordenadas pela deputada Paulinha, representam um avanço significativo na promoção do diálogo sobre igualdade de gênero.

Que as vozes catarinenses deste livro reverberem nas consciências de todo o Brasil e que todos possam entender que o feminismo não é o grito de um gênero, mas a manifestação de uma sociedade em busca de equilíbrio e justiça para todos.

**Leila Barros**

**Senadora da República (PDT-DF)**





# Samantha Buglione

## **Vozes das mulheres catarinenses - narrativas de histórias reais**

*“Eu sou mulher, não preciso ser forte o tempo todo. Posso ser vulnerável, posso chorar, posso sentir medo. Minha força está na minha coragem de enfrentar meus medos e seguir adiante.” - Rupi Kaur*

*“A mulher que faz poesia é uma mulher que ousa, que se liberta, que desafia as convenções e escreve a sua própria história. Ela é dona da sua voz e transforma palavras em versos, versos em emoções e emoções em vida.” - Adélia Prado*

Há tantos feminismos, feministas e femininos. É na natureza humana a diversidade e as singularidades. O desafio de um tecer que só é possível quando da diversidade de fios e, quanto mais diversos em cores e texturas, mais interessante e forte o tecido.

Todo o discurso hegemônico é perigoso, não apenas pela imposição de uma perspectiva de mundo, mas pelo empobrecimento da capacidade de o perceber. Criamos uma cegueira quando optamos pelos totalitarismos.

A história das mulheres é atravessada por afirmações sobre nós. Sobre o que somos e podemos ser: a mulher assertiva é violenta, a política é masculina, a mulher sensível é fraca. Quantas vezes nos mandaram baixar a voz, questionaram nossa postura ou interromperam nossas frases ou, ainda, nos explicaram algo sobre o qual somos doutoras ou temos uma vasta experiência. Quantas vezes tiraram de nós o protagonismo, inclusive sobre nosso próprio corpo. E quantas vezes caímos na cilada de nos odiarmos porque discordamos, tendo de assumir um lugar de feminista ou feminina, como se não pudessemos ter vários papéis. Ainda vivemos sobre o manto da puta ou da dança. A cultura e patriarcado também nos atravessa.

Este livro reúne vozes. Vozes diversas de mulheres diversas com experiências singulares, mas com algo comum: a polis. Mulheres preocupadas com a arte política, em ampliar os acessos, questionar as estruturas, sugerir e criar, mesmo na picada, novos caminhos. Nenhum ato de questionamento é impune. Ele faz fissuras e causa incômodos. Falar do feminino, do feminismo, é falar de um ato disruptivo. No início, era o verbo e o verbo se fez carne. Falar é agir no mundo também.

Somos todas, em alguma medida, filhas e netas de Antonieta de Barros. Uma das três primeiras mulheres eleitas no Brasil, a única negra, em 1934 num dos estados mais conservadores do país. Muitas coisas mudaram e outras tantas seguem iguais. Sim, Antonieta era excepcional. E não somos todas?

Fazer esta introdução foi um desafio. São muitas mulheres excepcionais. Qual ponto eleger para destacar? Qualquer escolha minha será a menor. Assim, optei por pinçar elementos comuns dos textos-depoimentos, trazendo ao leitor um sumário da ideia que me pareceu central em cada texto. Meu desejo é que a leitura deste livro instigue novas perguntas. Necessitamos de novas perguntas.

Na minha leitura dessas mulheres percebi que cada uma à sua maneira destacava a importância das lutas pelos direitos das mulheres, enfatizavam a necessidade de combater a desigualdade de gênero, promover a igualdade de oportunidades e garantir o respeito e a valorização das mulheres em todas as esferas da sociedade. Apesar das diferentes perspectivas e experiências pessoais (e talvez exatamente por isso), as autoras convergem ao ressaltar a importância do feminismo como um movimento de busca pela igualdade e justiça.

A deputada Paulinha começa o livro trazendo um testemunho comum a muitas mulheres: o quanto demoramos para entender e perceber a importância do feminismo e o quanto, infelizmente, viver experiências de violência e abuso nos é comum.

Podemos ter críticas e incômodos em relação ao feminismo, mas é indiscutível sua importância política, não apenas como movimento, mas como paradigma de pensamento. A busca pela igualdade não significa ignorar ou aniquilar as diferenças, mas trata-se de evitar que se tornem razão de vulnerabilidade. Outro elemento importante é a atenção em se construir ideais humanos inventados, por que o conceito mesmo de pessoa é um conceito moral e se altera ao longo da história, podendo ser ele mesmo inclusivo ou excludente.

Ada de Lucca aborda a importância do 8 de março como um momento de reflexão tanto para homens quanto para mulheres.

Ela ressalta a necessidade de a sociedade atualizar-se em relação aos direitos das mulheres e enfatiza que as escolhas pessoais e profissionais devem ser feitas pelas mulheres visando sua própria satisfação. Menciona a luta contra a violência e a importância de fornecer apoio e acolhimento às mulheres que desejam sair de relacionamentos abusivos e enfatiza que o lugar da mulher é onde ela quiser.

A deputada Luciane Carminatti discute a importância de ampliar o espaço e a voz das mulheres, combater a violência e garantir direitos iguais. Ela se denomina feminista e destaca a importância do respeito às escolhas e individualidade das mulheres. O livro promovido pela Bancada Feminina é mencionado como uma oportunidade de dar voz e valorizar a diversidade das mulheres.

Marlene Fengler resgata sua experiência no campo como um lugar de aprendizagem, as atividades que exigiam força, perseverança, resiliência e muita dedicação. Um pai e uma mãe que exerciam, na prática, uma paridade de funções. Nem sempre o feminismo precisa ser uma fala para ser um fato. Marlene foi a primeira mulher chefe de gabinete da presidência da ALESC. Tanto tempo nos separam de Antonieta, mas tanto nos aproxima.

E às vezes ainda vivemos sob a sombra do Estatuto da Mulher Casada. Dirce Heiderscheidt expõe o quanto, por inúmeras vezes, seu estado civil lhe furtou o protagonismo. Era a “mulher do político” quando ela mesma exercia esse papel. E deixa claro o orgulho em ser várias, a esposa, a mãe, a avó. O ponto que merece ser observado aqui é a insistência em reduzir as mulheres a um único lugar. Se o lugar de fala importa é porque precisamos não apenas da fala, mas do lugar reconhecido e legítimo para tanto. Ocupar diferentes lugares sem precisar excluir um para estar em outro.

Elaine Otto reconhece o Dia Internacional da Mulher como uma ocasião para celebrar as conquistas femininas ao longo dos séculos e ressalta a importância de combater os problemas de gênero com dedicação pessoal e esforço coletivo. Ela compartilha sua própria experiência como professora e a luta que travou para obter igualdade de direitos entre gêneros no ambiente de trabalho.

Eloah Westphalen Naschenweng ressalta a importância de ressignificar a própria jornada como mulher, buscando oportunidades e ventos favoráveis. Enfatiza o protagonismo feminino na luta pelos direitos civis e encoraja outras mulheres a serem donas de sua felicidade, mostrando solidariedade e apoio mútuo.

Neusa Dias discute o feminismo como uma teoria que trouxe uma nova leitura sobre o papel das mulheres na sociedade, defendendo a igualdade de gênero e a desconstrução das relações de poder. Traz a importância de manter e proteger os direitos conquistados pelas mulheres ao longo do tempo, destacando seu envolvimento em projetos e organizações voltados para o empoderamento feminino.

Divina Mara Santos da Rocha compartilha sua experiência pessoal de enfrentar desafios como mulher e lutar pelos direitos iguais. Ela relata o exemplo de sua mãe, que desafiou normas culturais para garantir seu direito de registrar a filha com seu sobrenome. Divina também fala do seu trabalho através do projeto chamado “Mulheres em Ação”, que visa ajudar mulheres em situação de vulnerabilidade por meio de atividades e apoio mútuo.

Tammy Fortunato e Yndiara Asp também destacam a importância do Dia Internacional da Mulher como um marco histórico, lembrando-nos das conquistas alcançadas por meio da luta por

igualdade de direitos. Ambas ressaltam a necessidade contínua de manter a vigilância em relação aos direitos das mulheres e combater a violência de gênero. Enquanto Tammy Fortunato enfatiza a importância da educação das novas gerações e diferencia o feminismo do femismo, Yndiara Asp compartilha sua experiência como skatista profissional e destaca o papel do feminismo na quebra de barreiras no esporte. Ambas enfatizam a união das mulheres e a importância de contribuir para um futuro mais igualitário.

Melissa Ribeiro aborda a falta de valorização das mulheres em diversos aspectos da sociedade, como a estética, maternidade, carreira, violência, sexualidade e saúde. Ela compartilha sua experiência pessoal de enfrentar o câncer e a deficiência resultante, e destaca a importância de se valorizar como mulher e não abandonar os sonhos. Melissa também resalta a importância da união das mulheres e do trabalho voluntário para promover mudanças nas políticas de saúde.

Selma Adão destaca a necessidade de olhar além das mulheres que já possuem privilégios e alcançar aquelas que são frequentemente esquecidas, como as mulheres periféricas, chefes de família e mães solteiras. Ela enfatiza a importância de criar mecanismos e espaços inclusivos para que as vozes dessas mulheres sejam ouvidas e suas necessidades atendidas. Selma também destaca a importância do feminismo negro e do apoio mútuo entre as mulheres na busca por igualdade e justiça.

No contexto das autoras, Giselle Marques olha a historicidade das lutas pela igualdade, Genilda Lima Tabalipa traz a importância do feminismo no Movimento Nacional dos Catadores, Vera Gasparretto enfatiza a importância da justiça e dos direitos das mulheres,

Urda Alice Klueger reflete sobre as experiências vividas ao longo de sua vida e Tânia Ramos aborda as desigualdades enfrentadas pelas mulheres periféricas e negras. Essas autoras convergem ao enfatizar a importância do feminismo como um movimento de luta por igualdade de gênero, destacando a necessidade de combater desigualdades estruturais e reconhecer as diferentes realidades e vivências das mulheres. Elas reafirmam a importância do Dia Internacional da Mulher como um momento de reflexão e de mobilização para a busca de direitos e justiça.

Andreia Monteiro é sem rodeios: “ser mulher não é fácil, não” ela diz. E traz como elemento singular da sua história o seu ser andrógino. Conta, também, um episódio de discriminação, quando teve a assinatura da carteira negada porque “tinha opções em minha vida não adequadas ao sistema social do clube”. E quantas de nós somos inadequadas ao sistema? Exatamente porque o sistema tem problemas, não nós. E quantas vezes nos culpamos por isso? “Ser andrógina me colocou em um lugar que me faz sentir os dois lados, trabalhei muito a questão masculina e feminina em minhas sessões de análise e tenho clareza que ser mulher de verdade é uma resistência!”. Sim, é sim.

Genilda Lima Tabalipa, Giovana Mondardo, Pilar Sabino e Haidee Denise discutem a questão da igualdade de gênero e o papel do feminismo na luta por direitos das mulheres. Elas destacam a importância de serem respeitadas como mulheres e reivindicam o reconhecimento de seu trabalho e a valorização de suas conquistas. Todas concordam que ser mulher é uma experiência multifacetada e complexa, envolvendo diversos papéis e identidades. O feminismo é

visto como um movimento que busca a igualdade de direitos, promove a justiça social e contribui para a construção de uma sociedade mais equilibrada e respeitosa. O texto destaca também a importância de políticas públicas e leis protetivas para combater a violência e garantir os direitos das mulheres.

Já Margareth Hernandez, Luciana de Carvalho, Ana Candelmo e Ingrid Hofstatter abordam diferentes aspectos do feminismo e da luta pelos direitos das mulheres. Elas destacam a importância de reconhecer a identidade de gênero como questão central, além de combater preconceitos e desigualdades enfrentados pelas mulheres, incluindo mulheres trans e travestis. Enfatizam a busca pela igualdade de oportunidades e direitos, como a participação política, a igualdade salarial, o combate à violência de gênero e o enfrentamento do patriarcado. As autoras também ressaltam a importância da união entre os movimentos feminista, LGBTI, antirracista e outros movimentos sociais na luta pela diversidade e inclusão de todos. Nesse sentido, Justina Inês Cima, que faz parte do movimento de mulheres camponesas, desde o seu surgimento a mais de 40 anos, mostra o quanto é a onda conservadora e colonialista que está a atacar valores humanos como a solidariedade, a empatia, o respeito e a dignidade humana. E afirma que tanto os corpos quanto as mentes das mulheres são construções sociais feitas numa sociedade dominada pelos homens e pelo capital. “ser mulher é ter a capacidade de entender e de me contrapor a isso”, ela diz.

As autoras também destacam a importância de uma visão plural do feminismo, reconhecendo que cada mulher é única e que o movimento é diverso em suas abordagens. Elas defendem a busca

pela igualdade de respeito, oportunidades e direitos, independentemente de gênero, religião, orientação sexual ou raça. Ressaltam a necessidade de avançar em questões como igualdade salarial, direitos reprodutivos, combate à violência de gênero e distribuição igualitária das responsabilidades domésticas. Além disso, enfatiza a importância da irmandade feminina, do apoio mútuo e do empoderamento das mulheres para alcançar um futuro mais livre, inclusivo e igualitário.

Nina Santin Camello, vereadora em Jaraguá do Sul, destaca que ser mulher envolve coragem para enfrentar desafios diários na busca por ideais. Fala da resistência enfrentada por mulheres na política e a necessidade de exigir respeito e posicionar-se em um ambiente machista. Apesar dos obstáculos, ser mulher também é empoderador e possibilita a realização de feitos extraordinários.

Daniela Rosendo ressalta a diversidade do movimento feminista e sua importância na conquista de direitos. Observa a necessidade de combater retrocessos e enfatiza a relação entre teoria e prática no feminismo. Cláudia Prudêncio enfatiza os desafios enfrentados pelas mulheres, como a disparidade salarial e a violência de gênero. Ela vê o feminismo como uma busca por igualdade, independentemente de ideologias ou partidos políticos, e destaca a importância da união entre homens e mulheres.

Ana Cristina Silva, ex moradora de rua e usuária de drogas, hoje pastora diz que o movimento feminista representa, para ela, “a luta pela igualdade social e também contra os abusos e violência contra as mulheres”, assim, ser mulher é tanto a liberdade de escolha quanto a possibilidade de ter voz. De outro lugar e experiências para Ana Cristina Blasi, juíza, ser mulher é “saber se amar e se respeitar, antes

de tudo”. Entre seus trabalhos ela contribuí para a realização do projeto estadual da casa de acolhimento à mulher vítima de violência doméstica que, hoje, acolhe e abriga, em Santa Catarina, 16 mulheres em situação de risco, juntamente com seus filhos, crianças de 0 a 12 anos.

Joana Maria Pedroso, Tania Eberhardt, Sueli Petry e a Vereadora Caterine Mendes são autoras que compartilham pontos em comum em relação ao feminismo e à luta das mulheres por direitos iguais. Elas destacam a importância de mulheres que as estimularam e protegeram ao longo de suas trajetórias, reconhecendo a necessidade de apoio mútuo entre as mulheres. Além disso, enfatizam a busca por igualdade de gênero, incluindo direitos como salários iguais, formação completa, participação política, respeito ao corpo e combate à violência de gênero. Elas reconhecem que o feminismo é uma luta constante e que ainda há muito a ser feito para alcançar a igualdade plena, mas acreditam na capacidade das mulheres de promover mudanças e ocupar espaços antes inacessíveis. Essas autoras inspiram-se nas ideias feministas para suas vidas pessoais, pesquisas e atuação na sociedade, defendendo a importância de uma luta firme e cotidiana para transformar a cultura machista e conquistar o reconhecimento que as mulheres merecem.

Celinha Fernandes, filha de agricultores, professora de letras, faz coro a percepção de que “nenhuma mulher é igual a outra, cada uma têm seus valores, suas essências”.

E é sobre garantir as diferenças de que se trata o feminismo.

Cibelly Farias, Janice Merigo, Cleide Mello e Maria de Fátima Medeiros e Silva são autoras que se destacam na luta pelo feminismo

e igualdade de gênero. Compartilham histórias e experiências que evidenciam a importância da união das mulheres na busca por direitos e equidade e enfatizam a importância da educação como ferramenta fundamental na conscientização e empoderamento das mulheres. Acreditam que a educação deve ir além da transmissão de conhecimentos acadêmicos, abordando também questões de gênero e promovendo uma cultura de respeito e igualdade desde cedo. Além disso, essas autoras destacam a sororidade, conceito fundamental para o feminismo, onde as mulheres se unem em solidariedade e empatia, superando divisões e enfrentando desafios juntas.

“Penso que sou feminista desde sempre” diz Maria Odete Olsen, ícone do jornalismo catarinense. Conta que aos 13 anos, disse ao meu pai que queria trabalhar com ele e que foi nesse gesto de vontade que deu seu primeiro grito de independência.

Anita Pires, Michelle de Souza Gomes Hugil e Ana Paula Tavares compartilham uma visão comum sobre a importância da igualdade de gênero e a inclusão das mulheres em todos os aspectos da sociedade. Anita Pires acredita que a verdadeira transformação só ocorrerá quando as mulheres forem incluídas no mundo do trabalho, na vida pública e social. Para alcançar essa igualdade, é necessário implementar políticas públicas e legislações que garantam oportunidades iguais para mulheres e homens. Ela destaca a baixa representatividade feminina nos cargos executivos e políticos como um exemplo claro da falta de equidade de gênero. Michelle de Souza destaca a necessidade de reflexão sobre as violências contra as mulheres e as conquistas alcançadas em termos de igualdade de direitos. Observa que apesar dos avanços legais, as mulheres continuam subjugadas

e enfrentam estereótipos de gênero arraigados na cultura. Michelle defende um feminismo que luta pela transformação da sociedade, garantindo direitos e oportunidades iguais para todas as pessoas, independentemente de gênero, classe social, etnia ou orientação sexual. Ana Paula, por sua vez, compartilha a sua experiência pessoal de inconformidade com as limitações impostas às mulheres desde a infância. Ela questiona os estereótipos de gênero e o papel tradicional atribuído às mulheres na sociedade. Ana Paula defende o direito das mulheres de decidir sobre suas próprias vidas e trabalha no enfrentamento das violências que elas vivem. Nesses textos-depoimentos ressalta-se a importância de incluir a perspectiva de gênero em todas as esferas da sociedade, promover a participação das mulheres nos espaços de poder e combater as desigualdades e violências baseadas no gênero. Para elas, a igualdade de gênero não é apenas uma questão moral, mas também uma condição fundamental para reduzir a pobreza, promover o desenvolvimento humano e construir um mundo mais justo e fraterno.

Para Beth Tiscoski o feminismo é quebra de paradigma, por isso esta em todos os lugares, “quando uma mulher ocupa um lugar que antes era apenas dos homens, não importa se é na política, na escola, em uma empresa ou em casa, como chefe de família. Aquela conquista é resultado de paradigmas quebrados diante de toda a criação que recebemos.” E para Juliana Pavan o feminismo é luta contra o patriarcado e contra todas as formas de opressão que as mulheres sofrem.

Ana Lúcia traz algo muito importante nesta abordagem sobre as mulheres, o questionamento do quanto a cobrança não é apenas social, mas pessoal, sem direito a “fraquejar”.

“Ser mulher na nossa sociedade é uma construção diária”, diz a Professora Valdeonira Silva dos Anjos destacando os mais de 113 anos da data que congrega as mulheres no mundo e o quanto ainda há muito por fazer. De forma muito próxima Annalisa Dalzoto, educadora financeira, fala da mulher maravilha. Do privilégio que teve por ter pais que a fizeram acreditar que eu poderia fazer qualquer coisa, mas se diz ser da época em que tinha de ser a “mulher maravilha”: trabalhar, cuidar da casa, filhos, marido, fazer academia, as unhas, se arrumar. “Socorro!” Ela diz. Para ela o feminismo está em todos os lugares por circular, como ferramenta fundamental para o desenvolvimento dos negócios e de toda a sociedade. E Lúcia Dellagnelo reforça o quanto ao longo da história foram sendo criados e reproduzidos estereótipos sobre o lugar da mulher na sociedade. E esse lugar era geralmente invisível e limitado ao ambiente familiar.

Eliane Butin observa que para se tirar as culpas impostas as mulheres simplesmente por serem mulheres deve-se trazer outras realidades e ela reforça o coro do movimento feminista ser um movimento pela igualdade.

E Marcilei Vignatti destaca que mesmo as mulheres serem a maioria em nosso país, ocupam poucos espaços de poder e decisão, sendo fundamental, ela diz “o avanço do feminismo enquanto movimento político revolucionário que rompe com opressões, cria condições para ampliação na ocupação de espaços e interrompa ciclos de violência”.

E a poeta Suelene Cruz fala através da prosa “... o que seria das minhas dores femininas sem meu corpo recatado e coberto de panos de uma boa moça?...”.

Para Rosane Antunes Pires Infeld, o feminismo “é ser mulher em todos os espaços, com igualdade de gênero, respeito e, acima de tudo, com a liberdade de ter opiniões e ocupar o espaço que escolher sem disputas. Simplesmente ser mulher”.

Por fim, Mônica Duarte compartilha o quanto o feminismo a fez enxergar o peso das mulheres precisarem sempre ter de provar, mostrar sua inteligência, trabalhar dobrado para um mínimo reconhecimento, além das exigências de cumprir padrões estéticos, sem falar das jornadas duplas ou triplas para dar conta da família, trabalho e casa, isso sem falar das mães solas.

Voltamos à mulher maravilha. Mônica destaca que, como uma liderança comunitária e uma mulher que trabalha dentro da política, percebe que ainda há muito o que caminhar e o quanto as políticas públicas, embora existam no papel e na legislação, também precisam do “querer dar certo” por parte de quem as escreve.

O feminismo é um movimento político e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens. Diversas autoras compartilham essa visão e destacam a importância do feminismo na conquista de espaços antes dominados pelos homens. E parecem convergir no fato de o feminismo ser um movimento transformador em busca de justiça e igualdade para todas as pessoas.

A ideia que atravessa o texto é a importância do feminismo como um movimento de luta por igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres. Ao longo dos depoimentos e reflexões das autoras, há um consenso em relação à necessidade de combater as desigualdades estruturais, reconhecer e valorizar as diferentes realidades das mulheres, promover a inclusão e a diversidade, e buscar a igualdade

de oportunidades e direitos em diversos aspectos da sociedade, como no trabalho, na política, na educação, na saúde e na cultura. O feminismo é visto como uma ferramenta essencial para a construção de um mundo mais equilibrado, justo e respeitoso para todas as mulheres.

### **Samantha Buglione**

#### **Doutora em Ciências Humanas, Escritora e Psicanalista.**

---

Autora, entre outros livros, da novela “Amãe inventada”(2022), do livro de contos “Carimbos”(2020) e do livro infantil “Caracol sem teto” (2021).









Deputada

# Paulinha

Demorei pra entender e perceber a importância do feminismo. A quinta filha de uma família humilde de seis irmãos tinha muitas outras coisas pra se preocupar, e o exemplo da mãe, das tias, da avó, tão dedicadas e resilientes, pra não dizer submissas, não me permitia perceber o que a vida me reservaria.

As dificuldades que se impunham nos meus dias, no entanto, não foram capazes de sufocar o propósito que Deus já tinha escolhido pra mim, hoje eu sei, até mesmo antes de eu nascer. Porque desde menina fui assistida por uma coragem ingênua, contestadora, crítica das injustiças, da violência, do preconceito. Eu intuía, de alguma forma, que minha existência seria de luta, não aquela pelos diplomas ou por bens materiais, mas a luta de direitos, que coubesse respeito para todas as pessoas.

Essa condição, no entanto, não me poupou de experimentar os mais diversos tipos de violência de gênero e preconceito, inclusive

aqueles segredos, que não contamos pra ninguém, que ficam escondidos nas paredes do lar. Sim, também vivi um relacionamento abusivo, que violou a minha alma durante longos e ininterruptos anos. E foi por muito pouco que consegui escapar. Porque é difícil demais contestar a violência psicológica, quando nos sentimos no dever de cumprir aqueles papéis todos que somos treinadas desde meninas, e que conhecemos com riqueza de detalhes. De uma forma ou de outra, competimos entre nós porque somos programadas pra ser todas essas: a que tem a casa mais limpa, que tem aquela receita de comida exclusiva lembrada por gerações, que oferece o melhor colo quando alguém está doente, e agora, nos novos tempos, a que tem o melhor desempenho acadêmico, que trabalha fora, que é bonita e se cuida e está sempre pronta pra receber os convidados do marido. Porque, não raro, trocamos os nossos amigos depois que casamos, já que nos falta o mínimo de tempo para escolher o que nos aprecia realmente. Antes que alguém pense: ah, mas eu adoro cozinhar pra família! Tudo bem. Eu, inclusive, também adoro. O problema surge quando o prazer vira obrigação, muitas vezes consentida a benefício da aprovação que esperamos para sermos merecedoras do amor. É duro admitir, mas a maioria de nós quer ser a única, a preferida para os nossos homens. E por isso, mesmo ao casar seus filhos, sogras não querem entregar o bastão para as noras, e partem para um conflito que elas mesmas não conseguem controlar. É uma pressão inconsciente, que nos faz agir conforme o que a sociedade espera de uma mulher para então promovê-la, valorizá-la e, finalmente, aprová-la.

E assim vamos seguindo, até o dia em que as inúmeras renúncias turvam as nossas vontades, a ponto de confundir nossas

preferências, que vão do modo de se vestir até um simples gosto musical. E não percebemos que, ao abrir mão da nossa persona, ficamos cada vez mais inseguras e dependentes. Por isso, quando o relacionamento é abusivo, se torna quase impossível romper esse ciclo. Quando vulneráveis, nossa força se concentra em defender apenas o entorno: filhos, família e até mesmo causas de voluntariado. Não nos ensinam a defender a nós mesmas.

Muitas mulheres não aguentam, ou não querem ocupar todos esses lugares, e convivem com uma sensação de fracasso que as leva para o conformismo, a depressão, em alguns casos, e, por último, a negação do feminismo, como se ele, o feminismo, fosse o culpado pela sua dor. Seguem educando meninos e meninas para atuar nesses mesmos papéis desenhados pela sociedade. Verdade que muitas de nós também tomam medidas mais repressoras com filhas meninas não só por conta disso, mas também para evitar que elas sejam julgadas ou criticadas. Então, é justo dizer que o preconceito entre nós também é nutrido por uma certa dose de amor. Eu tive a graça de ser mãe de duas meninas fantásticas e confesso que tive que reprogramar minhas orientações maternas inúmeras vezes, à medida em que me dava conta que confundia educação com proteção em excesso. Essa questão da educação, inclusive, merece um capítulo à parte.

Incontáveis vezes fui alvejada por mulheres. Ainda hoje convivo com isso. Agora já não me abalo tanto, porque entendi que essas críticas nascem, na maioria dos casos, porque essa transferência de sentimentos é inconsciente também. A mulher que compete com outras, que julga e repele comportamentos, tem certa insatisfação em relação àquelas que seguem em frente. E amplifica o condão de

juízo das condutas que ela própria não se sente livre para experimentar. Esta é uma das raízes do preconceito de mulheres para com mulheres.

Talvez o gatilho que me libertou das violências nas quais estava submetida foi o propósito. Chegou um tempo em que defender a todos, tomar a causa pública nas mãos exigia que eu aprendesse a me defender. E foi graças a muitas mulheres feministas que encontrei o caminho de volta ao espelho. E então a Ana Paula retornou à infância, e foi lá buscar a Paulinha de volta. No momento em que fui disputar cargos eletivos mais altos, fui aconselhada por diversos especialistas a abandonar o nome no diminutivo, com o temor de que seria um entrave para ser vitoriosa. Nunca tinha contado isso a ninguém até hoje, mas a única razão pela qual bati o pé foi porque eu estava exausta de tentar ser a mulher perfeita. Eu queria e precisava ser aquela menina cheia de sonhos. Eu precisava ser a Paulinha de novo pra voltar a respirar.

O caminho de reconstrução demora um tempo. A gente não se reconcilia consigo mesma de uma hora pra outra. Mas posso dizer a vocês que as descobertas que vamos fazendo ao longo do caminho são incontáveis, e muito maiores e mais potentes do que as feridas que ficam. A gente vai se curando de cada uma delas, como se cura um câncer. Trata-se de aprender a se respeitar, de se dar o direito, e isso nos dá uma satisfação pessoal inebriante.

Bom, com o problema pior resolvido, relacionamento abusivo desfeito e firme na vida pública, o desafio era de novo ser aceita, agora pelo sistema. Só que eu já não estava mais disposta a fazer concessões que agredissem a minha natureza. Na política, o que se apresenta para nós, mulheres, são situações que vão muito além do

assédio, da cantada desagradável. Até porque o homem que cai na besteira de ofender publicamente uma mulher hoje em dia é duramente repreendido. Pelo menos nesse quesito, avançamos. Nossa tarefa do momento é vencer a guerra fria. Existe um preconceito velado, muito difícil de combater, porque uma mulher empoderada, via de regra, é pouco confrontada. Ela é excluída. Uma condição que nos tira do páreo sem direito de defesa. E isso se dá de forma silenciosa, sob o pretexto dos mais diversos rótulos que se aplicam a nós. Todos os adjetivos depreciativos de conduta pessoal que vocês são capazes de imaginar são derogados a nós, em conversas que alimentam a nossa suposta desqualificação, na nossa ausência, evidentemente. Boa parte deles por homens do sistema, que achamos que são nossos parceiros, nossos amigos até. Sempre, é claro, quando não somos “boazinhas”. Para que a mulher possa discordar no ambiente público ou de negócios ela precisa ser muito sábia, precisa ter muita razão. E se, mesmo assim, ela não for estratégica, habilidade que geralmente não nos preocupamos em pôr em prática, ela é esmagada por um rolo compressor que não sabe nem de onde vem. Porque também é da natureza feminina certa ingenuidade. Publicamente, evito ao limite divergir de mulheres na política, porque não precisamos nós assumir o papel que tantos homens já ocupam. No entanto, quando uma mulher passa da linha, arrasta todas nós pro buraco. Somos afetadas em escala. Porque algumas de nós ainda se colocam numa condição servil perante os seus grupos políticos, e servem de instrumento para atacar umas às outras. Quando decidi que não seria mais manipulada para defender causas que não representavam os valores que acredito, fui severamente punida. E mais de uma vez.

Mas também admito que é impressionante como a cada desafio superado, mesmo arrebatada por dentro, terminei mais forte. Sei que virão novas tempestades, mas também sei onde encontrar forças para superá-las. A parte positiva é que, se conseguirmos suportar as ondas revoltas, se passarmos no teste, alcançamos um lugar de respeito, e angariamos apoio verdadeiro de muitos homens especiais. Foi o que aconteceu comigo, e posso dizer que é incrível participar de um projeto com homens e mulheres respeitados de igual forma. Tenho a alegria de partilhar sonhos de futuro com homens espetaculares que fazem parte da minha vida, e que contribuem com a consolidação de lideranças femininas. Esse é o momento em que me vejo hoje e desfruto de grande alegria por essa conquista. Igual, ainda me permito me divertir quando colegas dizem: “nossa, estou impressionado como a Paulinha mudou”, em tom elogioso, apenas porque veem outros homens enaltecendo a minha conduta ética. Porque, de fato, esse comentário geralmente parte de pessoas que não se deram o trabalho de me conhecer, mesmo convivendo no mesmo ambiente de trabalho comigo durante anos.

De quebra, Deus me permitiu reconstruir minha família com o Paulinho, meu parceiro de todas as horas, com quem divido um relacionamento amparado naquele amor que eu nem imaginava que era possível existir, repleto de respeito e compreensão, livre de exigências ou concessões.

Nos momentos mais difíceis da minha vida pública, tentava me imaginar como uma Fênix, como nos conta a bíblia ou a mitologia grega. Fechar os olhos e se ver sobrevoando os céus nos dá uma capacidade inesgotável de se reinventar, de se sustentar na adversidade, de ressurgir das cinzas. Quando entendemos que a luta não é por

nós, e é maior do que nós, o fardo fica mais leve. E essa coragem assustadora, que nasce de forma indelével em cada mulher, nos faz florescer como uma manhã de primavera.

Engraçado que, ao olhar para traz, as escolhas que tomei me pareçam tão simples, tão naturais. Ainda me desconcerto quando alguém me aborda e diz que me admira, ou se inspira por conta de ações públicas que promovi ao longo dos anos. Porque, francamente, sou uma pessoa que tem problemas, imperfeições, que continua aprendendo e se esforçando pra se tornar um ser humano melhor. E sou uma mulher exatamente como todas as outras, mas que se deu a chance de se reencontrar ao longo do caminho. Em meu íntimo, não sinto nada especial em mim, a não ser a fé inabalável que me sustenta. Fé na vida. Fé nas pessoas. Fé em Deus, nosso Pai Soberano. Fé em que podemos ter um mundo melhor, se trabalharmos comprometidas com isso. E essa é uma missão da qual nenhuma mulher está dispensada. Porque esse mundo precisa, mais do que nunca, da nossa capacidade inesgotável de ousar, de perdoar, de amar e sonhar.

Termino dizendo a vocês que todas as pessoas do mundo, todas, deveriam ser feministas. Porque o verdadeiro sentido do feminismo não pode ser confundido com valores religiosos, sociais, escolhas pessoais, orientação sexual, nada disso. O feminismo, em todas as suas versões, tem apenas um ponto de encontro: Respeito. Respeito em igual escala para homens e mulheres. E nada mais. Não fosse o feminismo, muito provavelmente meu nome era mais um que estaria nas estatísticas das páginas policiais. Eu não estaria aqui hoje, contando a minha história, e ajudando a escrever tantas outras. O que mata, meus amigos e minhas amigas, é o machismo. Pensem nisso.





Deputada

## Ada de Lucca

O dia 8 de março merece a reflexão dos homens em relação às mulheres. Mas, é fundamental que as mulheres também saibam refletir sobre o nosso lugar, aquele que almejamos. A sociedade precisa se atualizar no que diz respeito às mulheres. Somos maioria em número de habitantes e, com muita luta de mulheres corajosas, deixamos de ser figurinistas para sermos protagonistas das nossas vidas e da sociedade. A escolha da profissão, a vida pessoal, toda escolha tem que ser feita pela mulher e pensando na sua satisfação. Nós temos mulheres de diferentes ideologias que são líderes políticas. Eu sempre falo que a mulher tem que definir o que quer, se quer ser jornalista, advogada, professora, dona de casa, o que quiser, desde que seja por escolha. A gente vê muitas mulheres sofrendo violência em todas as faixas etárias. Esse ciclo tem que ser rompido. O 8 de março serve também para alertar essas mulheres que elas terão respaldo e

acolhimento em caso de escolher sair da relação. Não tem como falar em força da mulher sem citar nossa guerreira Anita, que lutou ao lado de Garibaldi mundo afora. Nossa Antonieta de Barros, que exemplo de mulher! A história de cada uma deve ser lembrada sempre, especialmente no 8 de março, para que outras mulheres se inspirem e vejam onde são capazes de chegar. Em Santa Catarina, um estado machista, temos muitas mulheres no comando. O lugar da mulher é onde ela quiser.

Ser mulher é chupar cana, assobiar e dançar balé ao mesmo tempo, ou seja, um desafio diário. Atualmente é muito mais tranquilo, mas no passado era dar um chute na porta todos os dias, no sentido figurado, claro. Mas passamos a vida trabalhando, lutando para conquistar espaço. Muitas vezes, ou quase todas, teve que ser no grito. Eu amo ser mulher, conquistei meu espaço na política, com muito trabalho e dedicação, realizei meus sonhos. Tenho muita história pra contar!! Eu sempre digo que o olhar de uma mulher é muito mais humano, mais estratégico e mais eficiente. Eu amo me cuidar, amo trabalhar, me divertir e amo quando outra mulher reconhece em mim não só uma liderança política, mas uma inspiração para conquistar seus sonhos. Ao mesmo tempo ser mulher é sofrido, não para mim, mas vendo e vivenciando tantos casos de feminicídio no estado, violência doméstica. Esse é o lado triste, porque não posso puxar aquela mulher pela mão e dizer: “vem comigo”. Tem que partir dela, por isso criamos a Procuradoria Geral da Mulher na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Para abraçarmos essas mulheres. A luta não é minha, não é sobre mim, é sobre quem está precisando de luz, de saída, de ajuda. Ser mulher, mãe e avó me preocupa. Desejo que minhas filhas

e netas tenham a minha garra para conquistarem seus espaços. Mas a preocupação é com quem elas vão ter que lidar. Assim como todas nós, escolhemos parceiros, amigos e nem sempre existe respeito. É preciso orientar as novas gerações desde a Educação Infantil. Não é ser mulher ou ser homem, é ser o que quiser independente de ser mulher ou homem.

Feminismo é uma luta por igualdade de direitos! Eu sou sim, feminista. Eu lutei para conquistar meu espaço e abrir caminho para que outras mulheres viessem junto. O feminismo não busca privilégios, mas reconhecimento. O trabalho é bom? Paga o mesmo salário do homem? Por que não? É inadmissível que, ainda nos dias de hoje, a mulher seja vista como a trabalhadora que vai faltar por ter filho pequeno, a trabalhadora que vai colocar atestado, enfim. O feminismo é permanente. Santa Catarina é um estado machista, apesar de já ter melhorado bastante, mas ainda precisamos de mais mulheres em cargos de comando, em cargos de gerente, tomando conta de empresas, CEO, enfim. Não é justo que sejamos prejudicadas e impedidas de exercer algumas funções só pelo fato de sermos mulheres.

O feminismo fez com que a mulher conquistasse seu direito de votar e ser votada, por exemplo. Direito de trabalhar fora. Só recentemente foi que conquistamos o direito de fazer a operação de ligar as trompas sem a permissão do marido. Incrível, né? Imagina o constrangimento de tantas mulheres que, ao requerer o procedimento, tinham que pedir autorização para o marido. E já estamos em 2023, imagina na década de 1990, 1980.

Sou filha de Addo Vânio Faraco de Luca e Nely Firminio Faraco. Nasci em Criciúma no dia 19 de abril de 1949. Me formei em Direito,

casei com Walmor Paulo De Luca, sou mãe da Fabiana e Giovana, avó da Catarina, Valentina e Paola.

Desde muito cedo, estive envolvida na política. Sou neta, filha e esposa (viúva) de político. Sempre gostei da política. No início da minha adolescência, participei ativamente dos grêmios estudantis da região de Criciúma. Atuei muitos anos nos bastidores eleitorais como militante. Fui uma das primeiras filiadas do MDB de Criciúma, pois lutava intensamente pela democracia. Aliás, MDB foi e será meu único partido.

Participei dos movimentos da Anistia e das Diretas Já. Conheci e trabalhei com pessoas maravilhosas, como o grande estadista Ulysses Guimarães, por exemplo. Também fui candidata a Vice-governadora de Brasília. Retornei a Santa Catarina em 2005. E aqui conquistei um lugar que mudaria minha trajetória. Me candidatei a Deputada estadual no ano de 2006, vencendo as eleições com 30.192 votos. E em 2010 e 2014 me reeleigi com 41.906 e 47.813 votos, respectivamente. Fui presidente do MDB Mulher Santa Catarina de 2015 a 2017 e durante sete anos estive à frente da Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado de Santa Catarina. O Maior desafio vivido!! Em 2018 retornei à Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina e me elegi para o quarto mandato, tomando posse em fevereiro de 2019.

Tenho orgulho de ter apresentado diversos projetos importantes, como a Frente Parlamentar de Combate a Violência contra a Mulher, firmando o Pacto por Elas e alinhando o trabalho dos diferentes poderes e entidades. Projetos para multar agressores, instituir o programa de atenção às vítimas de estupro e para criar o Fundo Estadual de Enfrentamento à Violência Doméstica, além de promover

a conscientização por meio da promoção de ações que visavam a valorização de mulheres e meninas no sistema estadual de ensino.

Quando fui convidada para assumir a Secretaria de Justiça e Cidadania, eu aceitei. Já havia feito uma pós-graduação na Papuda, em Brasília. Eu, uma mulher de saia, comandando a secretaria, pensa no alvoroço. Mas, foi mostrando o meu trabalho e ouvindo as necessidades da categoria que ganhei meu respeito. Se eu era mulher ou não, não fazia mais diferença. Os resultados apareceram, o trabalho foi reconhecido. Não foi à toa que estive por sete anos no cargo. Claro que eu me cerquei de mulheres competentes, mas não excluí ninguém por ser homem e não contratei por ser mulher. A competência é fundamental na formação de uma equipe e eu sabia que no mercado haviam muitas. Minhas chefes de gabinete foram mulheres. A grande parte da minha equipe nos mandatos como deputada foram formadas por mulheres. Eu luto pelo direito de livre escolha da mulher, mas é preciso trabalho, estudo, competência para que todas conquistem seus espaços. Eu sempre digo que a mulher tem que participar da vida política, pode não querer ser uma pessoa pública, mas da política tem que participar. Entendo que é preciso reafirmar a necessidade de garantir políticas públicas de inclusão da mulher na Política. No Brasil temos cerca de 10% de representantes mulheres. É muito pouco. Atualmente há participação de três deputadas estaduais, num universo de 40 parlamentares, o que reforça a importância dessa representação. Durante meu último mandato como deputada estadual éramos em cinco, então essa diminuição de representantes mulheres no parlamento catarinense acaba afetando, porque a luta é termos, no mínimo, a metade do número de vagas conquistadas

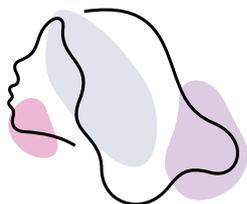
por mulheres. Tínhamos diferenças ideológicas, propostas diferentes, mas juntas representávamos as mulheres catarinenses.

Nos Estados Unidos, em 2018, as mulheres já eram 20% do Congresso. Na Alemanha, 30%, na Noruega, cerca de 40%. Aqui mesmo na América Latina, somos 45% na Costa Rica, 40% na Argentina e quase 50% no México. A ausência de mais mulheres na política brasileira não se trata de falta de vocação, se trata de uma vergonha histórica. Ficamos atrás até mesmo da Arábia Saudita em percentual de mulheres no Congresso! Temos o dever de lutar pela criação de políticas de inclusão que nos resgatem deste vergonhoso atraso histórico.

Quem diz que “mulher não tem muita vocação para política” se engana e tem medo de enfrentar uma mulher. Precisamos falar de falta de oportunidades e de quase cinco séculos de desigualdades históricas. Não existem vocações femininas ou vocações masculinas. Vocação não depende de sexo, e cabe à sociedade como um todo desfazer esta injustiça histórica que nos proibia até mesmo de sonhar. Para que mais mulheres se arrisquem a sonhar e a voar, temos o dever de garantir seus espaços para aumentar a representatividade, especialmente em setores aonde ainda somos tão poucas. 







Deputada

# Luciane Carminatti

Sou Luciane Carminatti, uma deputada estadual pelo Partido dos Trabalhadores em Santa Catarina, e fui eleita em 2010 para meu primeiro mandato na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Hoje estou no quarto mandato e coordeno o Observatório da Violência contra a Mulher (OVM) e a Procuradoria Especial da Mulher na Alesc.

Enquanto deputada, entendo que ocupar meu lugar de fala é também assumir o compromisso de contribuir para que as mulheres tenham mais espaço e voz, além de conquistarem mais direitos. Para isso, é essencial que nós mulheres nos entendamos como sujeitos que sofrem violência, e que compreendamos a complexidade desse problema. Muitas vezes, não percebemos que estamos em um relacionamento tóxico ou abusivo, ou que estamos sendo privadas de nossa liberdade individual, seja na escolha de nossas roupas, livros, músicas ou preferências esportivas. É importante perceber que

existem dois modos de se olhar para a mulher: um que a coloca em uma posição de submissão, em que suas decisões são sempre subordinadas às vontades dos homens; e outro, que é o olhar feminista, que busca respeitar a individualidade da mulher e suas escolhas. O respeito é a palavra-chave nesse processo. Respeito pelas escolhas, desejos e decisões das mulheres, e pela sua capacidade de serem protagonistas de suas próprias vidas. Só assim poderemos construir uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas, independentemente do gênero. Não queremos ser ou ter mais do que os homens. Queremos as mesmas oportunidades, os mesmos direitos, o mesmo respeito. Como deputada, tenho um papel importante nesse processo de conscientização e de luta por direitos igualitários para as mulheres. Essa busca por um mundo justo e com igualdade e equidade é o que leva a me denominar feminista.

Este livro, promovido pela Bancada Feminina da ALESC, é importante porque aborda a diversidade das mulheres e reconhece que elas não vivem em um mundo homogêneo. Cada mulher é única, com suas próprias condições, ideais, sonhos, dificuldades, dores e relações. É dar voz às mulheres de todos os recortes sociais, de raça, de sexualidade e idade. A história das mulheres foi frequentemente silenciada, invisibilizada e distorcida por uma sociedade patriarcal que tentou moldá-las em um padrão único e limitante. Esse livro oferece uma oportunidade para que as mulheres sejam ouvidas e valorizadas em toda a sua diversidade.

*“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores.” (Poema “Ressalva” de Cora Coralina).*







Deputada

# Marlene Fengler

Nasci em Linha Ipê Popi, interior de Itapiranga, no Oeste catarinense e, entre minhas memórias da infância, lembro de minha mãe trabalhando ao lado do meu pai na lida do campo, cuidando dos bichos e das plantações que produzíamos em nosso pequeno sítio, de onde saía o sustento da família Fengler. A atividade rural exige força, perseverança, resiliência e muita dedicação. Minha mãe e meu pai nem sabiam o que era feminismo, mas na prática exercitavam a igualdade de deveres e de direitos entre homem e mulher. Nós, os filhos, ajudávamos na medida das nossas forças, dividindo igualmente as funções, reproduzindo o exemplo de seu Blasius e dona Maria Lucena.

Já iniciando a vida adulta e residindo em Florianópolis, surgiu a oportunidade de trabalhar com pessoas que ingressaram na política e ocuparam cargos eletivos na Câmara Federal e no Senado.

Começava assim minha trajetória profissional, em um espaço predominantemente masculino, onde a presença de mulheres se concentrava à margem do protagonismo. Aprendi muito e sou grata àqueles homens pelos desafios que enfrentei, mas sei que foram meu esforço e dedicação que pavimentaram meu caminho até aqui. Nessa época, compreendi que a igualdade de direitos entre homens e mulheres garantida pelo artigo 5º da Constituição Federal, assemelhava-se a uma fábula e assim se manterá se mais mulheres se mantiverem distanciadas da política e de outros espaços de poder. Acredito que as mudanças que entendemos necessárias dependem do nosso compromisso com as causas que defendemos.

Passados anos, de volta a Florianópolis e quebrando tabu como primeira mulher chefe de gabinete da presidência da ALESC, fui convidada pelo meu partido a concorrer a uma vaga na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Aceitei, fui eleita deputada estadual e integrei por quatro anos a legislatura com o maior número de mulheres na história do legislativo catarinense. Éramos apenas cinco, entre 2019 e 2022, todas de partidos diferentes. Quatro de nós trabalhamos unidas em torno de pautas em defesa dos direitos das mulheres. Conseguimos aprovar a implantação da Procuradoria Especial da Mulher, do Observatório da Violência contra as Mulheres e dezenas de leis ampliando e consolidando direitos femininos, como a que autoriza regime especial de atendimento para fins de renda e emprego às mulheres vítimas e violência conjugal ou a que consolida as leis que dispõem sobre políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres, ambas de minha autoria, entre outras minhas e de colegas parlamentares.

O Brasil ocupa a 154ª posição entre 193 países do Inter-Parliamentary Union na participação de mulheres na política. Mudar essa realidade vai além de palavras e conceitos. E isso, na minha opinião, se aplica ao feminismo, que por desconhecimento ou preconceito ainda carrega os estereótipos de que as mulheres que defendem a causa são, na maioria, agressivas e querem subjugar ou odeiam homens. Mas, quando falo em feminismo, refiro-me a direitos iguais, respeito e aceitação. Ao delegarmos aos homens a responsabilidade de pensarem por nós, de decidirem o que é melhor para nós, reforçamos as desigualdades e atrasamos a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Fingir que não existem problemas é um caminho para que os problemas continuem sem solução. Fingir que não existe desigualdade de direitos entre homens e mulheres é perpetuar a misoginia, o sexismo, o preconceito que fere e mata mulheres no nosso estado e no Brasil.







Deputada

# Dirce Heiderscheidt

Assumi como Deputada Estadual eleita por Santa Catarina duas vezes. Em outras oportunidades ocupei uma cadeira no parlamento como Suplente. Antes disso, fui Secretária Municipal de Assistência Social de uma das maiores cidades do estado, Palhoça, onde realizamos uma gestão plena, com prêmios e reconhecimentos por implementar todos os serviços públicos de atendimento às crianças, aos idosos, às mulheres e de atenção aos mais vulneráveis. A política sempre esteve na minha vida, também no trabalho voluntário que realizava.

Mas, ainda assim, por muitas vezes, a referência que faziam a mim não era pelo meu nome, o que seria mais óbvio, e muito menos pelo meu trabalho. Para muitos, eu era “a mulher do político”. Mesmo que o meu marido tenha ocupado seu último cargo público em 2012, até 2022, na última eleição que dispuetei, alguns ainda insistiam nessa referência.

É verdade que eu sempre me orgulhei em ser a mulher, a mãe, a avó e a esposa que gostava de fazer política, mas o meu trabalho como Deputada Estadual foi muito além disso. A defesa dos direitos das mulheres e a luta pelo fim da violência de gênero marcaram os meus mandatos. Assim como o meu perfil municipalista, que defendeu e destinou recursos para diversos municípios catarinenses, permitiu que eu fosse de uma Deputada de uma cidade — a primeira de Palhoça a ser eleita — para uma parlamentar com votos em mais de 200 cidades pelo estado.

Com o tempo, e na medida que trabalhávamos, a referência ao meu marido diminuía nas matérias de jornais e nas perguntas que me faziam em entrevistas e conversas. Essa referência nunca me incomodou. Tenho orgulho do homem público e visionário que ele é. Mas, depois de um tempo, conforme a discussão sobre a participação das mulheres na política passou a fazer parte das nossas vidas, entendi que essa era mais uma das formas do machismo tentar ofuscar ou diminuir o nosso trabalho nesse ambiente, que ainda é predominantemente ocupado por homens.

Quando dizem que uma mulher precisa trabalhar duas vezes mais para ganhar o reconhecimento que um homem ganha, às vezes fazendo o mínimo, não é mentira. O fato de ainda sermos poucas atrapalha ainda mais. Não pensem que o fato de ser apenas uma entre as 5 parlamentares, em 40 cadeiras, ajuda a destacar-se. Aprovar um projeto, uma ideia, defender o seu ponto de vista é ainda mais difícil com a baixa representação feminina. Em um Parlamento com 10, 15 ou até 20 mulheres, na tão sonhada paridade de gênero, seria muito fácil aprovar um projeto que garante vagas de emprego para

mulheres vítimas de violência, como o que apresentamos em 2017 e só conseguimos aprovar em 2021, depois de muito debate.

Embora tenham havido avanços, muitos desafios permanecem. O machismo, que não coloca as nossas realizações em primeiro lugar, a violência política de gênero que nos silencia, a falta de igualdade de recursos e oportunidades, continuam a ser obstáculos. A representação das mulheres na política brasileira, incluindo em Santa Catarina, ainda está longe do ideal. Mas a nossa esperança, transformada em luta diária, é de que obras como esta e todo o nosso trabalho social e partidário, de defender e estimular o protagonismo das mulheres, ajudem a mudar essa realidade o mais rápido possível. 





# Elaine Otto

## Cientista Social

O dia 8 de março é o dia que reconheço a mulher que sou como resultado das conquistas femininas ao longo dos últimos séculos, pelas experiências pessoais e pelas vozes de tantas mulheres feministas. É o dia da “Consciência Universal” de que os graves problemas de gênero, que ainda persistem em nosso meio, precisam ser combatidos com veemência, atenção pessoal e esforço coletivo. Feminismo é a agregação dos valores que acumulamos como mulher pelo olhar atento à evolução dos valores universais. Ser feminista é ser protagonista da própria história, isto é, ser autora da própria vida.

Nasci em Chapecó, Santa Catarina, na década de 1940. Gosto muito de estudar e, na época, para dar continuidade aos estudos precisei viver em internatos dos 12 aos 18 anos. Em 1964 me tornei professora e, aos 18 anos, sem nunca ter ouvido falar em feminismo, foi que vivi minha primeira experiência por igualdade de direitos entre gêneros e por novas perspectivas de trabalho. Em resumo, em Xanxerê

havia dois colégios de 2º grau e com formação técnica: Escola Técnica de Comércio La Salle, dirigida por irmãos Lasallistas, e o Colégio dirigido por freiras, onde as meninas se formavam como professoras. Funções nitidamente divisionistas. Com 18 anos, já com renda pessoal mas sem condições de dar continuidade aos estudos, buscando uma formação superior, vi no La Salle uma escola exclusivamente masculina, a única possibilidade de continuar estudando. Fui à luta, me apresentei à direção, defendi com alma a importância de dar oportunidade de trabalho para as mulheres, pois seria uma nova perspectiva de trabalho e renda. Venci! Ou melhor, nós mulheres vencemos. Depois de mim, muitas outras conquistaram um novo mercado de trabalho como profissionais. Ainda guardo carinhosamente comigo um presente que ganhei quando me formei, um anel, que pra mim é um símbolo de uma vitória.

Reconhecendo que existem diversas vertentes do feminismo, a luta por direitos e igualdade de gênero, passado quase dois séculos com tantas mudanças e com a expansão do leque de reivindicações, vejo o Feminismo como uma atitude pessoal que incorpora todas as nuances de liberdade, igualdade, de direitos, de justiça e arcabouço teórico sobre gênero. Feminismo é cidadania! Embora o protagonismo feminista seja nosso, das mulheres, homens também são feministas quando, no seu dia a dia e em suas atitudes, incluem a igualdade de gênero. Fica cada vez mais evidente que feminismo é um projeto de sociedade que envolve homens e mulheres. Considerando Feminismo como um componente do leque de valores que compõem a Democracia é um tema que deve estar no currículo escolar já nas primeiras séries de ensino formal. Feminismo é uma construção diária.







# Eloah Westphalen Naschenweng

Escritora

Ser mulher é ser tudo! Desde tenra idade, carreguei muitos sonhos, nem todos realizados, mas muitos conquistados. Cresci numa família de classe média, conservadora e tenho consciência dos muitos privilégios que tive. Sou filha da geração de mulheres que, ou eram donas de casa ou professoras, mas nada me impediu de ressignificar minha caminhada e percorrer a vida buscando ventos a meu favor. Foi fácil? Não foi! Todas as pequenas conquistas foram obtidas com muito trabalho e dedicação. Construí minha família, tive três filhos e consegui me dividir entre a profissão e a família. Por mais difícil que muitas vezes tenha se tornado, só ficou mais fácil porque estávamos todos lá. Audaciosa! E não somos todos nós? Coração batendo forte, alma irradiada, remodelei e remodelo a vida quando preciso é; sem receio toco em frente. Me sinto bem com esse movimento social

protagonizado por nós, as mulheres, pelos direitos civis. Encaro de uma maneira tranquila e busco, em grupo ou não, apoiar as mulheres, incentivar e demonstrar as mais desatentas que somos donas da nossa felicidade. Força, fé, sobretudo resiliência é necessário para que possamos ser capazes de conquistar o que queremos. Minhas amigas foram sempre meu porto seguro, mulheres fortes são bens inestimáveis. Mostrar essa realidade a outras mulheres e criar oportunidades faz parte da minha essência.

Sei que estamos abrindo caminhos e que abrir caminhos nunca deu leveza aos passos. Energizada e impulsionada pelo desafio e a tenacidade engendrada no dia a dia, continuo a persistir motivada e fortalecida. Sei, também, que somos muitas e, de diferentes maneiras, estamos paulatinamente abrindo uma brecha à luz do mundo para que possamos, iguais em direito, mesmo parte de outros sonhos, buscar os nossos tão sonhados sonhos.

Comecei minha vida profissional como professora, na época, numa cidadezinha do interior, Rio do Sul (SC). Vim morar em Florianópolis em 1970, como funcionária pública. Na Capital dediquei meu trabalho ao serviço público, mas também ao ativismo e voluntariado. Trabalho que me proporcionou receber algumas honrarias, como a Medalha de Mérito Funcional “Alice Guilhon”, do Governo do Estado de SC e também a Comenda Antonieta de Barros, da Câmara Municipal de Florianópolis. No trabalho voluntário, inaugurei uma creche para crianças em vulnerabilidade social, filhas de mães que trabalhavam fora do lar. Atuei durante 6 anos. Presidi a Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais, ocasião em que criamos e levamos adiante um importante projetos “ Mulheres do Frei”, projeto até hoje

ainda ativo. Lutei ativamente para a criação do Conselho Estadual da Mulher. Como escritora publiquei meu primeiro livro “ Fragmentos”, em 2001 e hoje já tenho 29 livros publicados, entre eles de poesias, prosas poéticas, biografias, de viagens e história, o que me rendeu várias honrarias nacionais e internacionais. No decorrer dessa caminhada tive apoio de mulheres e homens maravilhosos, que como eu, audaciosamente se lançaram na vida, com força, fé e trabalho, para moldarem o seu destino. Pertencço à Academia Desterrense de Literatura — Florianópolis, à Academia de Letras de Palhoça, à Academia São José de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, à Associação de Escritoras e Jornalistas de Santa Catarina, Grupo de Poetas Livres e outros mais no Brasil, em Portugal, Suíça e França. Sou ativa em todas as instituições a que pertencço. 





## **Neusa Dias**

Pós-graduada em Sociologia

O feminismo é uma teoria que provocou polêmica, discussão e controvérsia nas últimas três décadas. Ele trouxe uma nova leitura sobre o papel das mulheres na sociedade e na família, defendendo a igualdade de gênero e pregando que as diferenças entre homens e mulheres não devem resultar em relações de poder. O movimento feminista é descentralizado e se organiza em várias frentes, tendo evidenciado a presença das mulheres na história, no mercado de trabalho, na política e na educação.

Inicialmente, o feminismo adotou ações radicais, como a destruição de urnas eleitorais, para lutar pelo direito de voto e reivindicar melhores condições de trabalho. No entanto, o movimento também proporcionou às mulheres uma nova visão social, abrindo caminhos e oportunidades para ações coletivas, postulando a solidariedade e o

companheirismo. Conviver com mulheres batalhadoras e lutadoras pelos seus direitos é uma grande satisfação e motivo de gratidão.

Embora as mulheres tenham conquistado mais direitos ao longo do tempo, muitas ainda ignoram seus direitos mais básicos, especialmente as vítimas de violência, que muitas vezes desconhecem os recursos disponíveis para ajudá-las. As mulheres sempre enfrentaram dificuldades para separar suas vidas afetivas da vida social e cultural, mas muitas ultrapassaram o mundo doméstico, transformando sua condição na sociedade e legitimando sua atuação nos diversos universos sociais.

Hoje, as mulheres têm a responsabilidade de manter e proteger seus direitos conquistados historicamente pelo movimento feminista, compreendendo que ainda há muito trabalho a ser feito e que sempre haverá mulheres precisando de apoio. Tive uma grande dedicação ao feminismo, incluindo a criação de um Núcleo de Estudos da Mulher na Universidade Federal de Santa Catarina, a organização do projeto “Participação da Mulher na Política” e a fundação da Casa da Mulher Catarina. Tenho convicção que meu trabalho, junto com tantas outras colegas, abriu caminho para o fortalecimento do movimento feminista no estado de Santa Catarina.







# Divina Mara Santos da Rocha

Fundadora Projeto Social

O 8 de março é conhecido mundialmente como o Dia da Luta das Mulheres pelos seus direitos iguais como pessoa na sociedade e contra o machismo. Esse dia foi estabelecido por mulheres que não aceitavam a discriminação a que eram submetidas. Ser mulher é tentar ser forte, é ser guerreira, enfrentando todas as lutas que surgem pela frente e conquistando espaços que antes eram ocupados somente por homens.

Para mim, o feminismo é a luta pelos direitos iguais, não menosprezando o sexo masculino, mas lutando para sermos respeitadas pelo gênero, raça ou cor.

Meu nome é Divina Mara Santos da Rocha. Nasci em 06/06/63 na cidade de Passo Fundo (RS), em uma família com pai, mãe e dois irmãos.

Lembro que minha mãe me contou de um caso que afetava nós mulheres e que, na época do meu nascimento, ela foi uma guerreira por não aceitar aquela situação. Quando chegou a hora de

me registrar no cartório, meu pai não quis fazer. Na cultura dele, a filha mulher só se registrava quando casava e o marido fazia o registro, sendo que meus irmãos homens ele registrou e levaram o sobrenome dele. Minha mãe, então, não aceitou, foi ao cartório e me registrou em seu nome e apenas com o seu sobrenome. Por conta desse episódio, e também pelos abusos do meu pai, minha mãe deu um basta e se separou quando eu tinha 3 anos de idade.

Hoje, um pouco do que sou aprendi com minha mãe. Trabalho com mulheres desde os meus 15 anos e jamais imaginei que um dia teria uma ONG ou um projeto de mulheres.

O Projeto Mulheres em Ação surgiu da necessidade de ajudar mulheres em extrema pobreza social, material e espiritual. Não apenas para conversar, e sim agir, reunindo-se para artesanatos, costuras, exercícios físicos, dinâmicas e muitas outras atividades, que mulheres se sentem bem umas com as outras em grupo. Umas ajudam as outras! Somos amigas e companheiras. No projeto também temos ajuda de profissionais como psicólogas, médicas, terapeutas, entre outras.

Aqui, o nosso grupo cresce dia após dia, com mulheres vindo de vários lugares em busca de alívio para suas dores, um refúgio para seus sofrimentos. Juntas, somos mais fortes para enfrentar os desafios dentro do casamento, no trabalho, conquistando a nossa independência. Ainda sonhamos em ter um refúgio para mulheres que precisam sair de casa pela manhã com seus filhos pequenos e voltar no fim da tarde para casa, com menos violência. Acredito no impossível do poder público! Um dia conseguiremos fazer esse espaço para mais de 300 mulheres que não conseguem trabalhar porque não têm creche o dia todo.

Ser feminista é ajudar a levantar a outra que está sem. “Tudo posso naquele que me fortalece”.







# Tammy Fortunato

Advogada e Mestre em  
Ciências Jurídicas e Políticas

O dia 08 de março é um marco importante para todas as mulheres. Ele nos lembra das mulheres que lutaram para conquistar direitos que antes eram exclusivos dos homens. Algumas dessas mulheres dedicaram suas vidas a lutar em prol das futuras gerações e muitas perderam suas vidas nessa busca pela igualdade de direitos. Mesmo hoje, ainda precisamos lutar diariamente para manter esses direitos. Simone de Beauvoir disse que “basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”. Portanto, o Dia Internacional da Mulher nos lembra da necessidade constante de manter uma vigilância atenta aos nossos direitos em prol da igualdade.

Ser mulher significa lutar por espaço e pela manutenção e ampliação dos direitos, que nos garantam uma vida igualitária e livre

de todas as formas de violência. Ao mesmo tempo, existe a possibilidade da maternidade, e por nossos filhos desenvolvemos uma força inigualável.

É importante diferenciar o feminismo do femismo. Enquanto o femismo é radical e prega a supremacia da mulher, o feminismo busca a igualdade de direitos e obrigações. O movimento feminista teve um papel fundamental na conquista de muitos direitos, como o direito ao voto, ao trabalho fora do lar sem a anuência do marido, pai ou irmão, e o direito à educação. O movimento feminista também busca o fim da violência contra a mulher, que ainda é tão importante hoje quanto na década de 1970, quando foi criado no Brasil. Ser feminista é lutar pela igualdade!

Como advogada há 20 anos, sempre lutei pelo fim da violência contra a mulher e pelos direitos iguais. Desde minha infância, aprendi que o ambiente familiar deve ser saudável e livre de violência. Minha mãe sempre me incentivou a estudar, trabalhar, ter independência financeira e uma carreira. Hoje, além de advogada, sou professora de pós-graduação e mestre em ciências jurídicas e políticas. O feminismo está arraigado na minha alma e luto constantemente pelo fim de todas as formas de violência contra a mulher e pela manutenção e ampliação dos direitos inerentes a nós, mulheres.

A educação das novas gerações é fundamental, e o primeiro passo é dentro do lar. Minha trajetória está ligada ao feminismo e à árdua luta pelo fim da violência. O Dia Internacional da Mulher nos lembra da importância contínua da luta pela igualdade de direitos e pelo fim da violência contra a mulher.





Red Bull

VANS



# Yndiara Asp

Skatista e medalhista olímpica

O dia 08 de março tem um significado enorme para nós, mulheres, e podemos refletir sobre diversas coisas. Acredito que temos principalmente que refletir sobre a nossa união e em como estamos contribuindo para um futuro melhor e mais igualitário para as próximas gerações. É um momento em que nos fortalecemos ainda mais para enfrentar as batalhas pelas causas femininas que ainda estão por vir.

Ser mulher, para mim, é resistência e também uma dádiva. Mesmo com todas as barreiras que enfrentamos no nosso cotidiano, nós ainda temos forças para continuar lutando com garra para conquistarmos os nossos direitos. Ser mulher é ser forte, guerreira e dona de si mesma.

O feminismo é um movimento fundamental na nossa sociedade, porque através dele, nós conseguimos voz, empoderamento e um lugar de fala que não nos permitiam antigamente. Representa

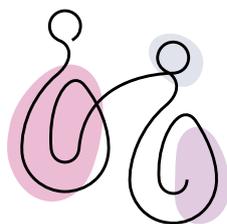
uma luta muito forte para mim, pois na minha vida eu também tive que batalhar mais para conseguir o meu espaço e não era valorizada como mereço. O feminismo me deu força para reivindicar os meus direitos. No esporte, por exemplo, uma apoia a outra, sempre com muito respeito, porque sabemos da luta diária que cada uma tem para conseguir chegar onde está, o caminho para nós acaba sendo um pouco mais longo para chegar no topo, principalmente pela modalidade que praticamos.

Eu sou skatista profissional e podemos começar dizendo que o skate era um esporte majoritariamente praticado por homens. Em 2018, fui campeã em uma competição em Santa Catarina, onde viralizou uma imagem minha junto com o campeão da categoria masculina, chamou a atenção das pessoas a diferença na premiação entre os gêneros e a partir de então começamos a lutar por um prêmio igualitário. Após esse dia, todas as competições de skate resolveram igualar as premiações entre homens e mulheres. Além disso, eu, junto com outras skatistas, também conseguimos colocar a categoria feminina para eventos globais que eram exclusivamente masculinos. Então, a minha história e a minha trajetória profissional têm total ligação com o feminismo e foi muito importante para mudar os rumos do nosso esporte.

Hoje, vemos que muitas pessoas acompanham o skate por conta da categoria feminina e todo ano aumentam os números de meninas que querem ingressar no skate. Isso é sinal de muita luta e resiliência de todas as mulheres, por termos também representantes femininas que servem de inspiração, o que faz as meninas mais novas conseguirem sonhar. Vira um ciclo. Sei que sirvo de inspiração para muitas skatistas da nova geração, assim como eu me inspiro em outras mulheres. Juntas podemos ir longe!







# Melissa Ribeiro

Presidente da Associação Brasileira de Câncer,  
Cabeça e Pescoço

Deveríamos refletir sobre a falta de valorização do ser mulher. Seja ela branca, negra, periférica ou letrada. Somos objetificadas sempre e em todos os níveis.

Pela estética: gorda, madura, gostosa, coroa, flácida, feia. Como se tivéssemos que ser colírio para agradar aos olhos dos outros.

Pela maternidade: já é mãe, não serve, já foi usada, filho vai incomodar, vai faltar ao trabalho, tem que ter marido pra ter filho, mãe solo?

Pela carreira: nunca ganha pelo que entrega só por ser mulher, demora receber promoção porque o chefe é um homem, é sempre quem abandona a carreira pra cuidar da família, e muitas vezes não é valorizada por isso nem na própria família.

Pela violência: seja física, psicológica, verbal, que segue sem a real proteção policial e efetividade do judiciário. Prova é a quantidade de feminicídios.

Pela sexualidade: eu me relaciono com quem eu quiser e sem compromissos, eu tenho direito ao prazer, a trocar de parceiros.

Pela saúde: mulheres negras são estigmatizadas nos centros de saúde, objetificam sua dor como se nada fosse, mulheres com câncer sem maridos abandonam tratamentos por não ter com quem deixar os filhos (até porque muitos maridos já as abandonaram no diagnóstico).

A mulher é quem sangra todos os meses, quem tem a capacidade de gerar dentro de si uma vida, que dá seu próprio sumo para alimentar (as que desejam), só por terem esses superpoderes divinos, já deveriam ser intocáveis e acolhidas como aquelas que dão continuidade à vida.

Já foi ruim pra mim, tempos atrás, o “ser mulher”, quando eu ainda não me colocava como minha prioridade. Fazia o que a sociedade mandava, queria e julga ser o certo pra mim e para outra mulher. Até que dei um basta e me valorizei. Afinal eu pagava minhas contas desde muito cedo, trabalhava horrores e tinha as minhas vontades, desejos. E quem iria realizá-los, senão eu? Amo ser mulher, ter a força inerente do sagrado feminino dentro de mim é o verdadeiro poder da realização que habita em mim e homem nenhum tem ou consegue tirar de mim.

Fomos adestradas por anos para sermos subservientes e isso tem sido passado de geração em geração pelas mulheres antigas de nossas famílias, já que também foram criadas assim. Uma pena. Quantos sonhos desperdiçados, quantos maus tratamentos sofreram, que dó! Mas isso vem mudando e vai mudar ainda mais. As mulheres que tiveram mais acesso à informação, cultura e espaço na sociedade

de estão trabalhando e apoiando movimentos de todos os tipos e em todos os cantos. O verdadeiro feminismo sem viés é a equidade em ação!

Minha família é feminina, por assim dizer. Do lado materno, onde me criei, eram 2 tias, 1 avó, minha mãe e 4 irmãs, contra 1 avô e 1 irmão. Embora nós, mulheres, falássemos mais alto, ainda convivíamos com ações rígidas e por vezes machistas do meu avô. Aprendi em casa, com a união das mulheres, nos apoiando e nos fortalecendo, mas talvez por falta de amadurecimento, por muito tempo não reconheci essa união de mulheres para fora de casa. Talvez pelo que a sociedade nos coloca de que mulheres são “invejosas, inseguras, fofoqueiras...” mas fui me conhecendo e reconhecendo as diferenças de tantas outras mulheres sem que isso as tornasse menores. Quando iniciei minha carreira, confesso que me impus ao máximo, sentia que ninguém iria me ajudar a crescer e ultrapassar os obstáculos.

Tempos depois, passei por um câncer bem agressivo, do qual ainda lido com as sequelas. Foi um episódio na minha vida que me deixou mais forte, a não ir contra meus valores e princípios, não abandonar sonhos e acreditar na capacidade de conquistá-los. Ao mesmo tempo que me colocou à prova, aprendendo a lidar com a minha deficiência na fala sem me diminuir.

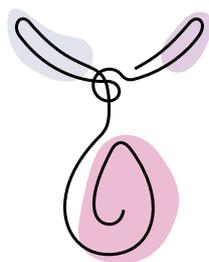
O tratamento complexo, doloroso e demorado foi aliviado pelo amor e apoio da família, o mesmo que recebi ao fundar a primeira organização social do Brasil que cuida de pacientes com câncer de cabeça e pescoço. O curioso é que foi fundada por duas mulheres, sendo que estatisticamente esse tipo de câncer é predominante em homens, o que diz muito sobre a interação social das mulheres com o trabalho voluntário e social.

Após 8 anos, me dedico voluntariamente a mudar as políticas públicas em saúde no país no que tange o tratamento de pacientes oncológicos e tenho o maior orgulho de hoje ter possibilidade de entrar e sair do Congresso Nacional com um crachá, algo inimaginável quando recebi o diagnóstico e perdi a voz. Mas isso, são os meus superpoderes que mencionei anteriormente, que todas nós mulheres temos. Só precisamos nos lembrar disso e deixá-los agir.

(Melissa Ribeiro - Presidente da Associação Brasileira de Câncer, cabeça e pescoço e portadora de câncer de laringe) 







# Selma Adão

Funcionária Pública Estadual

Queria trazer uma reflexão sobre o feminismo: antes que o movimento de fato seja efetivo, precisamos olhar para além das mulheres que já estão em posição de privilégio. Precisamos alcançar aquelas que muitas vezes são esquecidas, como as mulheres periféricas, chefes de família e mães solteiras. Isso significa ir além de discursos e palestras em espaços que não são acessíveis a essas mulheres. Precisamos criar mecanismo e espaços de inclusão direta, onde as vozes dessas mulheres possam ser ouvidas e suas necessidades atendidas. Somente assim poderemos alcançar as transformações sociais e políticas que buscamos.

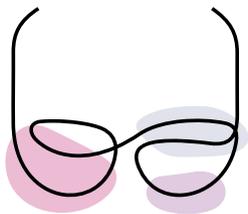
Para mim, ser feminista é olhar para trás e honrar todas as mulheres que lutaram antes de mim, enquanto caminho em direção a um futuro melhor. Significa unir forças com outras mulheres

para promover mudanças reais e lutar por direitos, tanto individuais quanto coletivos. O feminismo me mostra meu lugar de fala e me dá coragem todos os dias.

Como mãe, educadora e funcionária pública estadual, sei que o feminismo negro é mais importante do que nunca. A desigualdade e o racismo ainda são grandes desafios para as mulheres negras e é essencial que tenhamos espaços para discutir nossas particularidades e lutar por justiça. Por isso, apoio o movimento feminista que nos une em coletivo e que olha também para as diversas camadas que temos na sociedade, busco estar sempre presente nas discussões tanto no meio social quanto acadêmico, caminhando e apoiando tantas mulheres que conquistaram espaços e aquelas que estão pelo caminho buscando suas conquistas. 







# Giselle Marques

Arte Educadora e Escritora

A historicidade em uma visão política, social e antropológica nas diferentes lutas pela igualdade, partindo do campo progressista, nos coloca em lugares de desconforto e esperança, reafirmando que a “liberdade é uma conquista” e só uma mobilização coletiva pode ser mola propulsora de mudanças. Todavia, é inerente um pensamento crítico sobre os fatos que levam a essas mobilizações, para que possamos ampliar o debate e desenvolvermos ações plurais e mais assertivas, quando pensarmos no feminino e nas camadas do conceito “gênero”. Os anos de 1911, com o incêndio da fábrica nos EUA, e 1917, com a Marcha das mulheres russas por pão e paz, culminando no 8 de março, são legítimas. Porém, desde o ano 1500, mulheres indígenas e negras, foram (e são) alvos de verdadeiros genocídios e epistemicídios, pela cultura colonial que nos atravessa ainda no século XXI.

Portanto, segundo minhas experiências e projeções, a importância do 8 de março se dá pela sua resignificação, constantes reflexões e práticas sobre a não hierarquização dos corpos. A questão não é “dar voz” às mulheres invisibilizadas, mas sobre ouvir as vozes daquelas que também sempre gritaram.

A construção do feminino é um processo sempre desafiador, já que não lembro de algum dia ter conseguido desvincular o sentir “mulher” de outros fatores como raça e classe, pois ao mesmo tempo que traz a oportunidade de pensar para além de uma identidade fixa, também pesa sobre os ombros a complexidade desses diferentes lugares e as estratégias de (sobre)vivência necessárias, para rotinas que deveriam ser relativamente comuns, como são para uma mulher branca de classe média, por exemplo.

A luta pela igualdade de gênero, maior qualidade de vida das mulheres e conseqüentemente da sociedade, trago como pontos-chaves para entendermos esse movimento social e suas ondas, bem como suas diferentes e necessárias vertentes, colocando em pauta o feminismo negro e até mesmo outras estruturas, como o Mulherismo africano. A ideia de repensar os sujeitos, grupos e o estado sob a óptica das minorias no acesso ao direito, é necessária para avançarmos. Obviamente, também teço críticas a esses mesmos movimentos (aos quais também pertencço) e suas microviolências em diferentes esferas, que, por vezes, por disputas de ego, servem de bandeja os seus próprios pares, fazendo a manutenção do capital. Entretanto, são críticas que considero necessárias para que possamos nos fortalecer enquanto coletivos, respeitando as individualidades e suas potências.

Sou uma negra mulher, artista, escritora, militante e trabalho de forma autônoma. Criada na periferia, com desafios comuns a muitas

peças que também falam desse mesmo lugar. Nasci no Rio de Janeiro, mas fui criada num município de 13 mil habitantes, chamado Siderópolis, aqui em Santa Catarina. Filha de Marlei Nascimento Marques, mãe solo, uma mulher inteligente e minha referência, se aposentou como empregada fazendo faxina. Meu irmão Rafael, um pouco mais novo, trabalha na coleta de lixo na cidade.

Compor com a agenda do movimento social não é uma escolha, e sim uma condição, considerando o território de onde vim, situações pelas quais passei e o ambiente hostil em que ainda vivemos, mas principalmente a lapidação constante das pessoas, livros, comunidades e universidades públicas que me cercam, elevando meu nível de consciência da necropolítica, desenvolvendo minha criticidade perante a vida, perante o mundo. Socialmente, sei que a liberdade ainda é um eldorado, há muitas batalhas e estamos no front, não acredito e luto veementemente contra o neoliberalismo e suas meritocracias.

Mas, psiquicamente, vejo a liberdade bem mais possível, no pensamento que ninguém alcança. Não é apenas sobre traçar e executar metas, com a tão famosa mão de obra, é sobre ser cabeça de obras, cultivar sonhos e conscientemente, regar esperança. 





# Genilda Lima Tabalipa

## Movimento Nacional dos Catadores

Ser mulher, para mim, é maravilhoso. Além de fazermos quase tudo o que os homens fazem, ainda temos um poder divino de gerar vidas. É por isso, e por tantas outras questões, que devemos ser respeitadas dentro da nossa vulnerabilidade pelo fato de sermos mulheres.

Feminismo, para mim, é um movimento de luta pela igualdade de gênero, que se relaciona muito com a minha luta no Movimento Nacional dos Catadores. Para além do Movimento, chamar a atenção para a inclusão social dos catadores e catadoras de material reciclado, também tínhamos o olhar atento para a proteção do meio ambiente.

Lutamos muito pela valorização e pelo reconhecimento do trabalho prestado por nós mulheres, que foi uma importante marca para muitas mulheres garantirem suas liberdades financeiras e viverem

suas vidas de forma diferente, já que a maioria na época eram mulheres que eram ou já tinham sido vítima de violência doméstica. Com o passar dos anos fomos tendo pequenas e boas conquistas, como a conquista do Galpão que proporcionou condições dignas de trabalho, o que incentiva também outras mulheres a estarem nessa profissão. Com muita luta, persistência e garra, temos muito a agradecer a Deus e a todos da gestão pública em todas as esferas que acreditaram na força das mulheres, de que era possível construir melhores condições de trabalho, equivalentes entre homens e mulheres, e que, no entanto, hoje as mulheres são a maioria trabalhando na cooperativa e sustentando seus lares.









# Vera Gasparetto

## Doutora Interdisciplinar em Ciências Humanas

Ser mulher é uma forma de ser e estar todos os dias lutando por um lugar no mundo, independente da condição biológica ou de identidade. Ser mulher é ser pessoa que tem o direito a ter direitos e celebrar as conquistas no âmbito pessoal, profissional, da saúde física, mental e espiritual. Muitas mulheres dão a vida, e essa singularidade precisa ser celebrada e reconhecida no âmbito da justiça e dos direitos. A sociedade estigmatiza que as mulheres devem cuidar, mas elas também precisam ser cuidadas.

Por isso que o dia 8 de março é um marco na longa história da luta das mulheres que resistem desde que chegaram ao mundo. Infelizmente, uma vez mais, foi necessário mulheres perderem suas vidas para serem enxergadas como sujeitas de direitos. A data é um lembrete anual para a sociedade de que as mulheres existem e que precisam viver com dignidade, justiça e amor o ano inteiro.

O feminismo é uma práxis, algo que une pensamento e ação, que enfrenta as desigualdades estruturais do mundo, que podemos chamar de patriarcado. Ele é uma das bases, junto com as desigualdades sociais e de classe, o racismo e os preconceitos, que precisamos combater todos os dias na cultura, na política, na economia, no social, no Estado, na ideologia, nas mídias. O feminismo nos ajuda a nos tornarmos mulheres nessa identidade que nos coloca em tensão com o patriarcado e nos mobiliza a lutar contra toda forma de opressão.

Como neta e filha de agricultoras, segui o exemplo de minha nonna e minha mãe, mulheres incansáveis. Depois encontrei nas pastorais, movimentos populares, estudantis e sindicais um lugar de luta política também pelos direitos das mulheres. Posteriormente na profissão como jornalista e educadora pautamos a agenda feminista de luta pela igualdade de oportunidades em todos os âmbitos da vida. Minhas pesquisas acadêmicas e interesses de estudos são conectadas com essa pessoa que é a Vera: mulher, educadora, ativista, mãe, amiga, amor e sobretudo inconformada e insurgente frente ao mundo de injustiças. É por outro mundo que meu devir acorda todo o dia e age: um mundo amoroso, onde as pessoas sejam tratadas com igualdade e justiça. E a união entre as mulheres e seus aliados é fundamental para a construção desse novo lugar. 







# Urda Alice Klueger

## Escritora

O Dia Internacional da Mulher se torna essa data de referência ao falar do movimento de lutas das mulheres devido ao acontecido no século XIX, após mulheres morrerem queimadas na cidade de Nova Iorque enquanto lutavam por direitos, notadamente trabalhistas. Apesar da tragédia, só na década de 1970 é que tal dia é instituído e, se olharmos mais para trás, veremos a mulher ser humilhada e explorada de todas as formas imagináveis ao longo dos milênios — e muita coisa continua sem alteração até os nossos dias. Se olharmos mais para trás, no entanto, lá para a aurora dos tempos, encontraremos as imagens de deusas femininas, com amplos seios e ventres a nos falarem da importância da maternidade. Eram esses os tempos em que os homens caçavam ou coletavam, estando continuamente se movimentando, enquanto as mulheres permaneciam em lugares

fixos criando as crianças que nasciam. Acredita-se que a mudança dessa correlação de forças acontece com o surgimento da propriedade privada — quando passam a ser proprietários, os homens passam a desejar ter herdeiros do seu sangue para herdar as propriedades, e se invertem as posições na sociedade.

Ser mulher é uma das formas de ser humana. Vejo muitas injustiças com mulheres no meu entorno, mas sofri muito poucas. Diria que ser mulher é uma das formas de ser feliz. E o feminismo é uma forma de se lutar para diminuir diferenças e injustiças.

Venho de um lar onde a mãe era muito determinada e ciosa do seu espaço — se curvava a algumas coisas machistas, como votar junto com o marido, por exemplo, creio que era mais um fator cultural e orientação da igreja católica. Meu pai era um homem de grande bondade e não havia grandes problemas em casa devido a esses assuntos. Na adolescência senti uma primeira desigualdade: eu queria fazer o curso Científico e ser arqueóloga, mas meninas só podiam ser professoras, e então havia que fazer o curso normal. Como bati o pé, na ocasião, fui fazer o Científico sem problemas — penso que ali teria acontecido a minha primeira militância feminista, se as coisas tivessem sido diferentes. Ao invés de arqueóloga tornei-me escritora, tive sucesso, nunca deixei de fazer alguma coisa por ser mulher.

Posso me lembrar de alguns fatos esparsos que vinham de um machismo velado e que marcaram minha emoção até hoje, mas foram poucos e não ligados à minha vida pessoal. Vou me deparar com forte machismo já depois dos 60 anos quando, incrivelmente, pelo fato de ter adotado uma cachorra que amedrontava os homens da minha comunidade que, em pé de guerra, cada um por sua vez,

tentaram me machucar e dizer o que queriam que eu fizesse, mas reagi e os enfrentei, e a revolta deles morreu na casca.

Trago esses relatos mas entendo o meu lugar de fala, em que com muitos privilégios pouco vivi experiências esdrúxulas, muito diferente de tantas outras mulheres do meu entorno. Usando de empatia, torna-se muito mais profundo o meu sentimento quanto ao feminismo por essa busca de direitos e igualdades.

(Escritora, historiadora e doutora em Geografia pela UFPR).







## **Tania Ramos**

Vereadora em Florianópolis

Embora tenhamos avançado bastante nas conquistas por direitos, ainda temos muita luta pela frente. Especialmente no que se refere ao dia a dia de mulheres periféricas. Quando se trata de mulheres negras, a situação ainda é pior. Faltam políticas públicas como educação, saúde, moradia e segurança. O preconceito e a discriminação tornam a vida dessas mulheres ainda mais difícil. Tanto a violência doméstica quanto a das ruas são desafios diários dessas mulheres que além de vivenciá-las sofrem por seus maridos e filhos, que são ameaçados, encarcerados, violentados, muitas vezes sem culpa, outras por envolvimento com o narcotráfico, consequência da falta de oportunidades e excesso de preconceito. São mulheres que vivem sem perspectivas de vida, sempre apreensivas diante de tanta desigualdade social. Esse é um tema que deve estar sempre em destaque, sob pena de não conseguirmos avançar na criação de políticas públicas.

É desafiador nesse mundo machista e preconceituoso em que vivemos, sermos mulheres. Principalmente, quando falamos de

espaço de poder, de fala e de voto. Um machismo que é perpetuado ao longo dos anos, presente no nosso cotidiano, em todos os nossos territórios, sejam locais de trabalho, praças públicas, órgãos institucionais e até mesmo em nossos lares.

Enxergo no feminismo uma base para a construção das lutas das mulheres, uma forma que encontramos de conquistar direitos e garantir que estes sejam respeitados. Não construímos no feminismo a superioridade, mas a luta para garantir a igualdade de direitos entre os sexos. Através do feminismo conquistamos desde o voto até o lugar de fala.

Eu sou mulher negra, periférica, mãe e avó, lutadora social reconhecida em várias áreas essenciais para a cidade. Estou sempre na luta em defesa da democracia, contra as opressões, como racismo, machismo, LGBTfobia, fascismo, intolerância religiosa - e por serviços públicos de qualidade para todas e para todos. Fui eleita primeira suplente de vereadora pelo PSOL de Florianópolis, nas eleições de 2020, e assumi o mandato no lugar do vereador Marquito por dois anos — 2023 e 2024.

Na comunidade do samba contribui com a abertura de espaços de participação e de discussão da igualdade de gênero. Sou a primeira mulher a exercer a presidência da Associação das Velhas Guardas do Carnaval de Florianópolis e fui vice-presidenta da Escola de Samba Unidos da Coloninha e presidenta da Velha Guarda da mesma Escola. Também já participei de vários Conselhos e Fóruns públicos por entender a importância de mulheres ocupando esses espaços de poder. Se não fosse a união das mulheres e o feminismo, eu não teria conseguido ocupar todos esses espaços. A minha luta é a luta de todas as mulheres!

(Vereadora PSOL Florianópolis)









# Andreia Monteiro

Diretora da ONG Autonomia,  
educadora física e fisioterapeuta

Tratando-se de uma luta pelos direitos das mulheres e igualdade nos traz a reflexão de não baixar a guarda e nunca achar que vencemos a luta, pois é um gerúndio, estamos em eterna ação. Conquistou, vigia!! O dia 8 de março, por exemplo, é um dia emblemático, que norteia um movimento e dirige a história, dando a percepção do quanto tudo ainda está tão presente e arraigado a um sistema patriarcal. Ser mulher não é fácil, não.

E, talvez, ser andrógina me colocou em um lugar que me faz sentir os dois lados, trabalhei muito a questão masculina e feminina em minhas sessões de análise e tenho clareza que ser mulher de verdade é uma resistência!

Entendo pouco do feminismo, mas pelo que entendo é um movimento que deve acolher homens e mulheres, fazendo com que enxerguem e compreendam a importância, o valor e o papel das mulheres nesse mundo. Respeito e admiro as mulheres que fazem

essa luta acontecer, é muito necessário e não pode ser radical! Minha ambiguidade de gênero sempre me deixou mais restrita à participação ativa do feminismo, mas não por isso deixo de ser conivente com as boas ações em prol das mulheres e pela erradicação do machismo.

Em minha vida pessoal e profissional, que são fundidas, tive um episódio com o diretor de um clube onde trabalhava como professora, que recusou-se a assinar minha carteira de trabalho, alegando que eu tinha opções em minha vida não adequadas ao sistema social do clube. Ele alegava que eu tinha relações com mulheres e que não teria direito a carteira assinada, na época eu tinha 17 anos. No mesmo dia questioneei a ele: “é desta forma que vocês avaliam a competência de um profissional?”. Ele ficou mudo e soltou “me desculpe, mas é assim que são as regras aqui”. Então, finalizo respondendo “se é desta maneira que vocês pensam, eu gostaria de pedir para sair do trabalho que executo aqui. Por que não concordo com este pensamento”. Fiquei indignada. Fui embora já preparada para demissão. Feminismo não se entende muitas vezes, mas se sente. Nessa história, me coloquei como autoridade e prioridade na minha própria luta de existir como mulher andrógina e independente.

Por isso, vejo a luta das mulheres como um grande apoio mútuo de umas às outras, com o olhar atento inclusive para aquelas conservadoras e machistas, para elucidar as problemáticas, quanto para abraçar os homens e tê-los como aliados, ajudá-los a entender o potencial feminino que existe neles e nunca separa-los de nós. Movimentos são importantes, acolhem, orientam!

Se não tivermos unidas vamos sucumbir. Precisamos de afeto positivo entre todos, equilíbrio e discernimento para não inverter os polos de poder e sim todos sermos aliados!

(ONG Autonomia) 







# Giovana Mondardo

Vereadora em Criciúma

A luta de nós, mulheres, é todo dia, mas temos uma data simbólica, em que o Dia Internacional da Mulher torna-se um marco para refletir sobre todas as conquistas que circundam desde que mais de cento e vinte operárias em uma fábrica em Nova Iorque morreram em nome da luta pelos direitos das mulheres. E agora, em nossa contemporaneidade, devemos atualizar com as lutas desse momento: se atualiza nas lutas de maior participação das mulheres na política, se entrelaça com a luta contra a violência doméstica, se entrelaça com a luta por melhores condições de trabalho e da mesma forma com outras tantas demandas que são exclusivas das mulheres, mas não inerentes à sociedade e não indissociáveis das relações entre homens e mulheres na nossa sociedade.

Simone de Beauvoir dizia que a gente “não nasce mulher, se torna mulher” e acredito que essa seja a essência de ser mulher

no Brasil. Uma luta diária, uma condução de sociedade diária, uma reflexão diária em especial por se tratar de um país que ainda está entre os que mais matam mulheres no mundo e o país que mais mata transexuais no mundo. Nesse sentido, ser mulher vai pra além de se tornar mulher. Lembro daquela frase dita pejorativamente por muitos homens com muita frequência, há algum tempo atrás: “tinha que ser mulher”. E hoje, ao entender a sua potência e representatividade, visto dela por ser uma honra: “Sim, tinha que ser mulher, para fazer tantas coisas!”.

O feminismo mudou a minha vida e vem mudando a vida de muitas mulheres no mundo todo, há muitas décadas. É um movimento que nos constrói enquanto cidadãs, que diz respeito a essa coletividade que as mulheres acabam criando pela condição de reivindicar os seus direitos. O feminismo lutou pelo direito ao voto, o feminismo batalhou para que hoje possamos resgatar um direito reiterado há anos, que é o salário igual em mesmas funções. O feminismo entrega pra gente a oportunidade de sermos cada dia mais mulheres, cada dia mais potentes e por isso que eu digo sempre que “dias mulheres virão”, porque de maneira coletiva a gente consegue construir uma sociedade melhor.

A minha atuação e movimentação política começou na Universidade de maneira mais intensa. Lá foi criado, num primeiro momento, um coletivo de mulheres, que é o Coletivo Antonieta de Barros. Começou no ímpeto de reunir mulheres para discutir as questões de assédio na nossa Universidade, sobre dificuldades que a gente enfrentava por sermos mulheres nos espaços que a gente ocupava, tanto nas lideranças do movimento estudantil quanto dentro de sala de aula, e isso foi tomando uma proporção maior do que esperávamos.

Depois, passei a me envolver com um movimento de saúde de mulheres e, na Câmara de Vereadores, hoje como vereadora, com as pautas dos direitos das mulheres e do enfrentamento à violência doméstica, que acaba sendo a principal demanda e a principal bandeira do nosso mandato, em especial, por se tratar de algo que me forjou na luta, ou seja, me criou na luta. Então, não posso me furtar de continuar sendo presente, retribuindo tudo aquilo que outras tantas mulheres me ajudaram a ser. Costumo dizer que “eu sou, porque nós somos”. Acredito que isso se refere muito ao feminismo, à luta das mulheres, e tenho certeza de que essa é uma luta que não acaba ali na frente, ela vai se transformando ao longo do tempo, pra que a gente possa ter, no futuro, gerações que não tolerem mais as violências, não naturalizem os assédios e que a gente possa viver em sociedade num mundo em que se respeita as mulheres. Porque uma sociedade que é boa pras mulheres, é boa pra todo mundo. 



25  
PRÊMIO ABRADÉE 2023  
SUL



# Pilar Sabino

Diretora de Gestão Corporativa CELESC

“Prefiro ser uma ciborgue a uma deusa.” É preciso ter os ouvidos treinados para ouvir algo assim, principalmente em uma sociedade em que alguns desfrutam da liberdade de ser metamorfose ambulante, enquanto outras reivindicam o direito básico de ser nada menos que senhoras da própria identidade. E, afinal, para quê existe o Dia Internacional da Mulher, se não para quebrar paradigmas e discutir o feminismo fora da bolha?

Ouvir uma frase assim de uma bióloga, em pleno século 21, choca. Mais surpreendente ainda é saber que foi em 1985 que Donna Haraway trouxe essa ideia, de que somos um produto da ciência e tecnologia; um contraponto à versão da deusa ancestral que prega a liberdade à medida que a mulher se desprende do mundo moderno e assume um talento supostamente natural para ser uma mãe

emotiva, dona lar, detentora da criação, enquanto corre selvagemmente com os lobos.

Se esses talentos fossem naturais da mulher, então, não poderiam ser modificados. Sendo assim, estaríamos à margem da ciência e da tecnologia, fadadas à submissão, excesso de emoção e incapacidade de raciocínio lógico; uma percepção que me parece bastante limitada sobre o que é ser mulher. Prefiro ser ciborgue, portanto. Mas também quero ser deusa.

Quando pisei na sala de aula de um curso predominantemente masculino, soube que haveria barreiras. Pouco tempo atrás, cursar Ciências Econômicas e decidir ser economista não era algo que se esperava de uma mulher. Menos ainda, de uma mulher que também tem suas vaidades. Se alcancei conquistas, o feminismo — esse movimento intenso que oxigena os espaços e traz os ares do novo mundo — também é responsável. Não assumir rótulos, nem ser destinada a isso ou aquilo é um direito que reivindico e que o feminismo entende e acolhe.

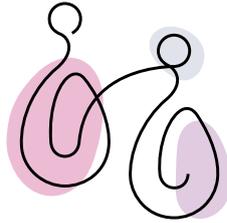
Sou ciborgue quando trabalho em um universo racional, com estatísticas, cálculos exatos e métodos que pedem precisão; quando tomo decisões e me enredo nas tecnologias, pesquisando ou fazendo ciência para criar soluções. Mas sou deusa ancestral quando aconchego minhas crias ao pôr do sol e enxergo meu lar com amor; ou quando assumo a fantasia de Carnaval e brindo à vida com a festa popular. E já que não existe uma mulher universal, não nos cabem rótulos, porque também reclamamos a liberdade de sermos metamorfose.

Me enxergar no alto dos meus privilégios e entender que vivemos em um mundo desigual, com mulheres em situações e iden-

tidades diversas: isso também é feminismo. Mas não apenas. Esse movimento existe para mostrar as contradições de um sistema sustentado por mulheres - que carregam nas costas o peso de criar a humanidade - mas também para expor as divergências que existem no acesso a direitos básicos de diferentes grupos de mulheres, que ainda sofrem as consequências do machismo estrutural.

O feminismo é, portanto, uma ferramenta ideológica de libertação de mulheres para promover a equidade de direitos: ele não suspende a liberdade masculina, nem retrocede seus direitos, mas promove justiça social e ajuda a construir uma sociedade mais ética e evoluída, que abraça as diferenças e acolhe os seres humanos como iguais. Essa luta deve ser de todos, afinal, enquanto uma de nós não for livre, nenhuma será.





# Haidee Denise

Desembargadora TJ/SC

A história nos revela que o dia 08 de março de 1917 ultrapassou as fronteiras de Petrogrado (hoje denominada São Petersburgo), na Rússia com o ato de milhares de mulheres tecelãs e costureiras que se reuniram em protesto por direito ao “Pão e Paz”. Revisitamos esta data, todos os anos, desde então, como o marco internacional de mudança de paradigma do movimento feminista, institucionalizado pela Organização das Nações Unidas em 1975, para dar visibilidade à luta das mulheres por igualdade de condições e acesso aos direitos humanos, com a consciência de que: “Quem não se movimenta não sente o peso das correntes que o prendem” (Rosa Luxemburgo). Ficar indiferente a essas correntes é ignorar a opressão que norteia a própria vida. Ficar parado é deixar que as coisas permaneçam como estão. E se movimentar, antes de tudo, é acreditar num mundo melhor.

E dessa forma, consideramos que o dia 8 de março se perpetua em todos os 365 dias do ano, com labutas e conquistas diárias

em vários meandros da sociedade. Há que se registrar que, apesar de fazer mais de um século que mulheres organizam grandes marchas em defesa de seus direitos, não faz nem 35 anos que, no Brasil, a Constituição estabeleceu a igualdade entre elas e os homens. Isso aconteceu somente em 5 de outubro 1988, quando o Congresso promulgou a sétima Constituição brasileira.

Dentre as conquistas e o compromisso de concretização de políticas públicas voltadas à defesa dos direitos humanos, no Poder Judiciário e no mundo jurídico, referendam-se os vários canais de acesso da população aos serviços prestados à proteção da mulher, como a Lei Maria da Penha de nº 11.340 sancionada em 7/8/2006, vindo a completar 17 anos em 2023. Entre tantas outras leis protetivas, como a da Importunação Sexual, de nº 13.718 de 24/9/2018, da Violência Psicológica, de nº 14.188 de 28/7/2021, Lei Stalking, que prevê o crime de perseguição, de nº 14.132 de 31/3/2021 e a Lei da Violência Política, de nº 14.192 de 4/8/2021.

A criação da Ouvidoria Nacional da Mulher, por meio da Portaria nº 33, de 8/8/22 pelo Conselho Nacional da Justiça (CNJ) a todos os tribunais estaduais e através do Ministério Público, também junto às Promotorias. E este é um caminho que permanece sendo trilhado por todos que almejam uma sociedade cada vez mais justa e equilibrada, rompendo-se de vez com o ciclo de violência, da desigualdade de gênero, do entrave no acesso à justiça.

A mulher é multifacetada e complexa. Abrange uma sensação de empoderamento, orgulho e realização em ser quem e como somos. É ser filha, neta, bisneta, mãe, amiga, parceira, companheira, esposa, profissional, guerreira, entre tantos outros status que ocupamos, sem perder a feminilidade que nos é inerente, dotadas do dom

da maternidade, geradoras de vidas e sonhos. E, no dizer do Desembargador Volnei Ivo Carlin, em sua obra *A Face Feminina Do Direito e Da Justiça*: “o momento histórico aponta a feminilidade traduzida numa ‘supermulher’: profissional, esposa, amante, bela, elegante, informada, malhadora, generosa e politizada.” (Ed. OAB/SC: Florianópolis, 2006, p.189).

Ser mulher é se reconhecer na sua essência, dotada de características próprias que a fazem única na atual sociedade pluralista, resultado de pressões e impressões sociais e culturais, onde conquista cada vez mais seu espaço pessoal, familiar e profissional, com liberdade de escolhas e direito à voz. No meio desse caminho, há outros tantos enfrentamentos. E em cada geração, haverão mulheres diferentes que serão moldadas pelos anseios das gerações anteriores. Eu sou fruto de uma mãe que queria mais de mim do que ela pode ser. O feminismo, é muito mais que um movimento pela igualdade de gênero, ele se desenvolveu em ondas marcadas na história em diversos pontos do planeta, despontando protagonistas de etnias e raças diversas, com demandas próprias.

As sufragistas reivindicando o direito das mulheres ao voto. No Brasil, o direito ao voto foi reconhecido pelo Decreto nº 21.076 de 1932, o que levou a nossa catarinense, nascida na ilha de Florianópolis em 11 de julho de 1901, Antonieta de Barros, a ser uma das primeiras mulheres eleitas no Brasil, em 1934, e a primeira afrodescendente brasileira a assumir um mandato popular. Lutou pela emancipação feminina, por educação de qualidade para todos e pela valorização da cultura negra. Cito aqui, para exemplificar a icônica mulher que ela foi e perdura pelo tempo afora, ao escrever seu discurso quando da promulgação da lei nº 145, de 12 de outubro de 1948, que instituiu o dia do

Professor, e transcrevo excerto: “Educar é ensinar os outros a viver; é iluminar caminhos alheios; é amparar debilitados, transformando-os em fortes; é mostrar as veredas, apontar as escaladas, possibilitando avançar, sem muletas e sem tropeços; é transportar às almas que o Senhor nos confiar à força insuperável da Fé”.

Seguiu-se essa luta, trazendo a lume a ideia da interseccionalidade, jogando luz sobre a importância de debater diferentes opressões — de etnia e de classe — a luta pelos direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade, do preconceito e pelo fim da violência. O feminismo, assim, representou e representa uma reação natural a uma sociedade patriarcal histórica, extremamente conservadora, predominantemente de domínio masculino, em declínio de suas formas tradicionais, numa busca das mulheres pelo direito ao corpo, à vida e à sua posição na sociedade, de forma a expor e celebrar as diferentes formas de ser mulher. E, neste contexto, afirmamos que o lugar da mulher é aonde e da forma que ela decide estar.

E a realidade atual nos mostra que estamos continuando o caminho das que vieram antes e desbravando o futuro das que estão por vir. As mulheres no Judiciário de Santa Catarina têm estado à frente de mudanças progressistas e têm contribuído significativamente para o sistema jurídico catarinense, e têm sido crucial para quebrar as barreiras e por envidar esforços para aumentar o acesso à justiça a todos os cidadãos.

Desde a criação e instalação do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, em 1891, até os dias atuais, já tivemos 270 desembargadores que atuaram nesta Corte, dos quais 252 são homens e, portanto, totalizamos apenas 18 mulheres na nossa história. Essas mulheres estão sendo reconhecidas como líderes de vanguarda, que trouxeram

ideias e práticas inovadoras para o sistema jurídico. Uma das mulheres mais notáveis do Judiciário catarinense é a pioneira Desembargadora Thereza Grisólia Tang, uma das primeiras a tomar posse no cargo de juíza de direito no Brasil (1954) e durante a sua carreira, a ter sido promovida por seus pares ao cargo de desembargadora em 1975. Como desembargadora, ocupou os cargos de Corregedora Geral de Justiça (1985), Presidente do Tribunal Regional Eleitoral (1986), Vice-Presidente do Tribunal e em dezembro de 1989, assumiu a Presidência do Tribunal de Justiça catarinense, permanecendo até março de 1990. Aposentou-se compulsoriamente da magistratura em 1992, quando atingiu a idade limite, à época, de setenta anos. E eu, com grata satisfação, tive a oportunidade de, como servidora pública concursada do Judiciário, à época, secretariar comissões em que ela era integrante. Seu carisma, competência, sensibilidade e coragem me encantaram e me tornaram a magistrada que sou hoje.

Outra mulher de destaque no Judiciário catarinense é a Desembargadora Salete Silva Sommariva, oriunda do quinto constitucional, na classe de advogada e que tomou posse em 31/03/2003. Esperou-se por 28 longos anos depois da primeira mulher no nosso Tribunal até que tivéssemos uma outra representante feminina. E, como é do conhecimento público, a Desembargadora Sommariva aposentou-se compulsoriamente, recentemente, ao atingir os 75 anos de idade. Esteve a frente da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (Cevid), defensora árdua dos direitos da mulher vítima de agressão. Atuou também como coordenadora estadual de Execução Penal e Combate à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (Cepevid). Outras mulheres no Judiciário de Santa Catarina e que estão na ativa também contribuem

significativamente para o avanço dos direitos sociais, podendo citar a Desembargadora Maria do Rocio Luz Santa Ritta, eleita por aclamação entre seus pares, para atuar junto ao Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina, no cargo de juiz efetivo, categoria Desembargador; a Desembargadora Rejane Andersen; a Desembargadora Soraya Nunes Lins, que recentemente ocupou o cargo de Corregedora Geral da Justiça, cargo que atualmente é ocupado pela Desembargadora Denise Volpato; a Desembargadora Vera Lúcia Ferreira Copetti, única mulher oriunda do Quinto Constitucional pelo Ministério Público; a Desembargadora Janice Goulart Garcia Ubiali, até recentemente ocupou a Presidência, eleita por aclamação, do Fórum Nacional de Juizados Especiais — Fonage; a Desembargadora Cláudia Lambert de Faria, atuando no Conselho da Magistratura Catarinense; a Desembargadora Cíntia Beatriz da Silva Bittencourt Schaefer, Coordenadora do Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Prisional; a Desembargadora Rosanne Portela Wolff, que esteve por seis anos atuando junto à Coordenadoria da Infância e Juventude, nas funções de Vice e de Coordenadora; a Desembargadora Denise de Souza Luiz Frankoski, Coordenadora do Comitê Gestor de Proteção de Dados; a Desembargadora Hildemar Meneguzzi de Carvalho que ocupa atualmente a coordenação da Cevid; a Desembargadora Bettina Maria Maresch de Moura e a Desembargadora Ana Lia Barboza Moura Vieira Lisboa Carneiro. E não poderia me furtar de fazer menção a duas outras Desembargadoras hoje aposentadas e que seus nomes e suas obras de atuação pela Justiça estão registradas na história, a Desembargadora Marli Mosimann Vargas e a Desembargadora Sonia Maria Schmitz. E, à medida que mais mulheres ingressam no Judiciário em

Santa Catarina, podemos esperar um progresso contínuo no avanço dos direitos humanos no estado.

Hoje no primeiro grau de jurisdição, temos 176 juízas na ativa (33,4% do total de 527 magistrados/as). 23 aposentadas. 9 desligadas (exoneradas e falecidas). No total de ativas e inativas 208. Continuando, no país, temos exemplos de mulheres de vanguarda como a atual Ministra e Presidente do Supremo Tribunal Federal - STF, Rosa Weber, ex-Presidente do Tribunal Superior Eleitoral - TSE e ex-Ministra do Tribunal Superior do Trabalho - TST e na ativa, as Ministras do Superior Tribunal de Justiça — STJ, Ministra Fátima Nancy Andrighi, a Ministra Laurita Hilário Vaz, a Ministra Maria Thereza Rocha de Assis Moura, a Ministra Maria Isabel Diniz Gallotti Rodrigues, a Ministra Assusete Dumont Reis Magalhães e a Ministra Regina Helena Costa. A todas elas não faltou coragem e competência. E, por fim, constatamos que o segredo do sucesso é nunca desistir, pois perseverando todos os dias, atingimos patamares nunca almejados antes. Somos muito mais que um sonho próprio. Somos o sonho de nossos antepassados e a esperança de um futuro melhor para os que seguem à frente. Parabéns para nós, destemidas mulheres, corajosas porque estamos aqui, com certeza fazemos jus ao lugar que ocupamos. Que sejamos abençoadas com saúde para que possamos continuar escrevendo a nossa história e a história da mulher Catarinense. O meu muito obrigado.





# Margareth Hernandez

## Advogada e Palestrante

Ser mulher é uma questão de identidade de gênero, não apenas uma questão biológica. Historicamente, fomos simbolicamente designadas para sermos responsáveis pelo lar, sermos mães, servir, secretariar, auxiliar, mas nunca ocupar o papel de protagonistas, simplesmente por termos genitália feminina.

Hoje em dia, também reconhecemos as mulheres trans e travestis, que podem ter genitália masculina, mas são mulheres e enfrentam preconceito duplo por serem mulheres e transgênero.

Infelizmente, no mundo em que fomos criadas, estamos sempre em desvantagem em relação aos homens em todos os aspectos: no setor público e privado, na busca por cargos e espaços de poder que antes eram exclusivamente masculinos. Ser mulher significa ser humana, amorosa, conciliadora e estar pronta para lutar pelo que acreditamos.

É importante esclarecer que o feminismo busca a igualdade de gênero, não a supremacia feminina nem a conquista de mais direitos do que os homens. Trata-se de buscar oportunidades e direitos iguais.

Ainda há muito a ser feito, precisamos enfrentar de maneira mais vigorosa as violências de gênero ainda presentes na política, aumentar significativamente a participação das mulheres em cargos públicos em todos os níveis, lutar contra a discriminação, buscar a igualdade salarial, combater a violência doméstica, o feminicídio e enfrentar diversas outras batalhas.

Uma das questões mais importantes é refletir sobre o que significa ser mulher em um país como o Brasil, e apontar as deficiências que precisam ser corrigidas para alcançar a igualdade de gênero em todos os setores. Devemos trabalhar para superar o patriarcado e criar um mundo mais inclusivo e feminino, onde todas tenham as mesmas oportunidades.

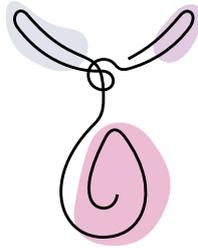
O feminismo passou por três ondas importantes e atualmente se fala em uma quarta onda. A primeira onda foi marcada pela luta pela cidadania, conquistando o direito ao voto feminino. A segunda onda foi a busca pelo direito ao próprio corpo e à sexualidade. A terceira onda trouxe a interseccionalidade, unindo o movimento LGBTI, a luta contra o racismo e outros movimentos sociais. Por fim, temos o ativismo digital.

Sou uma mulher cisgênero e lésbica, o que significa que meu corpo se coaduna com o meu espírito e mente, e minha orientação sexual e afetiva dirige-se as mulheres. Pertencço a uma geração “armarizada”, que viveu a adolescência e juventude numa ditadura,

sofrendo assim a censura e preconceito por ser quem eu era e sou. O feminismo, na sua terceira onda nos anos 90 ajudou muito o movimento LGBTQIA+, impulsionando a luta pelos direitos através da Parada Gay, que trazia visibilidade à nossa comunidade. As mulheres, através do movimento feminista, colaboraram com os outros movimentos sociais que lutavam por direitos: pela igualdade racial, direitos dos indígenas e quilombolas, etc. Na verdade, o feminismo sempre foi um movimento pela diversidade e inclusão de todos. A união de todas era imprescindível para o fortalecimento dos grupos. Sejam felizes, pacíficas, conciliadoras e amorosas entre nós!







# Luciana de Carvalho

## Auditora Fiscal do Trabalho

Como Auditora Fiscal do Trabalho, inserida em uma sociedade capitalista em que o trabalho desempenha um papel central, minhas reflexões abordam esse espaço de um lugar digno para tantas outras mulheres. Almejo e luto por ambientes de trabalho saudáveis, seguros e pela igualdade de respeito e salarial entre homens e mulheres.

Eu amo e tenho orgulho de ser mulher, e reconheço que nos países onde homens e mulheres desfrutam de maior igualdade em direitos, condições econômicas, sociais e reconhecimento, há melhores índices em todos os aspectos. Quando as mulheres lutam por direitos, elas também levantam outras bandeiras. Uma frase maravilhosa do movimento sufragista negro nos Estados Unidos diz “lifting as we climb”, ou seja, à medida que avançamos na luta, levamos muitas outras pessoas conosco. No caso específico, a luta das mulheres

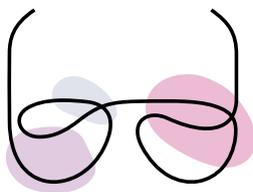
negras pelo direito de voto também beneficiou homens negros, mulheres brancas, crianças e outros grupos minoritários.

O feminismo é, essencialmente, a busca pela igualdade real e material. Não apenas aquela igualdade individualista que afirma que “todos são iguais perante a lei”, mas sim a igualdade em que todas as pessoas partem do mesmo ponto, nessa corrida que é a vida. Desde o nascimento, meninas e meninos devem compartilhar os mesmos sonhos e ter as mesmas oportunidades. Devem dividir as tarefas domésticas de forma igualitária, brincar livremente com brinquedos sem restrições de gênero, serem educados a respeitar e exigir respeito independentemente de gênero, desfrutarem das mesmas licenças parentais, acessarem os mesmos empregos e receberem salários iguais para tarefas equivalentes.

Existe algo poderoso em compartilhar a luta com outras mulheres. Já sofri preconceito por ser mulher, e a força de outra mulher, que muitas vezes enfrenta preconceitos adicionais devido à interseccionalidade de gênero, orientação sexual, religião, raça, cor ou deficiência, assume o papel de apoio para mim. Sei que minha fortaleza pode elevar outra mulher. Faço parte de dois coletivos fortes, além de outros espaços compartilhados com amigas: a Frente Nacional de Mulheres com Deficiência e o Coletivo Trabalho por ELAS. Eu amo! 







# Ana Candelmo

Advogada e Defensora dos Direitos da Mulher

Temos alguns marcos na luta pelos direitos das mulheres, mas ainda há muito o que avançar e ser feito. Seja pela justa e igualitária remuneração, seja pela luta por respeito ao “Meu Corpo, Minhas Regras”, seja pela luta contra o feminicídio, seja na luta por nossos filhos, seja na luta pela justa distribuição do trabalho não remunerado, seja na luta contra as desigualdades e preconceitos. É uma luta, onde devemos nos olhar enquanto meninas, mulheres cis, trans, bi, homo, hétero, sem gênero definido e nos reconhecer como lutadoras e ao mesmo tempo pararmos e nos olharmos com um olhar carinhoso. A luta é árdua, mas vale a pena.

Ser mulher é poder ser ampla dentro de mim. Consigo ser várias dentro de um só corpo. Mas ao mesmo tempo me dá medo. A nossa sociedade machista me dá medo. Tenho medo por mim e pela

minha filha. Olho para o passado e reconheço a mão do machismo e do patriarcado tocando e podando a vida, o sorriso, a liberdade da minha mãe, das minhas avós. Olho para o meu lado e vejo ele escorrendo pelos olhos por vezes tristes da minha irmã, no silêncio de minhas tias, nas dores das minhas amigas e companheiras de luta. Olho para o futuro e vejo que ainda temos muito trabalho, para que ele não possa podar mais nada. E que a minha filha e as filhas de todas as outras possam ter um futuro mais lindo, mais livre, com mais sorrisos e sem tantos medos.

O feminismo pra mim é o grito de tantas de nós. É a luta, a resistência. Ele é diverso, é complexo, porque nós mulheres somos complexas, múltiplas, intensas e, mesmo assim, o feminismo nos acolhe. Ele acolhe a todas, porque ele nada mais é do que o eco das nossas dores traduzidas em luta. A luta por poder ter filhos, a luta por poder escolher ter filhos, a luta de não poder ter filhos, a luta por não querer a obrigação de ter filhos. A luta contra a violência sexual, contra a violência obstétrica e a luta contra a violência por obrigar a parir. Eu, como mulher e mãe, não penso em fazer aborto. Mas políticas públicas não se baseiam em mim, no eu, mas no nós. Por isso, independentemente de qualquer crença religiosa, eu apoio porque se trata da escuta daquela mulher que foi violentada, que não pode mais parir; daquela criança que já sofreu demais e seu pequenino corpo não comporta ainda mais um corpo, fruto da violência, da infância roubada. Na escuta daquela mãe que fez de tudo para parir, que arrumou o quarto de forma linda e descobriu que logo após o parto, seu filho irá morrer e sofrerá nos primeiros momentos de vida e prefere interromper a gravidez, interromper seus sonhos, e impedir

que a dor cresça junto com o pequeno caixão que está gestando... Está em pensar no desespero em que a mulher que não vê outra alternativa a não ser o aborto, correr o risco de morte, se mutilar com agulhas de tricô, remédio não regulamentado, enquanto quem tem dinheiro, consegue fazê-lo por meio seguro e ainda critica quem não teve o direito de escolha.

O feminismo também está na luta daquela mulher que luta por direitos para si e para as outras, que abre caminho na senda de partidos políticos, que lutam por espaços, que precisam bater a mão na mesa e gritar para serem ouvidas, para não serem caladas e que muitas vezes são covardemente ameaçadas, caladas, cassadas, molestadas, caluniadas, ofendidas, despersonalizadas. Está naquela criança que brinca, ri, dança. Que é livre e não precisa vestir rosa ou azul, pois sabe que existem tantas cores no mundo e que todas pertencem a ela. Que pode jogar bola, pião, pipa, andar de skate ou bicicleta, ser o que quiser ser quando crescer. Que deve ter seu direito a infância e adolescência seguras. Que saberá como se defender, como dizer não e como denunciar quando nós, enquanto sociedade, falharmos com ela e, para isso é indispensável a educação sexual, através de linguagem lúdica e de acordo com a idade. O feminismo é sobre sabermos que não estamos sós. Não é sobre os homens, mas é sobre nós. É a tradução da luta em ser. E que sejamos plenas.

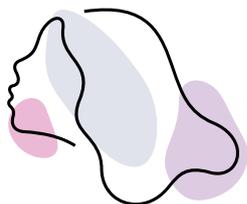
Eu sempre fui meio inconformada. Nunca aceitei bem essa coisa de menino pode isso e menina pode só aquele outro. Tive um avô excepcional e que me permitia ser tudo o que eu queria ser. E quando a sociedade me impunha limites, eu buscava romper. Aprendi a observar as mulheres a minha volta. Vi como muitas eram

tolhidas em seus sonhos. Vi muitas falas machistas do tipo: O que vão pensar de você? E sempre me questionei sobre isso. O mais importante seria o que EU vou pensar sobre mim se me calar, se me tolher, se mutilar por conta do olhar alheio. Soube ver e reconhecer em minha mãe muitas lutas, assim como nas minhas avós. Cada uma das mulheres que cruzaram o meu caminho me marcou. Consegui ver em seus olhos algumas marcas. Ouvi muitas histórias, dei e recebi muitos colos.

A irmandade feminina pode ser acolhedora, mas também pode ser violenta. Essas aparas que precisamos alterar. A violência normalmente vem travestida de machismo, de condenação do feminismo, no julgamento excessivamente conservador, que julga e aponta o dedo dizendo: o que vão pensar? Hoje faço parte de vários coletivos de mulheres e juntas vamos nos apoiando, nos cuidando, trocando experiências como uma grande colcha de retalhos, que ao final deverá compor o amor que deixaremos como legado ao mundo que queremos que as que virão depois de nós possam ter. 







# Ingrid Hofstatter

## Advogada

Quando falamos de feminismos, creio que devemos realmente pensar em plural. Porque, assim como somos um universo cada uma, esse movimento sem volta, chamado feminismo também é. A minha corrente feminista me leva ao conceito de respeito. Muitos confundem com o contrário de machismo, mas não é. Porque o machista enxerga o homem como um ser superior a uma mulher. E no feminismo que eu acredito e prego não há superiores, só diferentes, que devem ser respeitados e terem oportunidades na medida das suas habilidades, sem que o gênero seja colocado antes disso, como tantas vezes acabamos vivendo e testemunhando. E feminismo tampouco é uma pauta exclusiva das esquerdas, como querem nos fazer crer os desavisados ou mal intencionados de plantão. Sou uma feminista de direita, cristã, que se posiciona contra a interrupção da vida uterina pela simples vontade da mulher, mas que é a favor dessa mesma interrupção nos casos previstos em lei. Outras correntes do feminismo pensam diferente de mim, e essa linha de priorizar a

liberdade de pensamento e respeito, faz com que consigamos conviver e dialogar em harmonia em muitas outras questões nas quais concordamos.

Vim de uma linhagem de mulheres muito fortes e independentes, que arcaram com as consequências do patriarcado, tendo sido tolhidas nos seus direitos de estudar e buscar independência. O que não as impediu, ao contrário. Foram aquilo que a sociedade espera, mães, membros da família tradicional. Mas que entenderam muito antes da nossa geração que algo estava errado. Que se não tivessem uma carreira quem está desprotegida era exatamente essa estrutura que para elas era tão cara. Com esses ensinamentos (minha mãe me criou dizendo: estude e seja independente, não dependa de homem nenhum se quiser ser feliz, casamento vem depois de formatura e ter seu próprio dinheiro), eu construí uma carreira (estava com a carteira da OAB na mão com 23 anos), uma família e um casamento feliz. Sempre com essa noção de ser protagonista da própria história, convivendo com mulheres inspiradoras que lutaram e venceram acolhendo e incentivando umas às outras. Eu agradeço todos os dias pelas que vieram antes, e trabalho todo dia pra ser o mesmo pras que virão. Mulheres independentes transformam o mundo em um lugar melhor. E, pra conquistar essa independência precisei me descobrir: feminista, graças a Deus!

Ser mulher é desafiador e delicioso. Eu amo ser mulher! Com essa capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e ser bem sucedida em todas elas. Esse poder de liderar sem ser agressiva, ser sentimental e maternal, acolher e ver o quanto isso agrega à outra pessoa. Que cresce com esse nosso jeitinho feminino de ser. Gosto da inteligência emocional de uma mulher numa crise, de como somos resolvedoras de problemas hábeis e inteligentes.







# Justina Ines Cima

## Movimento Mulheres Camponesas

Estamos vivendo um período em que os valores humanos de solidariedade, empatia, respeito e dignidade humana estão sendo atacados por uma onda extremamente conservadora e colonialista. Precisamos retomar a essência de surgimento do movimento de luta pelos direitos das mulheres e a construção de uma sociedade que garanta dignidade e relações de igualdade entre homens e mulheres. Estamos vivendo um tempo onde é urgente fazer o debate sobre a questão de nossos territórios. O respeito aos nossos povos e sua dignidade. O papel do Estado democrático e a necessidade de políticas públicas para enfrentar a fome, a violência contra as mulheres, a intolerância, o racismo, a crise climática.

Precisamos fortalecer todas as formas de organização das mulheres, pois só conseguiremos avançar em coletivo com a participação

política da mulher na sociedade. Ocupar espaços de decisão é um desafio! Estamos vivenciando um momento de perseguição e criminalização da atuação das mulheres trabalhadoras que estão em espaços tradicionalmente ocupado por homens.

Também é necessário debater outros temas como autonomia política, econômica e social, a valorização do trabalho de cuidado, reprodução e produção entendendo a mulher como um ser capaz, inteligente, propositivo. Qualidades que, em sua grande maioria, promovem o bem-estar em todos os aspectos. É preciso nos reunirmos, nos encontrarmos, estudar entre nós, mulheres, e nos fortalecermos para sairmos do papel de servir a todos. É necessário exercitar, nos espaços onde atuamos, a divisão de tarefas, as responsabilidades com o bem-estar como compromissos de todos e de todas.

Para mim, ser mulher é algo muito forte. Temos potencial e uma força muito grande, que nos move em direção ao afeto, ao amor, à vida que brota do construir-se com a prática do pensar sobre o ser mulher em coletivo, vamos pouco a pouco aprendendo e respeitando as especificidades e, no grupo, somando forças para transformar a humanidade. Como constatou Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Precisamos nos pensar como mulheres, gênero, raça, geração e classe.

Nosso corpo, nossas mentes são construções sociais feitas numa sociedade dominada pelos homens e pelo capital que determina o papel da mulher. Então, para mim, ser mulher vai muito além do biológico. Ser mulher é ter a capacidade de entender e de me contrapor a isso, junto com toda a organização feminista camponesa popular. Tornar as mulheres parte integrante da sociedade, estar

no Movimento de Mulheres Camponesas desde seu surgimento, em 1983 (que, portanto, completa 40 anos de existência), contribuiu muito para me tornar mulher, camponesa, lutadora. Sou uma mulher que vive com a compreensão das relações sociais de gênero, classe, raça e geração.

A luta feminista, para nós camponesas organizadas no MMC, nos mostrou que temos no mundo “feminismos”. Para nós, a organização, formação e lutas nos fez entender que o nosso feminismo é o Feminismo Camponês Popular. Este nasce da prática política das mulheres camponesas que ousaram se organizar, que romperam padrões, costumes e normas, para ir além, para buscar a nossa emancipação. Fazemos isso a partir do nosso cotidiano, e em coletivo. Buscamos, e construímos juntas, formas de nos libertar das opressões, discriminação, violência e explorações, resultado dessa sociedade.

Esse entendimento, essa transformação em nós, de nos sentir gente, sujeito, aponta para a construção de outra base de sociedade. Uma sociedade justa, igualitária, solidária, onde o diálogo, a compreensão, a liberdade nas relações entre mulheres/homens com o ambiente sejam de interrelação, cuidado e continuidade na construção do projeto popular de agricultura camponesa agroecológico.

Entendemos que as camponesas feministas são fruto da herança de mulheres indígenas, negras, descendentes de europeus, pobres, trabalhadoras que lutaram e lutam para enfrentar as consequências de uma sociedade capitalista, patriarcal e racista.

Gostaria de afirmar aqui que ser feminista é uma opção de vida. Um ato de amor, pois o feminismo propõe uma sociedade justa, igualitária, sem ódio e discriminação, ao contrário do machismo que

quer manter os privilégios dos homens sobre as mulheres a qualquer custo. Se precisam, impõem à força, usam o poder para mantê-las submissas e serviçais. Isso em todos os espaços privados e públicos. E, quando não conseguem, usam as mais diferentes formas de violência para manter seus privilégios.

Em minha trajetória de vida, desde a infância, foi uma grande luta para buscar dignidade. De família numerosa, onde a cultura patriarcal e machista prevalecia, como, por exemplo, às mulheres não era permitido sair de casa para estudar. Porém, não sou a única que enfrentou esta situação. De modo geral, as mulheres da roça, da minha geração, tiveram este mesmo problema. Brincavam de boneca com crianças de verdade. Os afazeres domésticos eram responsabilidade da mãe de família e as meninas eram educadas desde cedo para serem ajudantes de suas mães.

Porém, nossa geração também teve a oportunidade de participar de processos históricos, como o movimento de redemocratização do país. Processos de organização, formação e lutas nas comunidades eclesiais de base, que deram início a uma grande mobilização, da qual nós fazemos parte.

Porém, quero destacar que, para mim, o surgimento do Movimento de Mulheres Camponesas, em 1983, foi o que demarcou em minha vida a tomada de consciência de que nossa luta era, e continua sendo, uma luta de gênero e classe social. Foi naquele contexto que muitas mulheres camponesas conseguiram entender a importância de sair de casa, de se organizar em grupos e coletivamente sair das lamentações, propor pautas para seus direitos. Organizar, ocupar espaços de decisão e poder, pôr em prática a pauta de direitos, reconhecendo-se como mulher e trabalhadora rural.

Este Movimento abriu horizontes e envolveu as mulheres num grande movimento autônomo, de caráter nacional, que se articula com movimentos populares e feministas nos cinco continentes. Hoje, conseguimos vivenciar e mostrar para a sociedade que temos direito de decidir sobre nossos corpos, nossas vidas. Mas temos consciência de que nossa luta é grande, precisamos nos unir para resistir e enfrentar organizadas o sistema patriarcal, racista, capitalista imperialista que tenta nos impedir de viver e alcançar a igualdade de gênero.

Continuo sendo camponesa agroecológica porque amo esta profissão e entendo ser uma das profissões mais nobres. Afinal, somos nós que produzimos o alimento para toda a humanidade. O sonho de menina, de estudar e ser professora, se tornou realidade. Aos 55 anos, graças à luta, me aposentei e isso me possibilitou retomar os estudos. Fiz o CEJA, o Enem, ingressei na Universidade e, aos 60 anos, concluí o curso de Pedagogia. Em seguida, fiz o curso de Pós-graduação de Ciências Políticas, a Esquerda no Século XXI.

Estas conquistas são individuais e coletivas, e possibilitam a formação de muitas mulheres que, como eu, através da luta feminista — e, no nosso caso, a luta Feminista Camponesa Popular — foram construindo caminhos de libertação e emancipação. Gostaria de ressaltar que a luta feminista não transforma somente a vida das mulheres. Transforma a sociedade de homens e mulheres e sua relação com o ambiente, propõe o tempo todo um mundo de igualdade de direitos, justiça econômica, política, social e ambiental.

Muitos desafios permanecem, mas acredito que só serão superados em coletividade. 





# Nina Santin Camello

Vereadora em Jaraguá do Sul

Ser mulher é ter coragem para seguir em frente todos os dias em busca dos ideais. Pra mim, ser mulher e não ter medo de ir à luta, buscar o seu próprio caminho, mesmo encontrando barreiras que, muitas vezes, nos fazem dar um passo para trás. E, por ser mulher, tudo já se torna mais difícil. Trago aqui um exemplo vivenciado por nós, mulheres que hoje estamos na política. Infelizmente ainda existe resistência em relação a mulher na política. Precisamos, todo santo dia, exigir respeito, falar mais alto, nos posicionar mais forte, num ambiente machista e cheio de julgamentos. Apesar dos desafios, ser mulher também é libertador. É empoderar-se de si mesma e fazer coisas extraordinárias.

A nossa luta é diária. Ainda temos desigualdade de salários, ainda temos o machismo impregnado em nossa sociedade.

As mulheres ainda são mortas pelo simples fato de serem mulheres... E aí entra o feminismo, que é justamente isso, a busca por igualdade de direitos. Nem superior, nem inferior aos homens. Apenas igual. E se não houvesse, lá trás, mulheres que lutassem por essa igualdade, eu não estaria aqui hoje. Nem como vereadora, nem como Procuradora da Mulher. Assim como tantas outras.

O feminismo representa, para mim e para todas as outras mulheres, essa luta constante por direitos, por respeito, por igualdade. Uma luta cansativa, porém necessária.

Eu fui voluntária da Rede Feminina por mais de 14 anos, fui presidente, vice-presidente, membro do conselho da Rede Feminina Estadual. Na rede de Jaraguá do Sul éramos em média 100 voluntárias, todas lutando pelos direitos das mulheres com câncer, acolhendo as mulheres nas horas mais difíceis. Pois, quando a mulher recebe o diagnóstico do câncer, ela fica sem chão e nós, da Rede, tínhamos que ser naquele momento o seu pilar, para acolher essa mulher e dar toda a atenção necessária. Tive a oportunidade, também, de ser Secretária da Assistência Social por 3 anos, o que me trouxe o senso de urgência em fortalecer as políticas públicas para atender às mulheres em situação de violência e em situação de vulnerabilidade. Evidentemente que, junto à Secretaria de Assistência Social, havia muitas demandas a atender, pela sua abrangência, pois tem a função principal cuidar de pessoas em todos os sentidos. Mas esse fato ajuda a refletir sobre a importância de ocuparmos os diversos espaços de poder, para irmos pouco a pouco colocando o olhar reflexivo e de mudança sobre pontos que talvez não mudassem se não estivéssemos lá, com “a caneta na mão”.

Hoje estou como Procuradora da Procuradoria da Mulher. Me orgulho de estar à frente desse projeto, podendo ajudar tantas mulheres vítimas de violência em nosso município. Pois, quando falamos em mulher vítima de violência, falamos em família, criança e idoso. Na Câmara de Vereadores, temos mais uma mulher, a Vereadora Sirley Schappo, com quem, mesmo sendo de partidos diferentes, convergimos em reconhecer a necessidade de nos unirmos. E isso nos fortaleceu não só como agentes políticas, mas fortaleceu e deu ainda mais voz às nossas lutas!







# Daniela Rosendo

Doutora e Mestra em Filosofia

O movimento feminista é muito plural, assim como há uma imensa diversidade de mulheres. Nesse sentido, vejo que os movimentos, tanto no Brasil quanto em outros lugares do mundo, têm sido fundamentais para a conquista de direitos para meninas, mulheres e outros indivíduos e grupos que se constituem como minorias políticas (grupos com menos poder e participação na política e na democracia). Além disso, em períodos de retrocessos, como o que temos vivido no Brasil e em outros países nos últimos anos, percebem-se os desafios dos coletivos, redes, coalizões e organizações de não só lutar por avanços, mas denunciar e impedir retrocessos. Apesar desse cenário, nos últimos anos houve um aumento significativo de iniciativas em prol da igualdade e justiça de gênero, tanto em espaços de educação, com ênfase nas universidades, quanto nos movimentos sociais e de base.

Para além disso, entendo o feminismo como um posicionamento ético e político que vai além dos direitos das mulheres, na medida em que o próprio sujeito dos feminismos é ampliado. Para mim, os feminismos são um lugar de práxis. Isso significa que, além da dimensão prática — de me compreender como uma feminista defensora de direitos humanos —, entendo que existe uma relação fundamental entre teoria e prática. Nesse sentido, ao me identificar também como filósofa e pesquisadora, aprendo com as intelectuais feministas e ao mesmo tempo contribuo com o desenvolvimento da teoria feminista, particularmente da ética e da política desde uma perspectiva ecofeminista.

O “nosso dia”, o oito de março, é um dia de luta no qual nos organizamos para chamar atenção da sociedade sobre as desigualdades e injustiças de gênero. É uma data que mobiliza mulheres — e outras pessoas aliadas — de tal forma que potencializa nossa força e reivindicação para que todas possam viver uma vida livre de violência e opressão. A partir dessa mobilização, nós — feministas — denunciamos que as sociedades são estruturadas a partir da distinção entre homens e mulheres, atribuindo papéis sociais a um e outro de forma binária e hierárquica. No aspecto do trabalho e da economia, por exemplo, aos homens cabe o trabalho produtivo e às mulheres o trabalho reprodutivo. Isso significa que todo o trabalho de cuidado, portanto não remunerado ou precarizado, recai sobre as mulheres. Nesse sentido, nossa luta é para que a economia do cuidado seja pensada junto ao trabalho e renda, a fim de avançar em direção a uma sociedade com mais igualdade, democracia e justiça. É importante ressaltar, no entanto, que para alcançarmos isso é fundamental

que seja compreendido o caráter interseccional das opressões. Isto é, reconhecer que as desigualdades de gênero são atravessadas também por outros marcadores sociais, como raça/etnia, classe social, idade, orientação sexual, religião, deficiência etc. Assim, a partir do momento em que diagnosticamos as desigualdades oriundas do sistema de gênero nas nossas sociedades, entendo que passamos a ter o compromisso ético e político de usar essa “lente” em todos os espaços. Ou seja, assim como os direitos humanos são transversais, é necessário observar a justiça de gênero em quaisquer iniciativas a fim de transformar a realidade das meninas e mulheres.

Meu primeiro contato com o feminismo e os estudos de gênero foi há aproximadamente 16 anos. Desde então, minha relação tem sido tanto teórica quanto prática. Durante a graduação em Direito comecei a me interessar pelas questões feministas e de gênero, começando a relacioná-las com a justiça social e ambiental que já me mobilizava. Foi nessa intersecção que passei a me interessar fortemente pelos estudos e a práxis ecofeminista animalista, do qual o compromisso com o veganismo faz parte. No mestrado em Filosofia, pesquisei sobre a ética sensível ao cuidado - uma perspectiva ética ecofeminista. Em seguida, tanto no doutorado quanto no pós-doutorado, aprofundei a pesquisa contribuindo com o desenvolvimento de um projeto ético-político ecofeminista de justiça social, ambiental e interespécies, isto é, de uma justiça plural. Junto à pesquisa, minha trajetória tem sido marcada também pela atuação na defesa feminista dos direitos humanos, com a participação nos movimentos sociais e organizações, por meio da educação em direitos humanos, ações de advocacy, monitoramento e litigância estratégica.

E todas essas experiências e vivências me formam como estou no mundo e que tem um papel determinante nas formas como se dão as relações, sejam elas da esfera privada ou pública. Portanto, é a partir desse lugar que constituo minha identidade — da minha identificação como mulher —, ainda que dissidente da normatividade social tradicionalmente imposta ao sujeito mulher, como a heterossexualidade compulsória, por exemplo. 







# Claudia Prudêncio

Presidente da OAB/SC

Faço a reflexão de que já tivemos inúmeros avanços, desde a conquista de direito ao voto, mas sabemos que o nosso caminho é longo e ainda está longe de chegar ao fim. A disparidade nos salários entre homens e mulheres, a desigualdade entre homens e mulheres em cargos de gestão, a ausência feminina na política, as inúmeras violências de gênero que sofremos ao longo da vida, o aumento absurdo nos casos de feminicídio. Somente no ano de 2022, tivemos um acréscimo de 55% desses casos em nosso estado, comparando-se ao ano anterior. Os números falam por si sós. É necessário aproveitarmos dos espaços que temos e ocupamos para constantemente discutirmos ações efetivas para mudar essa realidade. O diálogo é importante, mas agir de forma prática é urgente.

Eu amo ser mulher. Sou mãe de duas mulheres lindas e muito especiais, a Laís e a Yasmin. Temos uma força única, um jeito especial

de ver a vida. Acho que as mulheres são, sim, mais sensíveis, mas não no sentido de sermos vulneráveis emocionalmente, como alguns acreditam, mas por aquela sensibilidade de olhar o outro, de saber quando alguém precisa de um abraço ou uma palavra de carinho. É engraçado como alguns ainda associam o feminino à fraqueza. Para mim é justamente o contrário. Ser mulher hoje é ter liberdade de escolha, ter direito a voz. É ter coragem para dizer o que se pensa, de se posicionar quando necessário, de se impor quando a ocasião pedir. É acreditar que podemos ir além e chegarmos onde nós quisermos. É resistência, força e coragem.

E, a partir disso, entendo o feminismo como a luta por igualdade, com os mesmos direitos e deveres, para que busquemos soluções para as questões que citei acima. Sabemos o quanto a desigualdade de gênero ainda é cruel com as mulheres, mas me causa um certo incômodo que esta pauta às vezes tome um viés negativo. A nossa busca por igualdade não deve estar atrelada a ideologias ou partidos políticos. Também não vejo o feminismo como pauta exclusiva das mulheres. Eu sempre tive apoio de muitos homens na minha caminhada, que foram e são sensíveis a essa questão e que, assim como nós, também acreditam que somente a igualdade é capaz de construir uma sociedade mais justa.

Eu sempre fui uma mulher de posicionamentos firmes. Nasci no interior, tenho 3 irmãos, mas como a mais velha, assumi muitas responsabilidades desde muito cedo. Minhas referências femininas sempre foram de grandes líderes. Minha avó e minha mãe, mesmo sendo pessoas simples, eram mulheres de fibra, chefes de família, em um tempo que isso não era tão comum. E mulheres como elas são

minha inspiração. Como já disse, eu sempre tive apoio de muitos homens durante minha vida profissional. Eu tenho um jeito mais despatchado, sou uma pessoa simples, gosto de gente, de abraçar, não faço distinção. Então, talvez essas características da minha personalidade tenham me ajudado a conquistar o meu espaço. Acredito que essa união entre homens e mulheres seja o melhor caminho a seguir.

Queria resgatar uma história, um fato, em que a união das mulheres representou um momento marcante, uma das mais significativas, o “Paridade Já”, movimento da OAB aprovado em 2020, para equalizar o número entre homens e mulheres nas candidaturas, tanto de titulares quanto para suplentes, para os cargos da Ordem. Eu estou no Sistema OAB há mais de 20 anos, passei por todos os cargos da Ordem em uma época em que mal se falava em feminismo. Ao lado de tantas outras grandes mulheres, fomos galgando o nosso espaço, sempre com ética e respeito. Sem qualquer tipo de cota, mas por competência e merecimento, chegamos muito longe dentro do Sistema OAB, tanto que hoje sou a primeira presidente mulher da Seccional catarinense, em 90 anos de história. Sinto um orgulho imenso em ter feito parte deste movimento, que protagonizou um marco histórico na sociedade brasileira. 





# Ana Cristina Silva

Pastora

Sou uma mulher empoderada. Mãe solteira desde os 17 anos, sou uma ex-moradora de rua e usuária de drogas. Perdi minhas 3 filhas para o Conselho Tutelar. A partir daquele dia, eu perdi meu chão, fui morar na rua, me entreguei para as drogas e cheguei a pesar 34 quilos. A vida não tinha mais sentido para mim, perdi os meus bens mais preciosos, que eram minhas filhas. Mas eu sou uma mulher guerreira e de objetivos, e no momento o que eu mais queria era ter minhas filhas novamente e me recuperar. Procurei uma clínica terapêutica, me recuperei e peguei as minhas filhas novamente e fiz a minha nova história em outro estado. E, a partir daquele momento, nasceu um desejo no meu coração de ajudar pessoas que passam pelas mesmas dificuldades que eu enfrentei, e hoje sou liberta. Então, hoje eu tenho minha família restituída, tive mais 2 filhos e abri um centro de recuperação masculino para ajudar almas assim como um dia me ajudaram. Tenho planos de abrir um feminino também.

Sou pastora. Deus me deu um lindo ministério e oportunidade de vida novamente. Jamais acreditaria que eu estaria vivenciando isso, pois uma pessoa que morou debaixo da ponte, em Curitiba, naquelas noites frias, hoje tem 5 filhos, duas formadas e três estudantes. A luta para criar eles não foi fácil, a luta para sermos vistos e termos voz na sociedade continua. Mas, graças a Deus, posso dizer que conquistei e estou conquistando tudo o que é meu, por direito, e sei que irei conquistar bem mais.

O feminismo se relacionou muito na minha trajetória. Tive ajuda de mulheres, tanto da família, quanto de quem não era. As pessoas acham, de modo geral, que temos rivalidades entre nós mulheres. Mas não, pelo contrário, somos unidas, e eu sempre procurei ajudar a união das mulheres. Afinal, estamos na mesma luta. Acredito muito no ditado que diz que “a união faz a força”, e eu sei que, juntas, somos resistência. Não queremos ficar contra os homens, e sim mostrar que os nossos direitos são iguais.

E esse movimento feminista representa, para a mim, a luta pela igualdade social e também contra os abusos e violência contra as mulheres. Muitas pessoas acreditam que feminismo é o oposto de machismo, mas não é! Machismo é um preconceito que expressa opiniões rudes em relação a nós, mulheres, favorecendo o gênero masculino e desfavorecendo o feminino. A luta continua, e eu levanto a bandeira da igualdade.

Ser mulher, para mim, é ter a liberdade de escolha, poder expressar os meus sentimentos, opiniões e ter lugar e voz, sem ter que ser diminuída. Para mim, nós somos guerreiras, resistentes e fortes. Lutamos pelo nossos propósitos e, sempre tentando mostrar que merecemos estar no topo, somos empoderadas. Afinal, podemos ser o que quisermos.







# Ana Cristina Blasi

Juíza Substituta do Pleno do TRE-SC

Pelo Dicionário Aurélio, feminismo é o “movimento em prol dos direitos da mulher e da igualdade de gênero”. O termo feminismo tem sido estereotipado e correlacionado com ódio aos homens, lesbianismo ou falta de feminilidade, o que tem levado à sua rejeição por boa parcela da população, que não se sente associada a tais características.

Porém, para além de rótulos mal interpretados, é importante, como sociedade, trabalharmos para que o movimento se torne mais aberto às preocupações de diversos tipos de mulheres, e como forma de atingirmos a tão sonhada igualdade de gênero, ainda não conquistada.

Ser mulher é saber se amar e se respeitar, antes de tudo. Ser mulher é ter força. É não se render, jamais. É lutar. É ser independente e capaz de tomar as suas próprias decisões em sua vida privada ou pública. Mas, ao mesmo tempo, ser mulher é ser generosa e acolhedora, tanto no ambiente profissional como no doméstico. É ter uma escuta

ativa, estar sempre pronta a romper limites e a permitir realizar-se naquilo que faz.

Despertei para a importância da valorização da mulher no ambiente profissional, corporativo e pessoal há alguns anos. Desde então, tenho participado ativamente de campanhas para inserção de mais mulheres na política, arena antes privativa dos homens. A incursão nesse mundo trouxe novas amizades, outras mulheres e homens com o mesmo sentimento de despertar que, aos poucos, foram se somando e formando um verdadeiro exército de pessoas dispostas a implementar um novo amanhecer para as mulheres e a sociedade como um todo.

Além disso, contribuí para a realização do projeto estadual da casa de acolhimento à mulher vítima de violência doméstica que, hoje, acolhe e abriga, em Santa Catarina, 16 mulheres em situação de risco, juntamente com seus filhos, crianças de 0 a 12 anos.

Há urgência na mudança de mentalidade e cultura do brasileiro comum. Para isso, as inúmeras palestras que proferi no Estado de Santa Catarina e fora dele para abordar o tema, sempre tiveram o objetivo de trazer consciência e chamar a atenção para questões antes pouco abordadas, relativas à violência contra a mulher, seja ela política, física ou moral.

Ainda há muito a ser feito. Continuarei lutando pela inserção da mulher na política e no mercado de trabalho, procurando arregimentar mais mulheres dispostas a romper barreiras, a produzir renda, a serem independentes, pois, na minha opinião essa é única a forma de fazer com que tenhamos nossas próprias opções de vida, possamos alcançar a felicidade e, conseqüentemente, uma sociedade menos desigual.







# Joana Maria Pedro

Historiadora

Eu não nasci feminista, nasci numa família em que as meninas eram encaminhadas para o casamento e os meninos para o estudo e o trabalho. Mas eu me destacava na escola, aprendia com muita facilidade. Encontrei, na minha trajetória, mulheres que me estimularam e protegeram, como as Irmãzinhas do Colégio São José que me esconderam e, assim, protegeram-me de violência doméstica. Também como a minha mãe que, em 1983, veio comigo para Florianópolis, junto com meu filho e meu irmão mais novo. Sem ela eu não teria condições de dar aulas, fazer pesquisa, estudar, ocupar cargos na UFSC.

Tive a sorte de encontrar mulheres que me estimularam como Maria Odila Leite da Silva Dias, orientadora de doutorado na USP, que um dia disse que eu era feminista. Claro que nem todas as mulheres

são solidárias. Recebi apoio de vários homens em minha trajetória de vida e profissional. Homens competentes, atenciosos e solidários e alguns eram feministas. Posso assegurar, entretanto, que em grande parte de minha trajetória de vida e de profissão, eu tive a sorte de contar com o apoio de grandes amigas mulheres. Grande parte delas se identificava com o feminismo, outras não, mas, não obstante, agiram como tal. Ou seja, sabiam que o fato de eu ser uma mulher não me tornava menos capaz de fazer o que precisava ser feito, e acreditaram em mim.

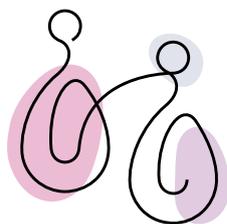
Eu gosto de ser mulher, sou vaidosa, vejo-me cuidando das pessoas, tendo a prestar atenção nos sentimentos das pessoas. Mas não penso que isso seja algo próprio das mulheres, há pessoas que são assim e outras que não são. Conheço homens que também são cuidadosos com as pessoas, e outros que nem tanto. Reconheço que há mais mulheres cuidadosas. Considero que há algumas diferenças entre homens e mulheres de maneira geral, mas essas diferenças não estão na inteligência, na capacidade e na atenção. Portanto, nada justifica que se desqualifique uma pessoa por ser mulher. Ser mulher para mim é, por isso, ser igual a um homem, mas com capacidade de gerar e de amamentar outra pessoa. Ser mulher também é temer a violência e, principalmente, saber que será preciso me esforçar muito mais para obter o mesmo reconhecimento que um homem teria nas mesmas condições.

Temos chamado de feminismo a luta das mulheres por direitos iguais aos dos homens. Algo que não existia. Por exemplo: o direito de receber salários iguais por trabalhos iguais e ter profissões qualificadas. O direito de estudar e ter formação completa em todos

os níveis. O direito de votar e de ser eleita e, assim, poder propor leis, administrar os diferentes níveis de poder público. O direito de receber herança, de ter propriedades e de legar para os filhos. De ter o corpo respeitado, de ter as decisões sobre a própria sexualidade e decisões reprodutivas respeitadas. Feminismo é lutar por não sofrer violência, não ser espancada e nem assassinada apenas por ser mulher.

Para mim muitas ideias dos feminismos são fonte de inspiração para pesquisa, ensino e para minha vida pessoal. Falo de feminismos, no plural, porque, como no caso de qualquer movimento social, existem vários feminismos e nem sempre concordo com tudo o que esses movimentos definem. Afinal, as ideias também têm história. Foram ideias feministas que me mostraram que muitas de minhas dificuldades não advinham de minha incapacidade ou incompetência, mas pelo fato de eu ser uma mulher e ter que temer a violência que aparecia de diferentes formas. Foram as ideias feministas que me mostraram que há, também, homens feministas e mulheres muito machistas e que o machismo está na cultura. A transformação é lenta e precisa de luta firme e cotidiana. 





# Tania Eberhardt

Secretária da Saúde de Joinville

Aos 7 anos eu dizia que queria ser livre, tinha o perfeito entendimento que para conquistar a liberdade, precisava trabalhar. Fui trabalhar aos 13 anos contra a vontade do meu pai, continuei a estudar, mas tinha dinheiro para a minha sobrevivência. Foi minha primeira conquista. Trabalhava na empresa da família, aos 20, entrei no serviço público. Segunda conquista! No serviço público trabalhei em muitos projetos sociais, culturais e de saúde. Fiz tudo com amor e vontade de oferecer, principalmente para as mulheres, oportunidades de desenvolvimento, de crescerem como seres humanos. O crescimento de que falo aqui é o de crescer intelectualmente, para compreender e conviver numa sociedade ainda cheia de preconceitos. Nossa liberdade tem um forte vínculo com a responsabilidade, a solidariedade e com a justiça social. Trabalhei com mulheres de todos os níveis sociais, em rodas de conversa. Para educar uma criança na escola é preciso que eu conheça a sua mãe, e ajude essa mãe a entender o

seu entorno. Mais tarde, a união de todas essas mulheres me fez a vereadora mais votada de Joinville.

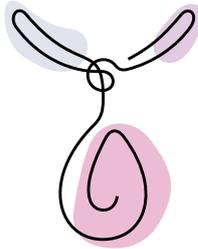
E todas essas experiências me fazem refletir acerca do que está faltando, ainda, para envolvermos mais mulheres na busca da concretização dos nossos direitos. Por vezes, fico a me perguntar: se somos a maioria, o quê nos falta para ampliar nossa participação no processo político? Afinal, já obtivemos muitas conquistas. Nós mulheres acreditamos no nosso potencial de fazer mais do que já fizemos?

A luta feminista trouxe muitas conquistas para nós. Muitas sofreram em demasia, para que tantas outras pudessem estudar, votar e trabalhar fora do lar. Mas ainda temos camadas de reflexões a serem feitas. Precisamos aprender a nos valorizar e a valorizar essas pequenas conquistas. E continuar lutando. Já passou da hora de nos apoiarmos, nos unirmos e deixarmos de lado as indiferenças, que por muito pouco nos afastam. Lembro do que aconteceu com a presidente Dilma e, sem entrar em questões político-partidárias, o que aconteceu foi um puro e simples machismo e falta de apoio de outras mulheres agentes políticas, uma vez que já vimos inúmeros ocupantes daquele cargo que fizeram igual ou pior, mas que para uma mulher o padrão de avaliação é outro, é a perfeição. Mas, mesmo não sendo perfeitas, conseguimos desenvolver o nosso cérebro em várias atividades ao mesmo tempo.

No todo, sinto que é um privilégio ser mulher, além de ter recebido a graça de nascer, de ter sido mãe. Optei por me envolver em mundos e discussões masculinas, sem precisar me colocar como vítima. Conquistei respeito e ocupei espaços nunca antes ocupados por mulheres. Ou seja, tenho consciência de que abri algumas portas para as demais companheiras.







# Sueli Petry

Funcionária pública municipal de Blumenau

O feminismo, no meu entendimento, é esta incessante busca pela igualdade de gênero. É a participação da mulher na sociedade, atuando em todos os setores, quer no campo social, político, econômico ou demais segmentos da sociedade como um todo. É romper as barreiras da dominação masculina, que infelizmente, ainda está muito presente, indistintamente de classe social. Prova disso, são os inúmeros casos de desrespeito, de feminicídio e outras infrações contra as mulheres que se tem assistido diariamente nos meios de comunicação.

Feminismo não é ser contra o homem, mas ser igual em direitos. A luta das mulheres já tem conseguido muitos resultados positivos no sentido de melhorar a condição da mulher. A luta continua e ainda há muito por fazer.

Ser mulher é ser uma pessoa humana realizada. É sentir-se parte integrante da sociedade, lutadora por seus direitos, cumpridora

dos seus deveres e ser respeitada como mulher, mãe, esposa e profissional, fazendo parte desta grande sociedade universal.

Nasci em março de 1949. Sou a terceira de uma família essencialmente feminina, formada por 7 mulheres, contando com minha mãe. Na época, as “mulheres deveriam ser preparadas para casar”. Meu pai, conforme os padrões da época, seguia o ritmo do machismo. Imagino que não era fácil educar tantas meninas. Meus pais proporcionaram o estudo até o curso ginasial. Após esta fase, cada uma cuidou de seguir os seus estudos conforme as suas possibilidades e interesses. Quatro seguiram a carreira do magistério. Eu me incluí neste grupo. Uma atua na área jurídica. Outra é do lar. A mais nova atua com representação comercial.

Fomos boas filhas. Todas comportadas dentro dos padrões vigentes. No entanto, me inquietava a vida que minha mãe levava: dona de casa, muitos filhos, sem muitas realizações pessoais, voltada exclusivamente para o lar. Faleceu aos 56 anos. Apesar de muito jovem, me programei para ser diferente. Lia muito, via o mundo com outros olhos, e isto me levou a ser a “revolucionária da casa”. Para ser diferente era preciso estudar, ler e trabalhar muito. Foi o que eu fiz.

Formei-me no Magistério, depois ingressei no curso de História em Itajaí. O curso era noturno, um sacrifício: estudar em Itajaí, morar e trabalhar em Blumenau. Casei em 1972. Meu marido, Valdir, era professor e eu, como tinha o magistério, segui os mesmos passos, lecionando História na FURB, na rede Municipal e Estadual. Concluída a minha faculdade, outro desafio: fazer pós-graduação em Florianópolis. Meu marido apoiou. Iniciava-se um novo desafio. Desta vez, ir diariamente à UFSC para frequentar as aulas do mestrado em História.

Neste tempo, o meu filho já era nascido e tinha um mês de vida. Meu marido assumiu o controle de cuidar do filho, enquanto eu estava ausente. Ele foi um homem moderno, me incentivando no meu desejo de crescer culturalmente e profissionalmente. A aventura diária, da viagem à capital do Estado, durou três anos.

Durante a realização da pós-graduação, iniciou-se uma nova fase em minha vida: o meu envolvimento com a História de Blumenau. Para concluir o curso, era preciso desenvolver uma dissertação. Meu tema estava relacionado aos Clubes de Caça e Tiro, uma tradição que veio na bagagem cultural dos imigrantes. Ingressei no mundo da pesquisa e, naturalmente, ao arquivo da cidade. Durante a fase da pesquisa, descobri a minha verdadeira vocação, trabalhar com documentos. Na época, o arquivo histórico ocupava um espaço acanhado. Faltava dar uma estrutura arquivística aos documentos existentes e montar o arquivo da cidade.

Nascia outro desafio: um curso que me proporcionasse esse conhecimento, pois nos anos 1970 esta área estava em fase inicial no Brasil. Busquei o conhecimento em São Paulo, na USP, com as professoras Heloisa Belloto e Daise de Oliveira, minhas inspiradoras. Neste meio tempo, a Prefeitura de Blumenau me chamou para reorganizar o Arquivo Histórico da cidade. E lá estou há 45 anos, completando neste ano 50 anos como funcionária pública municipal.

Hoje, o Arquivo Histórico é o meu orgulho pessoal. Tornou-se uma fonte de referência cultural, que atende pesquisadores e estudiosos da cidade, estado, país e do exterior, fornecendo subsídios relacionados à imigração, genealogia, iconografia e demais temáticas.





# Caterine Nogueira Mendes

Vereadora em Santo Amaro da Imperatriz

Inúmeros estudos comprovam que, ainda hoje, as mulheres sofrem com a desigualdade no mercado de trabalho, em relação aos homens. A presença das mulheres no mercado de trabalho ainda é menor do que a dos homens, uma vez que dados de 2018 apontam que, no mundo, apenas 48% das mulheres maiores de 15 anos estão empregadas — para os homens, esse número é de 75%. Lutamos por direitos iguais, ressignificação do papel da mulher na sociedade e é uma luta diária e necessária. Vamos dando, a cada década, um passo diferente. No início do século XX, a luta das mulheres era por direitos que hoje são básicos, como uma jornada de trabalho justa, direito a escolher seus representantes na política e de se elegerem para representar outras mulheres. Hoje, essas batalhas já foram vencidas, mas há tantas outras que precisam ser guerreadas, como a violência

contra as mulheres, feminismo negro e o preconceito contra mulheres LGBTQIAP+, por exemplo.

Ser mulher, no contexto atual, é ter a liberdade de escolha, ter espaço e direito à voz, sem que se sofra algum tipo de retaliação ou diminuição. Ser mulher é ser resistência, força e coragem. Poderia elencar diversos adjetivos ou pontos positivos de uma mulher, mas esses representam muito bem o gênero: batalhadora, intensa, delicada, guerreira... Ser mulher pode ter uma imensidão de significados que vão muito além do físico, e abrangem toda a nossa existência. Ir além da aparência, a feminilidade é uma força. Uma força que se esconde por trás de um falso conceito de 'sexo frágil', mas que vem sendo resgatada pelas mulheres em seu sentido real dia pós dia. Brancas, amarelas, negras, lésbicas, cis, trans, ricas, pobres, novas, maduras, não importa. Todas nós somos sobreviventes neste mundo feito por e para homens.

É preciso entender que essa força, a feminilidade, é muito mais que aparência. Trata-se de resiliência. E hoje, lutamos por um mundo igualitário, onde cada uma de nós possa demonstrar porque viemos ao mundo e ser do jeitinho que cada uma é.

O feminismo é fundamental para resolver as questões relacionadas às desigualdades de gênero que foram construídas cultural, social e historicamente. Ao longo dos séculos, testemunhamos a incessante luta das mulheres na busca por princípios e igualdade. O feminismo é o movimento social que luta contra a violência de gênero e pela igualdade de direito e de condições das mulheres na sociedade.

Enquanto o empoderamento feminino é esse esforço coletivo de poder, o feminismo é um movimento político e ideológico que

prega a equidade social, trabalhista, sexual, entre outros. Esses conceitos estão interligados e um é consequência do outro.

Hoje estou eu aqui vivendo o sonho de muitas mulheres e principalmente de minhas ancestrais. Sou a voz de uma sociedade que, por vezes, é esquecida pelos políticos que deveriam representá-la. Minha missão hoje é trazer e inspirar mais mulheres para a política e para que tenhamos maior representatividade nos espaços de poder. O feminismo é necessário para evidenciar que a gente ainda tem muita violência contra a mulher, e que a gente ainda necessita de políticas públicas de enfrentamento de violência contra a mulher. 





# Celinha Fernandes

Bacharel em Letras

Ser mulher pode ter uma imensidão de adjetivos, que vão além do físico e abrange todo o meu ser, minha existência. Nenhuma mulher é igual a outra, cada uma têm seus valores, suas essências. Podemos ainda dizer que ser mulher significa “intuitiva, guerreira, mãe, transformadora, protetora, cúmplice, empoderada...”.

Ser mulher é um conjunto de coisas, cada uma com sua peculiaridade, e o feminismo é o movimento social que luta contra a violência de gênero, pela igualdade de direitos e condições das mulheres na sociedade. O feminismo representa a luta e liberdade de expressão. O feminismo está sempre presente, quando eu reivindico participação igual na política partidária, na luta por salário igual para homens e mulheres.

Nasci no seio de uma família bastante numerosa. Filha de pais agricultores, época que alguns valores, hábitos e costumes eram

respeitados. Sendo a única menina no meio de 8 meninos, recebi então carinhosamente o diminutivo de Celinha. Acho que, desde criança e na minha adolescência, eu já era um pouco líder, pois gostava de participar das atividades na escola, apresentação em público, cantar em coral, capela na igreja, preparava as crianças para primeira Eucaristia. Gostava muito de participar das festas na comunidade, sempre procurando motivos para reunir pessoas.

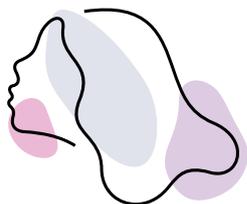
Estava sempre pronta para colaborar, ajudar e organizar encontros, reuniões e festejos. Sempre tive interesse pelo coletivo, em todos os sentidos. Isso, por influência de meus pais; diria mais: de minha saudosa mãe. Mulher sábia, inteligente e trabalhadora.

Desde crianças, fomos educados e orientados para estudar, ter uma profissão. Como dizia minha mãe: “Ser Dona do seu próprio nariz”, não depender de homem para viver. Ela estava ensinando a ser empoderada. Cresci ouvindo essas orientações. Quando jovem, na fase de estudante, já gostava de assuntos sobre política, dos valores das pessoas, mas o que mais me incentivou foi eu ter conhecido e, em seguida, ter casado com um ex-presos político, um revolucionário. João sempre me apoiou e sempre incentivou a minha participação na política partidária.

A busca por espaço e envolvimento com a política sempre foi uma constante, mesmo com as dificuldades, disputei uma eleição, na qual fui eleita a primeira mulher Prefeita de meu município, e a primeira mulher eleita de meu partido (PSDB) no estado de Santa Catarina. Nunca ninguém me ensinou a fazer política, mas fui chegando de mansinho, mostrando que a participação da mulher faria diferente e faria a diferença. E que conversando, debatendo, trocando ideias, tudo fica mais claro, mais democrático.

Dediquei-me alguns anos, como voluntária, a dar o meu exemplo, sempre buscando a participação da mulher na política, sempre mostrando o nosso trabalho e do que somos capazes. Acredito que alguns resultados foram alcançados. Mas a luta não para, ela tem que ser contínua. 





# **Cibelly Farias**

Procuradora Geral Adjunta MPC/SC

Eu sou natural de Palhoça, nasci na década de 1970, quando ainda era uma pequena cidade no nosso Estado. Meus avós viviam no interior, na Barra do Aririú, meu avô paterno era pescador e do mar tirava o sustento de toda a família: 12 filhos ao todo, 6 mulheres. Era uma época de grandes proles e poucos recursos. Minha avó Verônica não concluiu nenhum estudo, mal sabia assinar seu nome, mas era uma mulher de fortes convicções e muita visão de futuro, em uma época em que mulheres podiam muito pouco expressar sua opinião. Naquele tempo, era comum as jovens daquela região irem trabalhar nos serviços domésticos nas casas de família em Florianópolis. Esse seria o provável destino de minha mãe e minhas tias, um destino que possivelmente levaria a poucas (ou nenhuma) oportunidades de crescimento pessoal. Porém, minha avó nunca o permitiu, por

maiores que fossem as dificuldades, e fez questão de prover todos os meios para que seus filhos e filhas pudessem estudar em iguais condições. Minha mãe e minhas tias tornaram-se professoras, trabalharam durante toda a vida até a aposentadoria, e assim se quebrou um ciclo de grandes dificuldades e se abriu um universo de novas oportunidades para a próxima geração de mulheres da família.

E cada uma seguiu o seu caminho. Estudo sempre foi prioridade na minha casa. Como filha de professora, eu tinha que “dar o exemplo” e isso implicava em boas notas e muita cobrança, o que era incompreensível para uma menina, mas que a mulher que hoje me tornei agradece todos os dias. E foi no exemplo de minha avó, de minha mãe e minhas tias, que praticaram mesmo sem saber (ou até negando) princípios básicos do feminismo: igualdade de oportunidades, respeito, valorização da autonomia, possibilidade e liberdade de escolha, que me inspirei todos os dias e busco honrar suas trajetórias passadas com as minhas atitudes no presente.

Porque, para mim, o feminismo vai além de um movimento político ou social, pois é uma prática diária de vida que busca algo que é essencial para a construção de uma sociedade mais justa. Parte do princípio elementar de que somos todos seres humanos que têm suas dores, sonhos, esperanças e que merecem poder fazer suas escolhas de vida e ter oportunidades, independente do sexo. 







# Janice Merigo

Assistente social

Ser mulher é precisar ocupar espaços todos os dias, dialogar para que nossas filhas ocupem os espaços de trabalho, possam estudar, mas que ocupem de forma compartilhada e comprometida o espaço doméstico, de cuidado, que hoje ainda oprime, desgasta, fragiliza, afeta a saúde física e mental das mulheres. Ser mulher é estar na defesa intransigente de direitos de todas as mulheres, sem discriminação, denunciando permanentemente as exclusões perpetradas pelo patriarcado, pela pretensão do homem, cisgênero, branco, ocidental, cristão, heterossexual e proprietário, de representar nós, mulheres. Enquanto mulheres, precisamos falar por nós, ocupar os espaços, fortalecer e apoiar outras mulheres.

O feminismo é o movimento cotidiano que nós mulheres fazemos, para que tenhamos reconhecimento e direitos iguais aos dos homens, ou seja, que de fato a igualdade entre os gêneros seja de

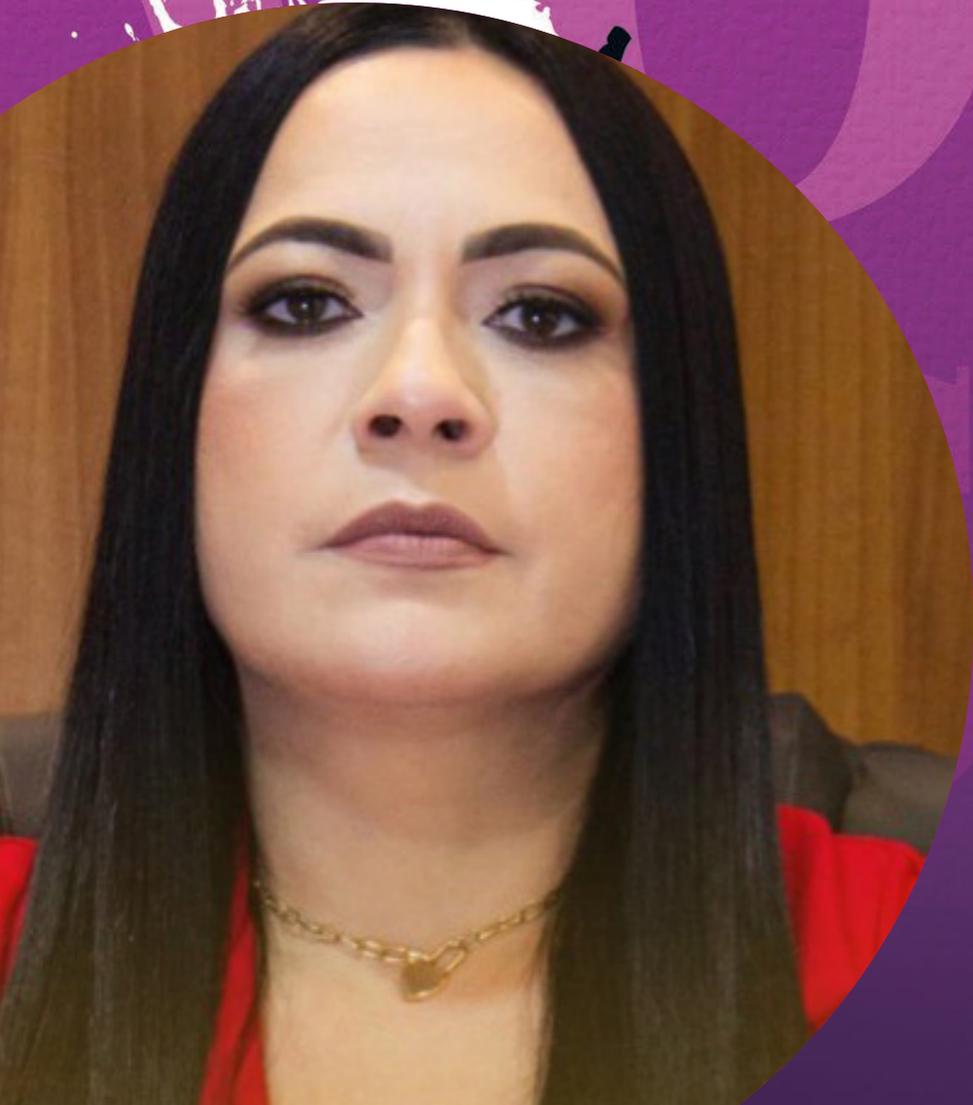
fato realidade. Todos os dias, nos espaços que ocupamos, enquanto profissionais, mães, estudantes, filhas, nos depararemos com comportamentos e atitudes que não nos garantem os mesmos direitos e espaços que hoje os homens ocupam. Então, avalio que o feminismo representa uma luta diária a fim de que a igualdade de gênero se solidifique em nosso país, na nossa família, na roda de amigos, nos espaços de trabalho. Entendo que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades, por isso acredito no feminismo, defendo o feminismo e vivo todos os dias praticando o feminismo nas relações que estabeleço, em minha vida pessoal e profissional. Infelizmente, a igualdade de gênero ainda não foi conquistada no país em que vivemos.

Contar um pouco da minha história, relacionada à união de mulheres e feminismo, na trajetória pessoal e profissional, faz uma relação direta com minha liderança desde o período escolar; no qual sempre muito justa, posicionada e não permitindo que os meninos, colegas de escola cometessem injustiças. Muitas vezes, chamada por eles de “briguenta” ou “brava”, haja visto que mulheres que enfrentam posicionamentos autoritários assim são “rotuladas”. Contudo, foi deste modo que caminhos foram se abrindo, especialmente, enquanto liderança nesta área. Na pastoral da juventude, vinculada à igreja católica, tive a oportunidade de ampliar o debate da igualdade de gênero e ocupar espaços ao lado dos colegas homens. Além do mais, tive a grata oportunidade de ter uma mãe que, desde cedo, ocupou espaço de trabalho na área da saúde, e um pai que, apesar de nascer num período em que o patriarcado era muito forte, sempre nos apoiou enquanto mulheres — a mim e à minha irmã, para estudarmos. A partir desta referência de família, fiz curso superior em

Serviço Social, profissão que me colocou na defesa dos direitos humanos, contra qualquer injustiça social — local onde me sinto à vontade e pertencente para permanecer nas lutas e ocupar lugar de resistência de qualquer direito, neste caso, sobretudo das mulheres, em uma realidade que possa vir a ser desconstruída. Tenho uma irmã, Fabiana Merigo, que entrou para a política, ocupando espaço como Vereadora, além de atuar na política de educação. Neste contexto, construímos história nas políticas sociais e em defesa das mulheres. Além disso, temos filhas mulheres que passam cotidianamente por situações as quais exigem que subsidiemos com debates, a fim de que possam se posicionar e não permitir qualquer tipo de violência de gênero — do que pode acontecer na escola, entre amigos e demais espaços de convívio.

Assim, com base em minha formação em Serviço Social, passei a atuar na Federação de Municípios de SC — FECAM, na qual completo 15 anos de atuação em políticas públicas. Certamente, este recinto me aproximou de mulheres fortes, guerreiras e determinadas que assumem as Prefeituras Municipais, as gestões municipais, mas, ao mesmo tempo, todos temos ciência de que esses espaços ainda são predominantemente masculinos e que, em alguns momentos, ainda desconsideram a presença das mulheres ou não reconhecem seus direitos iguais em lugares de poder político — inclusive, onde a violência política é mais presente e reforçada, até mesmo entrando em questões de nossas vidas privadas.

Diante destas questões, considero-me feminista convicta, porque acredito que é necessária a igualdade de gênero e que, infelizmente, ainda precisamos lutar e construir esse caminho.





# Cleide Mello

Advogada

Antes de nós, houveram grandes sacrifícios. Foram avanços significativos com conquistas árduas, porém, reflito sobre quantos passos andamos, quando se fala em reivindicações de direitos da mulher. Certamente, o avanço da difusão dos direitos da mulher nos tem colocado dia a dia em patamar de paridade com o sexo masculino, mas não dá para parar. Unidas, revolucionamos toda uma sociedade.

Enxergo que ser mulher é ser necessária, é ser sujeito da minha história, da herança histórica de limitação, submissão. Descortino a violência velada diariamente e em todo lugar. É criar estrutura, se fortalecer em conjunto com as demais mulheres se colocar no lugar aonde quiser estar. Ser mulher é também ser corajosa, ser aguerrida, ser delicada e sensível, a ponto de nos sensibilizarmos umas com as outras, somos verdadeiramente especiais.

E falar de mulher é falar de feminismo, é falar de diversidade de ideias, com lastro em inúmeras correntes, de acordo com o perfil e ondas, nos moldes do tempo e contexto social da mulher. Porém, me atendo ao que o feminismo representa no meu contexto, me atendo à alma da palavra, ao significado sem correntes de ideologias. O feminismo é cada movimento que faço em prol do direito da mulher, é a busca pela igualdade de gênero no contexto social. Sou mulher, sou cristã e creio que desde a criação, sou livre e me faço livre pelo que sou, não por imposições sociais.

Se algo foge do direito à minha pessoa como mulher concedido, lá estou em prol desse direito, não me coloco em posição de inferioridade ao sexo masculino. Acredito que o conceito de luta pela igualdade deve seguir por essa ótica, nesse tempo. O conceito histórico é importante, mas não é nele que devemos nos firmar, pois nos espelhar em um tempo passado, nos leva a um lugar de escravidão e vitimização perpetua. Já avançamos e juntas chegaremos mais longe! Portanto, olhar para o lugar que se quer chegar, sem contudo, esquecer de onde viemos.

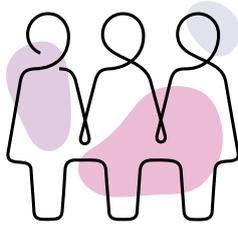
Fui criada como uma princesa, por um pai extremamente atencioso, cuidadoso, presente e carinhoso e uma mãe maravilhosa. Porém, tendo a referência masculina no contexto conjugal, desse mesmo pai, como um homem extremamente desrespeitoso à sua esposa (minha mãe), que vivia um relacionamento abusivo, agravado com a violência doméstica psicológica, abarcada a época, na necessidade de “aturar” o marido, em nome dos filhos, visto que, éramos deste, dependentes financeiros. Já aos 12 anos de idade, pude entender que aquele contexto vivido por minha mãe, não era o que me

parecia o correto, afinal, é dentro do contexto familiar que a menina tem a primeira referência nas relações conjugais.

A influência do contexto familiar, acredito eu, é a origem da repercussão da força que me moveu e continua me impulsionando a combater e avançar no enfrentamento a violência contra mulher. Minha trajetória profissional foi sempre na visão da defesa. Corre em minha veias a sede de justiça a força pelo sustento ao outro. Cursei a faculdade de Direito, tornei-me advogada, difusora de conteúdos de alerta contra a violência doméstica, voluntária em projetos nessa defesa, realizando atendimentos de forma voluntária a mulheres vítimas.

Ainda não acabou, a luta pelo respeito à mulher, por seus direitos, talvez seja uma batalha longe do fim. Porém, sempre renovada por mulheres como nós. 





# Maria de Fátima Medeiros e Silva

Técnica em Edificações em Segurança do Trabalho

O feminismo é um movimento por direitos civis, protagonizado por mulheres em busca de equidade política, jurídica e social entre homens e mulheres. Só podemos corrigir o passado e construir o futuro quando trabalhamos o presente.

Ser mulher, nesse contexto, é uma luta diária! É ter a coragem de não agradar e a virtude de amar a si mesma, pois cada dia é uma nova jornada, um recomeço. Caso não tenhamos a percepção de que não precisamos — e nem devemos — agradar a todos o tempo todo, e consequentemente esquecermos de nós mesmas, a vida vai passar e, quando nos dermos conta, estaremos paradas no tempo.

Sou pernambucana de 55 anos, com dupla nacionalidade, brasileira e holandesa. Sou a décima-primeira filha de Clóvis Medeiros e Silva e Maria Lúcia da Silva, ambos falecidos. Minha mãe nos deixou

recentemente, em dezembro de 2022, vítima de Covid-19, aos 90 anos de idade. Meus dois grandes exemplos de amor incondicional.

Na área profissional, assim como ser mulher, sou muitas. Sou Técnica em Edificações, em Segurança do Trabalho... Sou áudio-escritora, radialista e criadora do projeto chamado Releituras Livro Acessível — projeto que produz soluções de áudio para a promoção da acessibilidade de Informação —, sendo a única rádio do mundo cuja a programação toca audiolivros ao invés de música.

A união das mulheres e o feminismo se relacionam com a minha trajetória através da missão com esse projeto, já que buscamos dar voz às mulheres que nasceram ou adquiriram alguma deficiência na vida. E cada experiência com elas me mostra o quanto estamos em um mundo despreparado para aceitar com naturalidade as diferenças de cada indivíduo. Um mundo que chama de deficiente pessoas que, mesmo com suas limitações, vivem uma vida plena, mas que muitas vezes não são enxergadas por uma sociedade que emprega modelos e padrões. Assim, se perdem na verdadeira concepção do que é “normal”. 







# Maria Odete Olsen

## Jornalista

O movimento feminista é o que diz a definição: um movimento que luta pela igualdade social e de direitos para as mulheres e que busca combater o modelo social baseado no patriarcado e os abusos e a violência contra as mulheres. Mas, entre o conceito e a prática, muitas mudanças ainda são necessárias, tanto no universo empresarial quanto no universo do judiciário.

Afinal, alguém se lembra do motivo de termos o dia 8 de março, uma data oficializada pela ONU em 1975, como o Dia Internacional da Mulher? Data esta em que recebemos flores lindas e nos emocionamos tanto por sermos lembradas. O que a maioria não lembra é do incêndio de uma fábrica têxtil que ocorreu em 1911 na cidade de Nova York e tirou a vida de 100 mulheres, trazendo à tona as más condições de trabalho que enfrentavam. A verdadeira história do 8

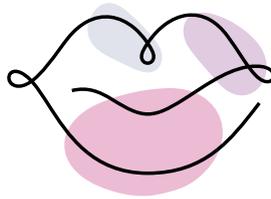
de março, tem muito mais de resistência e luta por direitos do que qualquer coisa, reflete a jornalista Luísa Guimarães. Mas foi a política e ativista Alexandra Kollontai, que propôs a criação de uma intensa jornada de manifestações pelo direito ao voto para as mulheres e melhores condições trabalhistas. Dessa forma, o primeiro “dia da mulher” é datado em 19 de março de 1911. Em 23 de fevereiro de 1917, um grupo de operárias russas saíram em protestos nas ruas de São Petersburgo contra a fome e contra a Primeira Guerra Mundial, em um movimento que ficou conhecido como “Pão e Paz”. Uma das várias consequências dessas manifestações foi a Revolução Russa, inclusive.

Penso que sou feminista desde sempre. Quando, aos 13 anos, disse ao meu pai, Seu Juca: “Pai, eu quero trabalhar como você...”. Ele, na época chefe do departamento pessoal da Tecelagem e Malharia Indaial, me arrumou “um emprego” de assistente da assistente de uma escola no interior de Indaial. Penso que dei meu primeiro grito de independência. Depois, já adolescente, trabalhei como bibliotecária na Biblioteca da Malharia. Nos dias de hoje, como isso seria classificado? Em toda a minha vida trabalhei e estudei, e assim cheguei à Universidade, onde conquistei os diplomas de bacharel em Ciências Biológicas (FURB) e Ciências Sociais (UFSC). O que não disse é que, apesar de todas estas “infrações” e apesar de não termos “super brinquedos” em nossa casa, tínhamos livros. E, assim, a minha adolescência e de meus irmãos foi permeada pelos clássicos da literatura universal.

Tive meus filhos, Charlie e Michelle, nascidos de parto normal. É maravilhoso ser mãe e conseguir superar todos os mistérios e estigmas que envolvem a gestação e o parto normal. Ao vê-los lutadores

e felizes em suas vidas, enfrentando o mercado de trabalho e o cotidiano nada fácil do “ser brasileiro”, sinto-me realizada como mulher e mãe. Como jornalista e servidora do serviço público aposentada, sinto que toda luta e cotidiano de amor ao trabalho, 30 anos de trabalho, tiveram uma trégua merecida e finalmente tendo um momento “para respirar” e contar essa história de vida. 





## Anita Pires

Empresária

Acreditamos que as grandes transformações da sociedade somente acontecerão quando 50% da população do planeta, ou seja, as mulheres, forem de fato incluídas no mundo do trabalho, na vida pública e na vida social. Para que isso aconteça, é preciso criar mecanismos com políticas públicas e legislações que efetivamente garantam oportunidades iguais para mulheres e homens. Apesar da luta histórica das mulheres, feministas ou não, estamos longe de alcançar a tão falada equidade de gênero.

O exemplo está na presença de executivas nos Conselhos das empresas, que ocupam somente 8,6% dos assentos e apenas 12% dos cargos públicos em todos os níveis políticos. Na reconstrução da economia no mundo pós-pandemia, precisamos encarar a desigualdade entre gêneros e priorizar soluções. Um estudo do Banco Mundial

em 2015 mostra que equiparar homens e mulheres no mercado de trabalho poderia gerar o equivalente a 12 trilhões de dólares para o PIB mundial em uma década!

Diversos trabalhos acadêmicos indicam que empresas de maior número de mulheres em seus times executivos são mais produtivas, maiores, mais ganhos financeiros, mais inovadoras e em teste que avaliam atributos de liderança e mais efetivas em situação de crise. Ou seja, os ganhos para a sociedade são imensos quando há mulheres em posição de liderança. É fundamental garantir a presença das mulheres, ou seja, empoderá-las. Temos que abraçar fortemente essa luta!

Entendo que neste ano de 2023 as reflexões necessárias a serem feitas é pela criação de Redes de Mulheres atingindo todos os segmentos públicos e privados, na busca de conscientização e ações claras que possam incluir as mulheres na vida das comunidades, nas instâncias em geral. O novo amanhã será construído com a força e a generosidade das mulheres, junto com os homens. O renascimento é feminino.

Feminismo é o movimento que busca a igualdade e equidade entre os gêneros desenvolvendo-se como uma estratégia filosófica, política e social que luta pelos direitos das mulheres. O movimento feminista entende que incluir a lente de gênero em projetos e políticas é fundamental para o desenvolvimento humano, social e econômico do mundo.

Além de um imperativo moral, equidade de gênero é um caminho fundamental para reduzir a pobreza e gerar benefícios para toda a sociedade. A lente de gênero é vital na agenda de desenvolvimento

sustentável e na educação e nos planos de recuperação de qualquer nível climático, ambiental e de saúde, não apenas para reduzir vulnerabilidades e impactos a que as mulheres e as crianças estão mais expostas em todo mundo.

Acredito que ser feminista faz parte da minha missão, da minha caminhada e do meu protagonismo nesse mundo. Quando uma mulher avança, nenhum homem fica para trás.

Ainda muito jovem, comecei minha militância social nos movimentos estudantis e na igreja católica, que frequentava assiduamente! Me formei professora e fiz concurso para rede pública estadual de Educação. Ingressei na Universidade e passei a militar nos movimentos estudantis, ou seja UCE - União Catarinense de Estudantes e UNE - União Nacional de Estudantes, em plena efervescência de 1963.

Conheci Paulo Freire, pedagogo muito destacado principalmente pela criação de um método de alfabetização de adultos, que implantamos em SC. Em 1964 houve o golpe militar e instalou-se a ditadura. Fui presa, expulsa da Universidade e da Secretaria de Educação, só recuperando o meu trabalho 24 anos depois, com a Anistia. Durante esse período, reuniões e movimentos eram proibidos. Começamos a reunir mulheres simples, operárias, domésticas e prostitutas, com apoio dos movimentos de igreja. Nesse momento, foi que entendi a luta e o sofrimento das mulheres desde a violência, a fome e o analfabetismo.

Quando iniciou a abertura democrática, e com a urgência da criação dos diretórios para formação do MDB, chamamos as mulheres para compor porque são corajosas e não estavam tanto na mira dos ditadores, pois os homens eram demitidos dos seus empregos

se descobertos militando no MDB. Nesse momento, tínhamos a mobilização para nova Constituição e muitas reuniões foram feitas, tanto nos estados como nacionais.

As bandeiras eram a democracia e a grande luta das mulheres feministas pela equidade de gênero. Me candidatei à Constituinte e tive uma votação extraordinária em toda SC, mas perdi por três mil votos. Teve início outro momento nacional e mundial. Quando no exílio, em Paris, conheci Simone Beauvoir e Paul Sartre fazendo palestras. Foi uma descoberta e aprendizado com esses pesquisadores sociais, um aprendizado teórico muito importante para me preparar para o enfrentamento dos grandes desafios da luta por igualdade e compreensão do quanto a diversidade e a diferença são oportunidades de inovação na busca de novos caminhos para o amanhã das mulheres e dos homens.

O privilégio de ser contemporânea de grandes transformações na vida da sociedade, que continua se organizando e buscando a cidadania, e da caminhada das mulheres, que nos últimos 20 anos avançaram mais que no último milênio, me traz um sentimento de satisfação e a certeza de que o diálogo permanente entre o sonho e a realidade é a alavanca que nos torna seres humanos melhores e mais comprometidos com um mundo mais justo para todos. É fazer parte de uma história de muitas lutas e muitas conquistas.

Acredito que as mulheres são seres especiais, que não só dão vida à humanidade, mas constroem um mundo mais solidário, de paz e fraternidade!









# Michelle de Souza Gomes Hugil

Mestra em Direito e Doutoranda em Psicologia

Precisamos fazer muitas reflexões sobre o enfrentamento das violências contra as mulheres e também acerca das conquistas alcançadas em relação à igualdade de direitos. Igualdade, aqui, deve ser entendida no sentido material, de efetivação dos direitos já garantidos pelo arcabouço normativo existente, desde normas e tratados e internacionais dos quais nosso país é signatário, a Constituição Federal e demais leis em prol da mulheres. As leis e normas são instrumentos importantes para a garantia dos direitos das mulheres, mas, sozinhas, não conseguem transformar a cultura patriarcal e machista fortemente entranhada no nosso país.

Por isso, apesar do aparente alcance de muitos direitos, as mulheres continuam sendo subjugadas em relação aos homens, por meio de estereótipos de gênero naturalizados, como a ideia da mulher-mãe, mulher-guerreira, mulher-frágil, mulher-sensível, de

modo a nos manter alijadas dos espaços públicos de poder, onde são tomadas as decisões sobre as vidas das pessoas em sociedade, massivamente ocupados pelos homens — brancos, hetero e de classes sociais abastadas.

As mulheres são mais da metade da população brasileira, tiveram diversas conquistas sociais, como o direito a gerir suas vidas, trabalhar, ocupar espaços e profissões, mas continuam sofrendo os mais diversos tipos de violências, muitas dessas aceitas socialmente. As que se aventuram a alçar cargos públicos e de representação, têm sofrido ataques, como se estivessem ocupando espaços que não lhes pertencessem. Então, enquanto o fato de uma mulher ocupar um espaço de poder for notícia, enquanto uma mulher sofrer violência por conta disso, enquanto mulheres sofrerem violências — e até serem mortas — porque não quiseram mais estar num relacionamento que não lhe servia mais, não podemos afirmar que alcançamos a igualdade.

Ser mulher, para mim, é ser revolucionária, é um desafio diário. Costumo dizer que eu vim ao mundo para fazer tudo aquilo que mulher não pode fazer. Nunca fui o estereótipo naturalizado da mulher dona-de-casa, sensível, recatada — apesar de ser uma mulher hétero, casada, com filhos. Ao contrário, sempre fui taxada de linguaruda e “opiniosa”. Cresci ouvindo que os homens não gostam de mulher inteligente, que fala o que pensa, independente. Curiosamente, isso é que parece atrair muitos homens, para depois tentarem dominar a mulher e começar a podar.

Não estou dizendo que as mulheres têm que ser mais “masculinas”, que não devem ser gentis ou sensíveis. Estou dizendo que

todas as pessoas podem ser, sim, assertivas, gentis, sensíveis, e isso não as faz mais ou menos mulheres, ou mais ou menos homens. Cada pessoa deveria ser e existir do jeito que é e como se sente, ter seus sonhos e aptidões respeitados, ouvidos e incentivados, independentemente de seu gênero. Simples assim.

Existem várias formas de entender o mundo e existem vários feminismos. O feminismo que eu defendo é o feminismo que luta pela transformação da sociedade para que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e mesmas oportunidades, sejam quais forem o seu gênero, a sua classe social, etnia ou orientação sexual.

Penso que esta transformação apenas acontecerá quando os homens tomarem consciência de sua posição de privilégio em relação às mulheres e passarem a lutar ao nosso lado pela equidade. Os homens precisam conversar e falar também com os outros homens, para que estes passem a compreender que as mulheres não são suas propriedades, que as mulheres podem e devem estar nos espaços públicos e de poder também e que, principalmente, não se trata de uma guerra de sexos, em que as mulheres tomarão o poder em detrimento dos homens. Acho também importante aqui falar que o feminismo que eu defendo não é o feminismo liberal, porque este trata de uma luta individual e de meritocracia. O feminismo que eu defendo é um feminismo democrático e coletivo. As mulheres precisam estar nestes espaços para falar e tomar as decisões de suas vidas e da sociedade por si — e que falo das mulheres em suas diversidades de existências e de opiniões, assim como já acontece com os homens. Queremos apenas ser reconhecidas como seres humanos, nas mesmas condições de pares, não como intrusas ou exceções nesses

espaços. Queremos estar lado a lado e sermos efetivamente respeitadas por isso.

Desde que me conheço por gente, sempre lutei pela igualdade e sempre fui uma inconformada com a condição aparentemente natural em que eu teria vindo ao mundo. Nasci menina e isso me trazia diversas limitações e regras que eu deveria seguir, desde a forma de (não) me expressar, já que deveria ser dócil e obediente, as profissões que eu poderia seguir e até o jeito que tinha que me sentar e brincar. Cresci numa sociedade em que as mulheres são colocadas como rivais, como não confiáveis, com um relacionamento e a maternidade como auge da vida e nunca me conformei com isso. Eu queria mais, não queria que a minha vida fosse voltada para isso, eu queria poder decidir por mim mesma.

Há tantas memórias que eu poderia citar aqui sobre as minhas 'revoltas' enquanto criança e adolescente, mas penso que duas são icônicas na minha vida: a primeira, por volta dos meus 9 anos de idade, foi um choque quando a minha mãe foi fazer uma compra no crediário em uma loja da cidade em que eu morava e apresentou o CPF (antigo CIC) do meu pai pra atendente. Ela não tinha CPF próprio e meu pai que tinha que deixá-la comprar no comércio. Quase apanhei quando perguntei — na frente da moça da loja — porque ela não tinha o CIC próprio dela. A outra, por volta dos meus 12 anos de idade, foi quando meu pai me “elogiou” e disse que eu tinha que estudar para ser professora porque eu era muito inteligente. Eu estava com um sorriso de orelha a orelha até que ele disse que “aí, meu marido ia me deixar trabalhar”. Como assim? São tantas histórias, que já teve um tempo em que eu dizia que queria ter nascido homem,

porque ninguém ia ficar me dizendo que eu não poderia sair na rua de noite ou ir para onde eu quisesse ir. Não teria que ficar ouvindo que eu não deveria ficar falando o que eu penso, porque eu iria assustar os pretendentes.

Acho que nasci feminista sem sequer saber o que isso significava. Talvez meu inconformismo com a condição das mulheres tenha sido a mola propulsora para eu mergulhar nos estudos de gênero e no meu trabalho no enfrentamento das violências contra as mulheres. Dói demais ver outras mulheres apanhando porque ganharam uma promoção, morrendo porque quiseram se separar, sofrendo violência política e ameaças de morte simplesmente porque estão em um lugar em que homens não as querem lá.

Mas, assim como Ruth Bader Ginsburg, quero lutar por uma luta que agrega, que traga as pessoas para quererem lutar a minha luta. Sou uma defensora contumaz da democracia e, sendo a democracia uma eterna tensão de ideias e de ideais, não consigo imaginar — e muito menos desejar — que todas as mulheres pensem igual a mim. Somos diversas, somos plurais, cada uma com nossas próprias realidades e vivências, e isso deve ser fator de discussão e de diálogo para as pautas que nos unem e palco de discussão para aquelas em que divergimos.

Nós, mulheres, independentemente de nossas posições políticas e de nossas crenças pessoais, precisamos nos unir e trabalhar juntas pelos nossos direitos, ocupar espaços que antes não nos eram permitidos. Precisamos ter consciência de que as coisas da vida privada estão diretamente relacionadas com as coisas da vida pública e vice-versa. É preciso que todas reconheçamos as barreiras que

encontramos pelo caminho — em maior ou menor grau — para alcançar nossos espaços e termos representatividade e voz. É preciso que nós compreendamos que a violência doméstica tem, sim, relação com a violência política, com a discriminação contra as mulheres, com as dificuldades que as mulheres enfrentam no mundo todo pelo reconhecimento efetivo dos seus direitos. Há uma pauta em comum para todas nós, pois todas, de um jeito ou de outro sofremos com o sexismo, com o machismo, com a misoginia. Por isso, podemos ser aliadas em algumas pautas, adversárias em outras, mas sempre com a consciência de que a nossa luta maior é pela equidade de gênero, pela transformação da sociedade para que todas as pessoas sejam respeitadas e tenham as mesmas oportunidades.

Tenho consciência de que é muito provável que eu já não esteja mais por aqui, quando esta equidade chegar para nós mulheres. É um trabalho que eu não gostaria que fosse necessário, mas é. Sonho com o dia em que o mundo não conheça a violência de gênero e que a Lei Maria da Penha seja apenas uma lei que existiu num vergonhoso e distante passado. Tão remoto que, quando contarmos que isso acontecia a uma criança, ela faça a mesma cara de espanto que a minha sobrinha fez quando eu contei que não existia internet na minha infância e a gente tinha que copiar tudo a lápis dos livros nas bibliotecas: “Como assim?! Que horror!”. 







# Ana Paula Nienkotter Tavares

Bacharel em Direito

Espero que, de 2023 em diante, possamos unir forças no combate à violência contra a mulher, melhorando protocolos de atendimento nas Procuradorias dos Municípios e desenvolvendo reflexões para a sociedade sobre o tema, por meio de debates, palestras ou rodas de conversas que possam envolver homens e mulheres. Além disso, acredito que as redes de apoio, como as Procuradorias, são fundamentais para o acolhimento dessa mulher em situação de violência. Mas, a meu ver, ainda há uma lacuna muito grande quando essa mulher não consegue ter respaldo para ser inserida no mercado de trabalho ou fazer um curso técnico, por exemplo, para poder ser independente e gerir a sua vida de forma digna, pois muitas mulheres dependem economicamente do marido, e isso independe de classe social.

Implementar ações que possam efetivamente acolher essas mulheres vítimas de violência para que se fortaleçam, não somente

na questão dos encaminhamentos de forma humanizada, mas também na questão de saúde mental, jurídica e laboral, devolvendo a dignidade dessa mulher, se faz mais do que urgente, já que a violência destrói nosso amor-próprio e nossa dignidade como ser humano. Para que isso ocorra, é preciso união de forças, inclusive com Universidades, cursos técnicos e outros, para que disponham de vagas em suas instituições para essas mulheres renascerem e que possam encontrar um propósito, gerindo sobre suas vidas para que obtenham autonomia.

Apesar de estarmos conquistando cada vez mais espaço e encontrando nosso lugar de fala, ainda existe uma sociedade extremamente patriarcal que nos limita o tempo inteiro, querendo ainda nos apagar com a misoginia que ainda existe e os mais variados tipos de violência. Mas acredito que o primordial já estamos fazendo, que é refletirmos sobre a forma que estamos educando os nossos filhos para que tenhamos, em um futuro breve, a igualdade e o respeito às mulheres. Além disso, pontuo o quanto é importante nós, mulheres, nos unirmos e nos fortalecermos para enfrentarmos de fato essa sociedade patriarcal, a qual é feita de homens e mulheres.

Li uma frase (não lembro a autoria) que reflete exatamente o que quero dizer: “Mulheres empoderadas, empoderam mulheres. Mulheres inseguras, competem entre si”. Essa frase me tocou profundamente, pois percebo que, apesar de estarmos nessa luta, falando abertamente das nossas conquistas ao longo do tempo, desde o dia que “queimamos o sutiã”, ainda estamos em busca dessa união, principalmente em espaços organizacionais onde nós competimos em vez de nos unirmos.

Diferente dos homens, nós mulheres, só pela condição do gênero, temos que estar em constante luta diária para que tenhamos

nossa voz ouvida. É uma tarefa árdua que temos pela frente, pois recai sobre os nossos ombros termos que constantemente mostrar que somos capazes e, com isso, vem a cobrança sobre nós mesmas. Ser mulher é poder ter o direito de escolha, liberdade e voz ouvida diante de uma sociedade que tenta nos oprimir. Ser mulher é enfrentar uma estrutura social patriarcal, que tenta nos fazer desistir e nos deixar em silêncio nos espaços de fala.

Ser mulher é poder deixar para nossos filhos e netos o quanto é importante a igualdade de gênero para que tenhamos um mundo mais igualitário, pautado efetivamente na nossa Carta Magna, com o princípio constitucional de Igualdade, em seu art.5º, inciso I: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição: Assegura-se a igualdade entre homens e mulheres perante a lei. Assim, é vedada a discriminação de qualquer pessoa em função de seu sexo.”

E é exatamente esse trabalho que o movimento feminista vem fazendo, a meu ver. O movimento busca reconstruir o mundo para que a igualdade entre os gêneros possa efetivamente existir. Estamos ainda em busca dessa igualdade, haja visto que o que temos como realidade em pleno século XXI, é que o patriarcado ainda está solidificado em estruturas sociais que, de uma certa maneira, continuam oprimindo as mulheres, apesar de muitas conquistas.

Já o machismo sempre está na posição de superioridade se comparado com o feminismo. Nós estamos lutando por igualdade desde sempre, enquanto o machismo tenta persistir na superioridade, existindo nas mais diversas formas de opressão e violência contra as mulheres.

O feminismo que eu acredito é aquele pautado no respeito às diferenças, mas que percebe efetivamente que homens e mulheres

precisam quebrar paradigmas e lutar juntos para que a igualdade de gênero venha de fato a fazer parte da nossa sociedade. Isso somente ocorrerá a partir do momento que não mais replicamos comportamentos, condutas e falas que nos foram colocados, de geração em geração, perpetuando essa força insana de desigualdades, violências e desrespeitos as mulheres.

O feminismo representa, para mim, a Força e a Coragem da mulher que continua como uma fortaleza ao longo da história, implorando para ser ouvida em um mundo que tenta de todas as formas silenciá-las e oprimi-las seja em seus lares, nos espaços de trabalho ou em espaços públicos, ferindo os direitos humanos e a dignidade da pessoa humana.

Meu primeiro contato com o machismo e a sociedade patriarcal aconteceu quando, aos quinze anos de idade, eu engravidei e fui estigmatizada dentro de um colégio de classe média que me colocava fora do “script”, me segregando em sala de aula com falas, de alguns poucos professores, que me diziam o tempo todo que eu deveria ficar em casa ou fazer magistério, além da proibição por parte de pais de amigas que não mais deixavam que suas filhas tivessem amizade comigo, por eu ser uma menina que engravidou cedo, não sendo, então, exemplo a ser seguido. O pior de tudo eram as mulheres pensando isso de mulheres.

Com a ajuda de poucos mas fiéis amigos, tive que me reconstruir e acreditar na força de uma menina-mulher que descobri existir em mim, por saber e sentir que eu era realmente diferente daquelas imposições criadas sobre como a mulher deveria se comportar para ser “aceita pela sociedade”. Foi um alívio saber que eu era realmente diferente e estava, de certa forma, quebrando paradigmas por já

saber que lugar de mulher é onde ela quiser, mesmo que para isso tivesse me custado alguns momentos dentro do banheiro do colégio chorando copiosamente.

Com o passar dos anos, vivi sob olhares e comentários machistas quando, depois de 11 anos de casamento, resolvi me separar por ter um homem ao meu lado que podia tudo. Por várias vezes acreditei nos “conselhos” e falas machistas de meus pais (pai e mãe), que casamento era assim mesmo, que toda mulher passa por isso e que, se eu resolvesse me separar, ficaria falada, caso típico de crenças limitantes que o patriarcado nos coloca para nos impor condições e nos fazer estagnar como mulher, nos mantendo sempre sobre o domínio. O bom de tudo isso é que meu sentimento de coragem e força brotava cada vez mais e não desisti de dar continuidade e enfrentar a sociedade patriarcal. Mas, confesso, pagando um preço alto com preconceitos por ser uma mulher separada e mãe.

Aos poucos, fui encontrando no feminismo e em outras mulheres a força que eu precisava para me encorajar, buscando o conhecimento sobre o tema na literatura para compreender o meu lugar no mundo, pois o que eu de fato buscava era respeito para com as minhas escolhas. Minha dor maior foi ter que enfrentar pensamentos diversos da minha família em relação a ser uma mulher separada, pois afinal quem iria me querer?

Pude compreender que, ao longo da história das mulheres, eu estava como muitas outras que foram segregadas de suas vontades, engolidas pelo patriarcado de forma cruel, sem poder ter a dignidade de uma vida plena como ser humano. Vi e soube que muitas mulheres da minha família passaram por diversas situações descabidas, onde o homem era o dominador e as mulheres não tinham voz.

Renasci, com muita resiliência, mas por muitas vezes fui taxada de “ovelha negra da família”, aquela que não seguiu o “script” que era determinado mas que ousou fazer diferente em um mundo que queria o tempo todo me segregar como mulher, invalidar minhas escolhas e me apagar. Confesso que, por tudo isso, ainda carreguei uma culpa muito grande até os meus 40 anos de idade, achando que eu devia sempre algo a “pagar” para meus pais e irmãos, como um perdão eterno, quase um autoflagelo. Com tudo isso, depois de anos, conheci uma outra pessoa que me limitou o tempo inteiro como mulher e com o pior do machismo estrutural: a violência.

Fui vítima de violência de um namorado, há anos atrás e, na época, tive medo e vergonha de fazer a denúncia. Hoje me curo por meio de um projeto que criei quando era acadêmica de Direito chamado #naocaleasuavoz, fazendo vídeos com relatos de vítimas de violência, bem como palestras sobre a importância de desconstruirmos a sociedade patriarcal em que vivemos, pautando os tipos de violência existentes e auxiliando muitas mulheres, por meio da minha história, a se empoderarem e ajudando outras a identificarem os tipos de violência e como agir em momentos delicados como esse e jamais se calarem como eu fiz.

Precisamos Despertar! Essa união das mulheres querendo quebrar paradigmas e não aceitando mais situações descabidas de violências, desrespeito, opressões e saindo do silêncio me faz acreditar que estamos, sim, no caminho certo para que a igualdade de gênero possa um dia prevalecer. Eu acredito em um mundo melhor e vou lutar por ele!



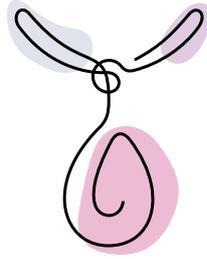




Mulheres  
Fortalecem  
o Futuro



11  
Filhas



# Beth Tiscoski

Assistente Social e

Presidente do PP Mulher de SC

Feminismo é um movimento político e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens. É um movimento defensor de diversas bandeiras importantes que, em algumas situações, é criticado pela sociedade. Mas, acredito que o feminismo está em todas as nossas ações e conquistas. Quando uma mulher ocupa um lugar que antes era apenas dos homens, não importa se é na política, na escola, em uma empresa ou em casa, como chefe de família. Aquela conquista é resultado de paradigmas quebrados diante de toda a criação que recebemos. Por muitos anos, ouvimos que isso não é coisa para mulher, esse trabalho não é para mulher. Mas, hoje, a gente sabe que pode ser o que quiser. Em muitos momentos eu fui a única mulher na mesa de um evento político. Em diversas situações, algumas mulheres vieram me dizer que foram para a política

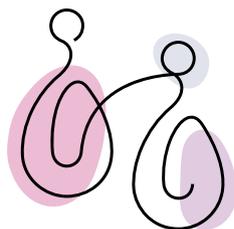
inspiradas pela minha participação em um meio que, até hoje, em sua grande maioria, é ocupado pelos homens. Sinto que nossa presença abriu muitas portas e isso me motiva a seguir fazendo aquilo que amo. Inspirar outras mulheres.

Por isso, acredito que ser mulher tem alguns significados importantes. Ser mulher é ter independência, coragem, sensibilidade e conquistas. É ser protetora e ao mesmo tempo independente. É ser forte e sensível, e acima de tudo, saber defender suas escolhas. Ser mulher para mim é ser inspiração.

Minha história de vida sempre esteve associada à vida em comunidade. Sou filha da dona Valda e do seu Luis Pellegrini. Ele foi vereador em Araranguá e prefeito de Meleiro. Eles me ensinaram que a participação da mulher na sociedade ocorre com força dentro de casa e fora dela também. Casei com o Leodegar Tiscoski, que foi deputado estadual e federal e com ele não foi diferente. Um grande motivador do espaço da mulher na política. Sempre ao seu lado, não fui apenas mulher, mãe, avó e empresária. Eu ocupei os espaços que busquei. E como resultado da minha participação efetiva, fui escolhida por centenas de mulheres que representam todos os estados catarinenses, como presidente do PP Mulher Nacional. Foi uma experiência única, que me levou para as urnas por duas vezes, como candidata ao Senado e à Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Atualmente, sou presidente do PP Mulher de Santa Catarina. Como mãe do Leonardo e da Gabriela e avó, penso que é por meio da política que vou trabalhar por um mundo mais justo e fraterno para o futuro de todos.







# Juliana Pavan

Vereadora em Balneário Camboriú

Cada mulher tem o seu jeito, a sua particularidade, a sua essência, o que acaba sendo o resultado de suas escolhas e de seus ideais. Ser mulher, pra mim, representa a força, e não falo de aparências, mas de resistências. Costumo dizer que existem dois tipos de mulheres: as que são fortes e aquelas que ainda não se deram conta da força que possuem. A força é uma característica inerente à mulher, se não se sente forte, é só relembrar a sua trajetória até esse momento. Com isso, toda mulher vai perceber que já realizou feitos extraordinários.

A minha história pessoal e profissional sempre esteve ligada à luta pelos direitos das mulheres. Desde jovem, participei de movimentos estudantis, políticos partidários e sociais que defendiam a igualdade. E agora, como vereadora e procuradora da mulher, tenho a oportunidade de trabalhar diretamente para garantir a proteção e

os direitos das mulheres em nossa cidade. A união das mulheres e o feminismo são fundamentais nessa trajetória, pois só com a nossa união e luta conseguiremos avançar na conquista de uma sociedade mais justa e igualitária para todas e todos.

E o feminismo é justamente isso, é um movimento que busca a igualdade de gênero em todas as esferas da vida. É uma luta contra o patriarcado e contra todas as formas de opressão que as mulheres enfrentam. O feminismo representa a busca por uma sociedade mais justa e igualitária, em que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades e direitos, sem distinção de gênero. 







## **Ana Lúcia**

**Graduada em Gestão  
e Planejamento de Eventos**

O Ser Mulher já é um desafio, por si só. A mulher do mundo atual não é somente desafiada pela sociedade, mas por si. Como assim... por si? Porque o “eu mulher” me solicita nas mais diversas atuações: eu mãe... eu empresária... eu dona de casa... eu... eu... e ainda me cobro para estar com aparência impecável, alimentando meu ego. Nos cobramos em estar bem resolvidas a todo tempo, como se não tivéssemos o direito de fraquejar... de pedir “socorro”.

O movimento feminista, e especificamente o termo “feminismo”, não costumo ainda utilizar muito, mas que se reflete na mesma coisa de outra que está diariamente em meu vocabulário, que é o empoderamento feminino. As ditas igualdades se alcançam a partir do momento em que confio em mim e reconheço meus valores. Na sequência, consigo me expressar e passar isso para sociedade.

A engrenagem de uma mulher que exalta e contribui para o sucesso de outra mulher deve ter um efeito dominó, permitindo assim, novas conquistas.

Acredito que, além das diversas lutas pela igualdade, temos que refletir e colocar como prioridade o fortalecimento emocional das mulheres, que interfere em todas as esferas de nossas vidas.

Em minha trajetória de vida, cursei duas faculdades e fiz pós-graduação, muito estimulada por duas professoras mulheres, que viram em mim um potencial, onde na verdade eu agia apenas por instinto de sobrevivência. Em ordem crescente, ao enfrentar momentos de estresse em minha atuação profissional, ao invés de buscar auxílio médico, há sete anos, resolvi entrar em um curso de extensão, visando momentos de descontração. De maneira espontânea nasceu a minha empresa, a Anna's Lingerie. Comecei com peças simples e hoje com peças sob medida. Embora pareça, não se trata apenas de um comércio de peças íntimas. Por trás, há muito mais do que isso, pois é um espaço onde nós mulheres nos reunimos, conversamos, nos fortalecemos e conhecemos tantas outras do mundo real: com forças e fraquezas, com limitações e superações: "somos mulheres que exaltam outras mulheres!". 







# Valdeonira Silva dos Anjos

Professora e Pós-graduada em Multiculturalismo

Será que já nos demos conta de que são 113 anos de reflexões sobre a data que congrega as mulheres no mundo? No entanto, em que pese toda a luta realizada e as conquistas no âmbito teórico, as conquistas práticas ainda estão longe de serem realizadas. Faz-se, portanto, necessária uma ampla reflexão sobre a situação das mulheres em nossa sociedade, em especial sobre aquelas que se encontram esquecidas e invisíveis aos nossos olhares.

Ser mulher em nossa sociedade é uma construção diária. No decorrer de toda a minha história de vida lutei constantemente para resistir aos modelos impostos à mulher negra. Estudei, me tornei professora, militei na política e na cultura. Cumpri o papel de esposa e mãe. Hoje considero que ser mulher é exercer o papel de protagonista, guerreira, capaz de lutar e ter esperança na transformação da nossa sociedade.

O feminismo, em sua concepção inicial, não contemplava a luta das mulheres negras. O grande ícone do feminismo negro brasileiro foi a antropóloga Lélia Gonzalez, seguida por outra expoente que foi nossa grande Antonieta de Barros. Assim como tantas outras mulheres negras, ainda invisibilizadas.

Nasci em 26 de setembro de 1935. Filha de Augusto Silva e Maria Martinha da Costa. Desde pequena tinha interesse pelos estudos. Iniciei a minha escolaridade no Grupo Modelo Dias Velho, escola fundada pela Deputada Antonieta de Barros. Do curso primário ao normal, eu concluí meus estudos com dificuldade. Mas cheguei à Universidade e concluí os cursos de Estudos Sociais, História e pós-graduação em Multiculturalismo. Foi gratificante chegar até onde pretendia.

Lecionei em diversos estabelecimentos. Me aposentei depois de 30 anos lecionando. Fui alfabetizadora por excelência. Tive uma forte missão de cuidar das pessoas. Muitos cidadãos se encaminharam aos estudos com a minha ajuda. Gosto de aprender e ensinar artesanatos. Fui contemplada com o título de Mulher do Saber, com amostra e confecção de fuxicos. Tenho um grande reconhecimento pelo envolvimento das mulheres negras Neli, Uda, Altair e Alci, que me ajudaram a formar o primeiro grupo de mulheres negras de Florianópolis. 







# Annalisa Dalzoto

Educadora financeira

Fui privilegiada, meus pais me fizeram acreditar que eu poderia fazer qualquer coisa, independente do meu gênero. Casei muito jovem, mas meu marido também sempre me apoiou. Porém, sou da época em que a mulher tinha que ser a “mulher maravilha”: trabalhar, cuidar da casa, filhos, marido, fazer academia, as unhas, se arrumar, etc e tal. Socorro! Hoje não tenho a menor pretensão de ser Super Mulher, então fico com a parte boa no feminino, que acolhe, que conversa, que cuida, que respeita seus limites e que busca ser feliz.

Para mim e para o Grupo Mulheres do Brasil, do qual faço parte, ser feminista é acreditar que a igualdade de gênero é fundamental. Não somos contra os homens, afinal somos mães, filhas e irmãs dessa outra metade da população. Mas somos, sim, a favor das mulheres. Eu, particularmente, acredito que podemos corrigir essa desigualdade com diálogo, carinho, entendimento sobre o machismo

estrutural, que está em todos nós. Vejo com muita frequência essa mudança acontecendo, muitas pessoas que aprendem, quando percebem que estão tendo pensamentos machistas, rapidamente se corrigem. Acredito que temos muito a avançar, mas estamos começando a caminhar com passos largos.

Minha história é longa, do tamanho dos meus anos vividos, mas a influência maior do feminismo, estruturado, transformador, se deu quando me engajei no Grupo Mulheres do Brasil. Fundado em 2013 por 40 mulheres, entre as quais a catarinense Sonia Hess, VP do grupo e Luiza Helena Trajano, nossa presidente, o GMDB é para mim um estilo de vida. Em 22 de março de 2017, justamente no Plenarinho da Alesc, com o apoio do Fórum Suprapartidário, sob a minha liderança e a de Fernanda Bornhausen, fundamos o núcleo de Florianópolis. Hoje o núcleo é liderado por nós e Vanessa Lopo. Aliás, o Fórum Suprapartidário e a bancada feminina da Alesc sempre apoiaram o GMDB e vice-versa. Destaco aqui o reconhecimento e a gratidão pelo apoio que toda bancada feminina deu ao “Unidos pela Vacina”, movimento que contribuiu para que a vacinação contra a covid-19 acontecesse em todo o Brasil.

Uma característica bacana de muitos grupos feministas, é o apoio aos outros movimentos, afinal juntas somos mais fortes. Nos últimos anos, ganhamos o apoio de muitos homens também, que perceberam que podem contribuir para acelerar esse processo. E assim vamos fazendo parte de um círculo virtuoso, no qual nos apoiamos, aprendemos e nos retroalimentamos.

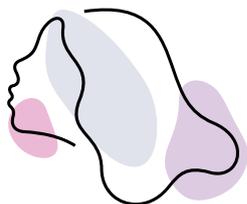
A convivência no GMDB influenciou muito minha trajetória profissional. Entendi que atributos femininos são excelentes para

liderar pessoas, então passei a usá-los como meus pontos fortes: capacidade de acolhimento, conexão por meio do diálogo, empatia, visão de longo prazo, resiliência, firmeza exigente, porém com carinho. Percebi também que o bacana é ser feminina, e não tentar se conter para ser vista como igual, num mundo tão masculino. Dessa forma, passei a ser mais livre, natural e feliz!

Em minha casa, eu dedicar parte do meu tempo para buscar um mundo melhor, foi fonte de admiração, meu marido e meus filhos não só me apoiam, mas também apoiam causas femininas, se tornaram feministas também.

Atualmente sou conselheira estratégica do grupo MB, que adquiriu a empresa que fundei, a ParMais planejamento financeiro. Ali estamos estruturando o conselho e comitês tendo a diversidade de gênero como condição sine qua non. Sou VP de finanças na Acate, que também decidiu que diversidade de gênero é necessário. Sou conselheira do programa Winning Women da Ernest Young e membro do WCD, que apoia mulheres em conselhos. Sou conselheira de administração da Librelato Implementos Rodoviários, que também entendeu os benefícios de um conselho diverso. Enfim, o feminismo está em todos os lugares por onde circulo, como ferramenta fundamental para o desenvolvimento dos negócios e de toda a sociedade. 





# Lucia Dellagnelo

Doutora em Educação e Desenvolvimento Humano  
// Consultora de organizações internacionais

Movimentos sociais que lutam pela igualdade de direitos e valorização da diversidade, como o feminismo, atendem não apenas um requisito ético, mas uma condição indispensável para o desenvolvimento econômico e social de uma sociedade. Mulheres correspondem à metade da população e sua contribuição para geração de riqueza acontece por meio de sua atuação profissional, política, familiar e social.

Ao longo da história foram sendo criados e reproduzidos estereótipos sobre o lugar da mulher na sociedade. E esse lugar era geralmente invisível e limitado ao ambiente familiar. Como disse a escritora Virginia Woolf “por muito tempo na história ‘anônimo’ era uma mulher”. O aumento da escolaridade entre mulheres e sua entrada massiva no mercado de trabalho forçaram mudanças e a quebra gradual desses estereótipos.

Minha experiência como mulher reflete esse movimento. Busquei sempre as melhores credenciais acadêmicas e profissionais: mestrado e doutorado pela Universidade de Harvard, vivências em diferentes países, busca constante de capacitação e aperfeiçoamento. Mas essas credenciais nem sempre foram suficientes para enfrentar desafios criados por preconceitos e estereótipos pela minha identidade como mulher.

Enquanto atuava na área social e de educação, majoritariamente liderada por mulheres, não senti tanto o peso desses estereótipos. Mas quando assumi a liderança da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico Sustentável de Santa Catarina a discriminação e expectativas em relação à minha atuação ficaram explícitas. As aparentes gentilezas e deferências por minha condição de mulher em uma equipe predominantemente masculina eram acompanhadas por atitudes de desrespeito ou minimização de poder de minhas decisões políticas.

A verdade é que a política foi, e ainda é, um espaço social construído sem diversidade de gênero, de raça e de classe social. Apesar de 52% do eleitorado brasileiro ser formado por mulheres, representamos apenas 15% dos cargos eletivos. Mulheres que buscam estar na área política sofrem diversos tipos de violência nem sempre reconhecidos e punidos. O estudo “Debaixo do Tapete: A Violência Política de Gênero e o Silêncio do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados” (Pinho, 2020), apurou que, em 20 anos, o Conselho de Ética nunca acolheu uma representação de deputadas mulheres vítimas de violência política de gênero dentro do Congresso brasileiro.

A partir de minha experiência pessoal, busco incentivar meninas e mulheres a participar e assumir protagonismo no espaço social,

científico e político da sociedade. Faço parte do Conselho Diretor da RAPS- Rede de Ação Política pela Sustentabilidade-RAPS que tem como missão qualificar lideranças políticas democráticas, inclusivas, éticas e comprometidas com o tema da sustentabilidade. A RAPS lançou em 2022 um guia para combater a violência contra mulheres na política, com caminhos práticos sobre o que fazer em cada caso, para convocar toda a sociedade a enfrentar essa barreira que tenta impedir a participação e calar a voz de mulheres nos ambientes políticos.

Democracia se constrói e se fortalece na diversidade. É por meio do diálogo entre diferentes identidades e experiências de vida que é criada a teia que galvaniza uma sociedade. Precisamos unir corações e mentes para enfrentar as ameaças à democracia trazidas pela tecnologia, mudanças climáticas e desigualdade social. 





# Eliane Butin

Auditora aposentada da Petrobras e Coach

Penso que temos um dia específico no ano em que possamos avaliar todas as conquistas que nós mulheres tivemos em todas as áreas especificamente, não só no mercado de trabalho, na área política ou na área econômica. Mas toda a nossa representatividade em todas essas áreas. E precisamos avaliar o que falta ainda pra que nós tenhamos a tão sonhada equidade. Precisamos buscar dentro de casa, educar nossas crianças desde já para que não repitam falas e erros que nossa sociedade lá atrás veio perdurando. Temos que mudar esse conceito estrutural da sociedade, mas para mudar efetivamente será algo que vai acontecer de geração em geração e por isso nós temos que parar e repensar essa estrutura na qual nós criamos também os nossos filhos.

Sempre que se fala em movimento feminista, as pessoas que não conseguem entender ou compreender esse processo ou esse

movimento, pensam em ações radicais. Muito provavelmente já vem a mente de mulheres queimando sutiã ou em liberdade sexual. O movimento feminista vai muito além disso, ele tem como base a luta pela igualdade social. Os direitos das mulheres em combater qualquer modelo patriarcal, modelo machista, de abuso, em que a gente tem aí na história do nosso país e do mundo em que a mulher sempre foi subjugada. Se resgatarmos na história, mulheres da idade média com grande conhecimento eram consideradas bruxas. Era uma forma de coibir a manifestação da mulher com plenitude. Ou seja, é mais fácil subjugar para que as mulheres vão perdendo sua voz. Então esse movimento foi justamente pra buscar a voz dessas mulheres para lutar por essa igualdade, por essa equidade e principalmente diminuir a violência que é histórica contra a mulher.

O feminismo é um movimento necessário para toda a sociedade chegar a um ambiente de igualdade, não só social mas econômica e de direito à vida. Tirar essa visão patriarcal, em que o homem é o todo poderoso.

Eu comecei no processo de me ver como uma mulher feminista ainda muito jovem. Eu não queria ser a cópia da minha mãe. Olha que coisa interessante, minha mãe era subjugada, meu pai era extremamente machista, minha mãe não trabalhava, era do lar e os escutei algumas vezes, meu pai falando que ele era o provedor da casa e ela que estava subjugada era obrigada a fazer o que ele achava que tivesse que ser feito. E, intimamente, bem lá no fundo eu falei que isso não iria acontecer comigo. A gente fala muito em repetições familiares e eu fiz o contrário. Eu fiz um protesto, fiz uma combinação interna que eu jamais permitiria que um homem falasse assim comigo.

Mas para que eu pudesse ter esse respeito eu precisava ter conquistas que me deixassem forte perante uma sociedade patriarcal. Então, muito cedo eu comecei a estudar, fiz vários concursos públicos em que eu fui aprovada e toda a minha conquista se deu através da minha posição profissional e daquilo que eu acreditava que era a minha valorização. Eu era muito convicta da minha posição, me coloquei em um lugar que a subjugação não interferiria nas minhas conquistas e nas minhas lutas. Mas não é uma realidade com todas as mulheres e eu fui vendo isso. Fui percebendo que, se quisessem criar um movimento de fortalecimento desses valores, e tirar essas culpas que nos são colocadas por sermos mulher, eu deveria trazer outras realidades de quem vive outras dores e outras culpas para entender as dificuldades e necessidades.

E isso se tornou uma missão de vida pra mim. Um compromisso de ajudar outras mulheres e que elas pudessem se enxergar sem culpa, sem julgamento. Para quebrarmos juntas o paradigma de que mulher não ajuda mulher, de que somos invejosas, de que só os homens é que são unidos. Por isso, dia após dia, mesmo sendo aposentada como auditora fiscal, eu sou convicta do quanto podemos conquistar e transformar quando as mulheres estão unidas.





# Marcilei Vignatti

Presidente da União de Vereadores  
de Santa Catarina - UVESC

O feminismo é o nome dado à luta das mulheres pela igualdade de direitos, por respeito, pela liberdade de escolhas e manifestações, pelo enfrentamento as violências de gênero, sexistas, homofóbicas, xenofóbicas, machistas, etc. A história explica e evidencia os movimentos nessa direção. Nessa herança, constatada desde a história primitiva, a mulher trava movimentos de superação datados de séculos. Foram muitos avanços forjados por lutas coletivas, entre eles o de expressar as próprias escolhas, como o direito a votar e ser votada. Tivemos avanços, mas ainda temos muito a caminhar. As mulheres são a maioria em nosso país, mas estão apenas em 16% dos espaços de poder e decisão. Significa que estamos em poucas nos lugares onde se decide a vida de todos, sendo fundamental o avanço do feminismo enquanto movimento político revolucionário que

rompe com opressões, cria condições para ampliação na ocupação de espaços e interrompa ciclos de violência. O feminismo é o movimento político capaz de construir liberdade, dignidade e justiça para as mulheres.

Ser mulher é um desafio permanente, porque eu me importo com tudo que está ao meu redor. Das coisas mais simples e ingênuas até aquelas mais complexas. Das que são de dentro, da casa, família, as que são de longe, de fora, do outro e daqueles que nem conheço. Tenho uma mistura de gostos para tudo, e é assim que me gosto. Não sou estável, sou um turbilhão de manifestações, de altos e baixos. Gosto de conquistar e também gosto de desistir. Sou forte, calma, sou de boa, agregadora, articuladora, feminista, mas compreendi a duras penas que por ser essa mulher não sou a melhor, e se eu ficar sozinha, não sou nada. O que me faz mulher é a minha identidade agora, construída pelos lugares onde passei e pelas pessoas com quem convivi. Tenho a certeza de que não estou pronta e nunca estarei, pois minha essência é coletiva e será sempre lapidada pelos passos que darei.

É possível dizer que sou o resultado histórico das lutas das mulheres por direitos e liberdade que feminismo construiu. Em cinquenta anos de vida, olho pra traz e vejo as conquistas. O direito de estudar para além da quarta série primária e me tornar uma doutora. O direito de escolher um amor, de me casar, de constituir família. O direito de escolher uma profissão e viver dela. O direito de participar de um partido político, de votar em quem eu escolhesse, de me candidatar, de ser votada e ocupar um cargo eletivo. Direito de comandar espaços.

Contudo, minha identidade como sujeito de direito se deu devagar.

Até os 16 anos permaneci no meio rural, trabalhava com minha família na agricultura e foi aí que percebi, sem muito entender que não parecia certo a divisão sexual das tarefas da família. Aos seis anos cuidava de um irmão que acabara de nascer, enquanto a mãe estava na lavoura, no tanque, compartilhando a criação dos irmãos, no fogão ou rezando pra tudo ir bem. O descanso dos homens da família não era o mesmo para minha mãe. O que se fazia com o dinheiro da lavoura também não era a mãe que decidia onde gastar. Ninguém de nós questionava tal jeito de viver, havia amor e, embora houvesse sofrimento, parecia ser assim natural.

Na escola, uma sementinha de líder que se metia em tudo, no apoio a professora, nos grupos de dança, na banda da escola, no grêmio estudantil, no time de vôlei, de futebol, etc.

Aos 19 anos me casei com um líder do movimento estudantil e sindical, adentrando num mundo de possibilidades que me transformou em uma mulher de luta. Militamos juntos por 23 anos no movimento comunitário e na igreja católica e por 31 anos na atuação partidária. Todos esses anos produziram responsabilidade coletiva e senso de justiça, tendo no feminismo uma forma de organizar as lutas contra as desigualdades, as violências e todo tipo de opressão. No feminismo também encontrei o entusiasmo necessário para nunca me sentir sozinha. Temos dois filhos, duas noras e uma neta e neles vejo o experimento de novas relações afetivas, novas construções da divisão sexual do trabalho, novas perspectivas de enxergar e viver no mundo.

Me dediquei nesse tempo também ao trabalho: primeiro na Federação dos Trabalhadores Vigilantes e do Asseio e Conservação

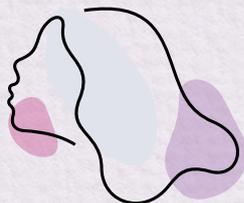
por cinco anos, e posteriormente, até os dias atuais na Unochapecó – Universidade Comunitária de Chapecó. Me formei em Pedagogia, especializei-me em Educação, com mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental e doutorado em Geografia.

O processo de militância e decisões coletivas me tornaram protagonista na vida política partidária. Concorri e fui eleita vereadora em Chapecó por três mandatos consecutivos, com atuação fortemente marcada pela defesa dos direitos e de igualdade de oportunidades às mulheres. Compreendo que trata-se do resultado da trajetória de militância e formação feminista, e que há compromissos no sentido de fortalecer os espaços ocupados para oportunizar a outras mulheres estarem nesse lugar.

Essa história ganha novos capítulos que evidenciam a força da mulher nos diferentes espaços. Em 2022 fui eleita presidente da Associação das Câmaras do Oeste de Santa Catarina (Acamosc), também fui idealizadora e coordenadora da Bancada Feminina da Câmara de Vereadores de Chapecó. Em 2023, me tornei a primeira mulher a presidir a União dos Vereadores de Santa Catarina (Uvesc), que tem 50 anos de história. Segue a luta. 



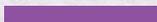




# Suelene Cruz – SOL

Poeta

O que seria das minhas dores femininas  
sem meu corpo recatado e coberto  
de panos de uma boa moça?  
Quem dera eu, logo eu.  
Quem dera fosse ouvida e não julgada,  
não amarrada entre moribundos  
que anulam minha visão.  
Quem sabe um dia meu grito  
se torne igual sem parecer histeria  
ou tensão pré-menstrual.  
Quem sabe?







# Rosane Antunes Pires Infeld

Prefeita do Município de Zortea

Apesar de ser política por natureza, iniciei minha carreira em 2004, quando me candidatei pela primeira vez para o cargo de vereadora. Até então, havia participado como cabo eleitoral de campanha em outras oportunidades. Me elegi, trabalhei muito na Câmara por 4 anos, e em 2008 me candidatei novamente. Foi a minha eleição mais difícil, mas encarei, venci juntamente com o candidato a prefeito da coligação, fui convidada a assumir a Secretaria de Administração e superei mais esse desafio.

Já em 2012, apesar de não querer disputar uma vaga no legislativo, fui convencida e me candidatei novamente. Venci, reeleita pela terceira vez. O trabalho na Câmara naquele momento tinha se tornado, por muitas vezes, frustrante. Neste momento, fui convidada a assumir a Secretaria Executiva da Associação dos Municípios do

Planalto Sul (AMPLASC), e novamente encarei de frente o desafio. Esse “Sim” para trabalhar com sete municípios da região foi, talvez, um dos meus atos mais corajosos, atuei à frente da associação por um período de 5 anos.

Até que, no ano de 2018, enfrentei sérios problemas de saúde na família e precisei me ausentar. Quando tudo estava voltando à normalidade, no ano de 2020 fui convocada para uma reunião do partido, na qual fui informada de que meu nome estava sendo cogitado para candidatura ao cargo de dirigente máxima do poder executivo naquele ano. Sem descanso nem pausa, aceitei. Uma eleição com três candidatos, pela primeira vez desde a emancipação política do município, com dois candidatos homens e eu. Fui com a garra e a coragem que emerge de nós, mulheres, e venci por 59 votos uma eleição na qual poucos acreditavam que venceria.

Ao formar a minha equipe, composta majoritariamente por mulheres, ouvi coisas como: não vai conseguir lidar nem com os funcionários. De fato, encontrei resistência de alguns, mas segui com quem partilha do meu propósito. Tenho trabalhado incansavelmente pelo meu município, amo as pessoas, agradeço a Deus pela oportunidade de servir, e não me curvo diante de nenhum comentário machista ou discriminatório. Vivo minha vida neste meio e não me coloco como vítima, nem como frágil. Sou mulher e sigo com retidão e com um propósito: transformar a vida das pessoas para que tenham dignidade e perspectivas melhores.

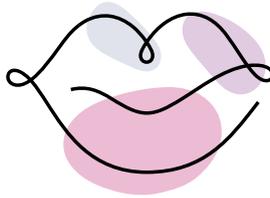
No mundo em que vivemos, com tantas divisões, nós mulheres não podemos ser alvo de desunião, ataques e preconceitos entre nós mesmas. Somos a maioria da população, a maioria dos eleitores e

ainda ocupamos somente 38% dos cargos de liderança. Por diversas vezes, somos as líderes com maior preparo acadêmico, garra e determinação para ocupar esses espaços. Precisamos que cada uma de nós exerça o seu papel com coerência e responsabilidade sem “erguer uma bandeira”, o que por muitas vezes causa desunião e conflito de ideologias que nada acrescentam em nossa luta pelo que queremos conquistar. Feminismo, na minha opinião, é ser mulher em todos os espaços, com igualdade de gênero, respeito e, acima de tudo, com a liberdade de ter opiniões e ocupar o espaço que escolher sem disputas. Simplesmente ser mulher.

Ser mulher é lutar todos os dias por uma sociedade melhor. Lutamos por posições de poder para que possamos fazer valer as políticas públicas de valorização e proteção de todas as mulheres. Lutamos por nossos filhos, netos e por uma geração de pessoas conscientes, com senso crítico e de liderança. São essas pessoas que terão a difícil tarefa de coordenar, criar leis, manter a ordem e movimentar a economia para o crescimento do Município, Estado e País. Ser mulher é muito mais que gênero, ser mulher é nunca se encontrar em posição de desigualdade, é ocupar os espaços independente de discriminações.

*“Reveste-se de tua força e dignidade, sorri diante do futuro, fala com sabedoria e ensina com amor.” (Provérbios 31:25-26).*





# Monica Duarte

## Empreendedora Social

Pertenço a uma família formada por mulheres fortes e guerreiras. Uma bisavó que criou 11 filhos vendendo renda de bilro, contando com a ajuda dos filhos mais velhos para criar os mais novos, já que o marido faleceu cedo. E 2 avós, uma foi mãe solteira e criou o filho com a coragem que pedia a época, e a outra que criou 4 mulheres e ainda passava pelo estresse de um marido que incomodava. Talvez se tivessem conhecido o feminismo na sua essência e tivessem a oportunidade que tenho hoje de estudar, certamente diriam que fazem parte do movimento feminista.

Eu conheci o feminismo e o que ele representava quando já estava na faculdade, mas foi conhecendo e lendo mais sobre ele que resgatei episódios da minha infância que me fizeram questionar as injustiças que, por menores que fossem, me proibiram e continuam

proibindo que nós mulheres façamos ações ou funções pelo simples fato de sermos mulheres, e muitas vezes “sem explicação.”

Desses episódios de um machismo escancarado que nossa sociedade reproduz de forma muito silenciosa, me recordo de estar ainda no ensino fundamental. Era verão e as meninas do 6º ano para cima tinham sido proibidas de usarem o short/saia (que existia no modelo do uniforme). Uma das explicações era “para não provocar os meninos”. Naquela época ainda muito nova e sem argumentos o suficiente, sabia que algo não estava certo, eu e as minhas colegas nos mobilizamos para ir contra a decisão. Muitos outros episódios aconteceram, uns mais sérios que outros. Engraçado o quanto a educação liberta, porque só mais tarde e com muito estudo sobre o movimento feminista, consegui digerir de forma muito dolorosa esses acontecidos. Não foram conformados, mas foram refletidos para jamais passar por qualquer situação sem uma resposta a altura e me colocar enquanto mulher que luta por essa equidade que tanto falamos.

O feminismo me fez conhecer palavras como empoderamento, sororidade, violência política de gênero e violência psicológica. Cada vez mais busquei conhecimento, mais eu aprendi a me cuidar e valorizar. Tenho convicção que para diversas mulheres o feminismo também é uma descoberta do amor-próprio. Além disso, atribuo a esse movimento a virada de chave para um olhar atento e empático a outras tantas mulheres, já que desde pequena fui ensinada por uma cultura social machista a competir com outras mulheres e a ter um olhar de rivalidade. O feminismo me fez enxergar o peso das mulheres que precisam sempre se provar, mostrar sua inteligência, trabalhar dobrado para um mínimo reconhecimento, estar na linha com

os padrões estéticos. Isso sem falar das jornadas duplas ou triplas para dar conta da família, trabalho e casa, isso sem falar das mães solas.

Hoje, como uma liderança comunitária e uma mulher que trabalha dentro da política, percebo que ainda há muito o que caminhar. Ainda estamos em um embate para explicar a todos o que o feminismo não é, já que existe também um movimento na sociedade para subjugar-lo e colocar o discurso de equidade e libertação na ala dos radicais para crescer o número dos que “odeiam o feminismo”. A parte triste disso, é que assim, trocam o foco daquilo que realmente importa e interessa: mulheres perdem a vida todos os dias por serem mulheres. Inclusive, essa parte ainda não consegui compreender. Como que não temos um pacto de ponta a ponta do nosso país para exterminarmos essa violência de gênero que acomete tantos lares, tantas famílias, tantas vidas. As políticas públicas, embora existam no papel e na legislação, também precisam do “querer dar certo” por parte de quem as escreve (preciso lembrar que as mulheres dentro da política ainda são minoria?). Reflexões, definitivamente, é o que não faltam. E esperança também não. 











ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
DO ESTADO DE SANTA CATARINA



assembleiasc



assembleiasc



assembleiasc



assembleiasc



assembleiasc



48 99960 1127



radio.alesc.sc.gov.br



agenciaal.alesc.sc.gov.br

**Bancada Feminina - ALESC**

@deputadapaulinha | @lu.carminatti | @adafaracodeluca  
@marlenefengler | @dircefaz